

BRITO CAMACHO

---

# *Gente rustica*

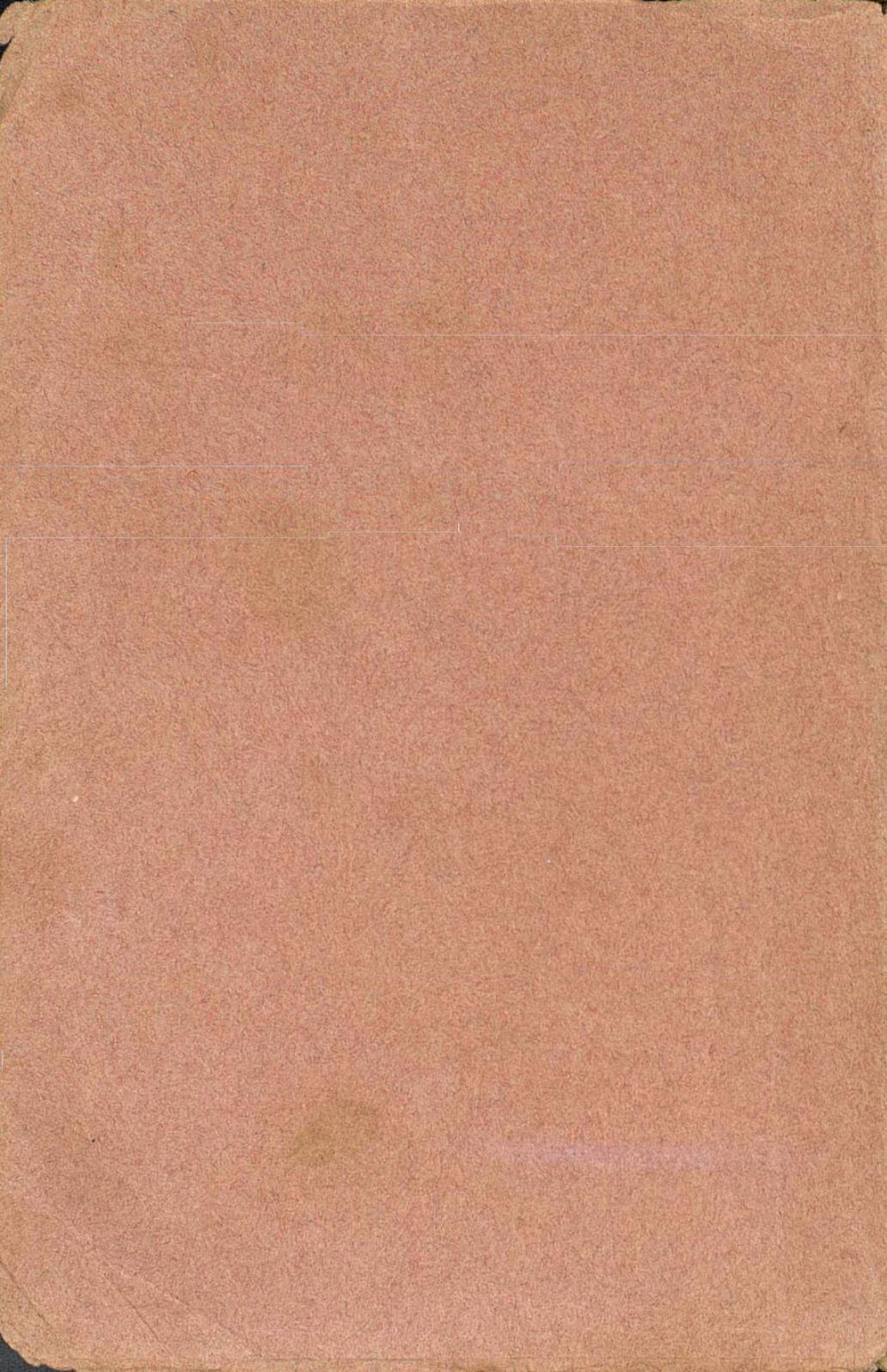


LIVRARIA EDITORA  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

68, Rua do Mundo, 70

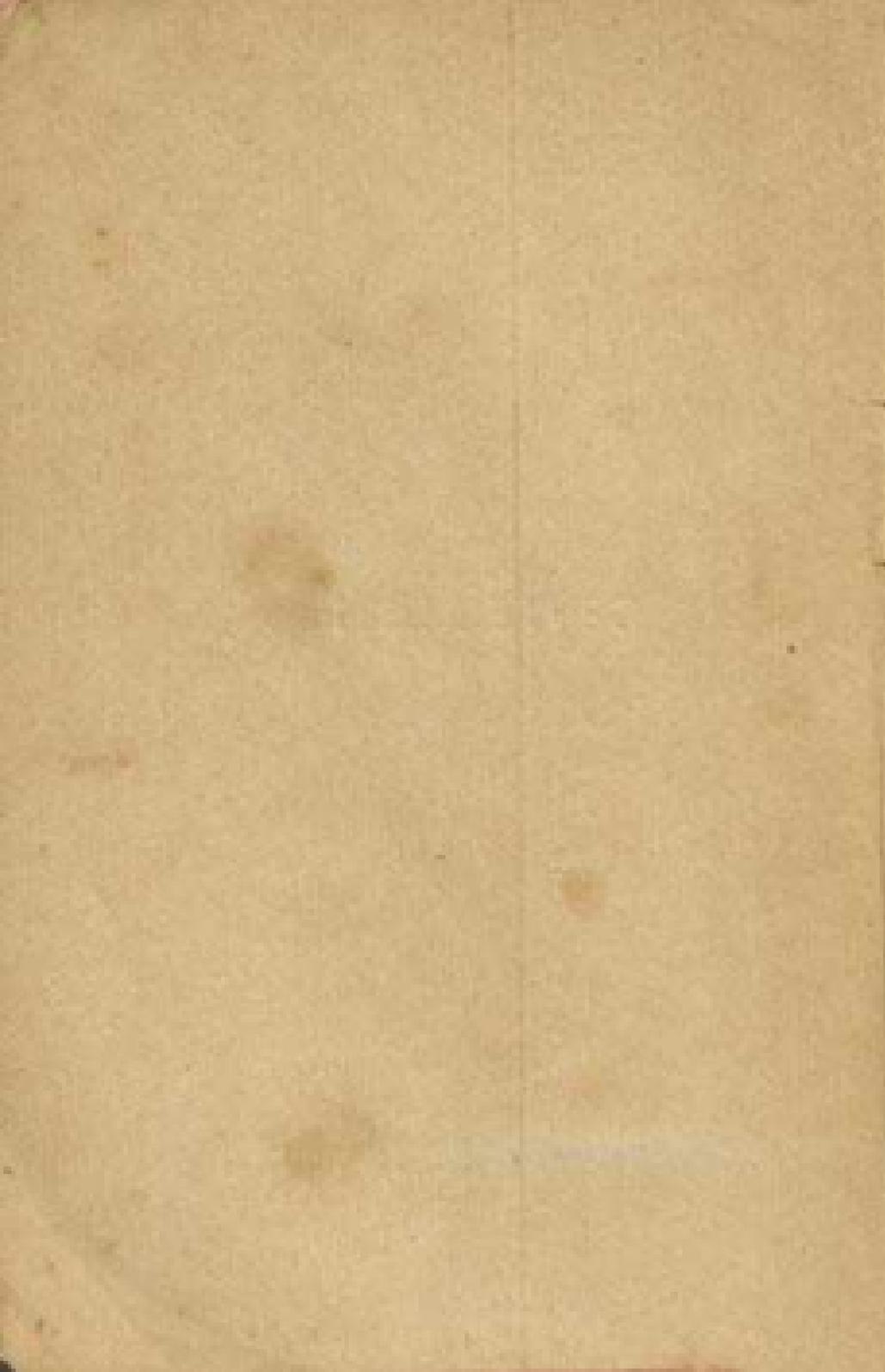
LISBOA

IMP. LUCAS



# GENTE RUSTICA

Composto e impresso na ○ ○ ○  
○ ○ IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES  
R. Diario de Noticias, 59 a 61



BRITO CAMACHO

# GENTE RUSTICA

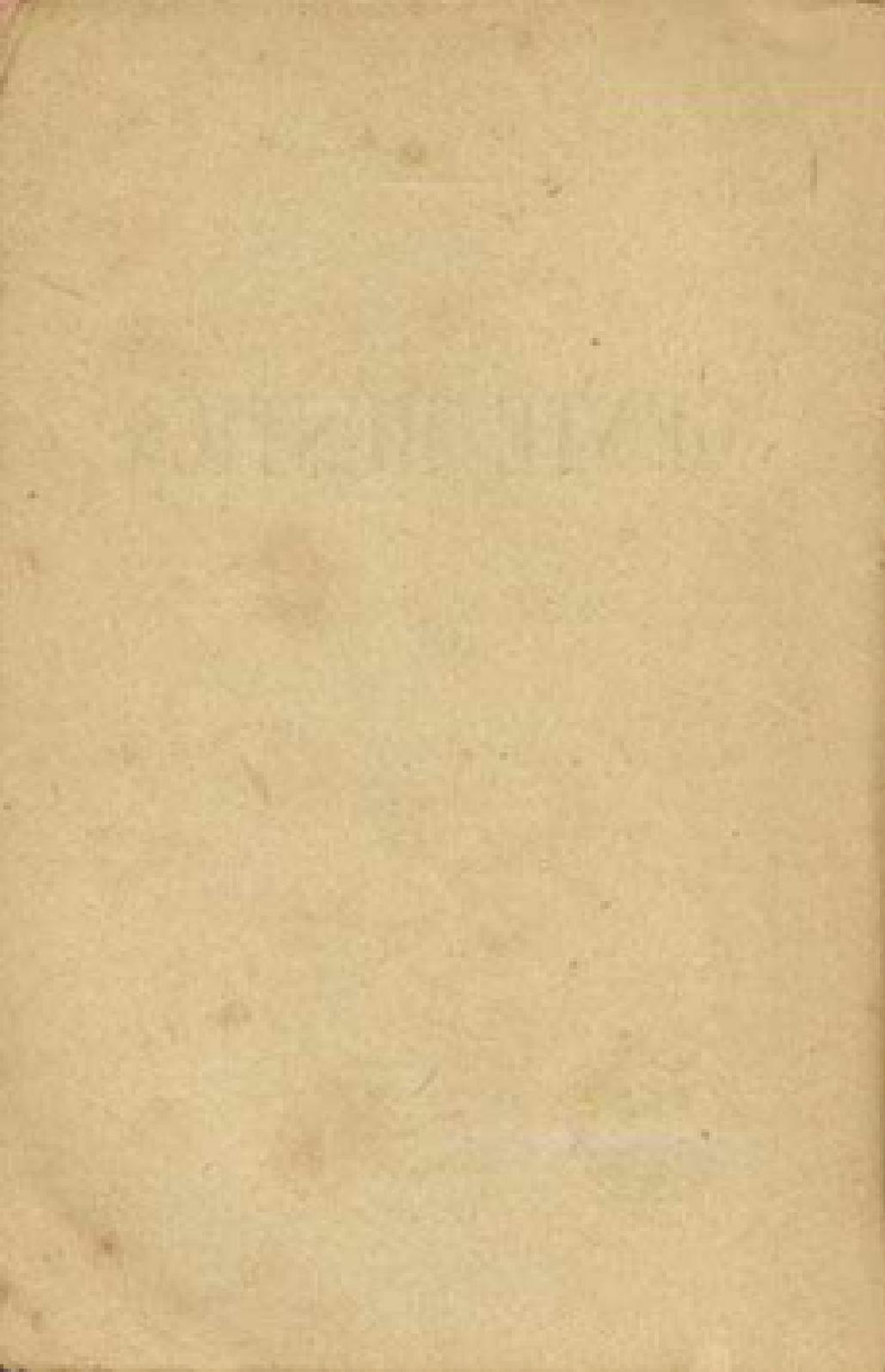


Livraria Editora

GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA



## O Figueiras

---

Sempre ruim trabalhador, depois que adoecera, mordido pelas escrofulas, não ganhava o pão que comia.

Para ali se arrumara, na herdade da Bispa, como moço de lavoura, e, mais por dó que por obrigação, durante uns poucos d'anos lhe pagaram a soldada, reparando muito pouco no que ele fazia. Não tinha a docilidade dos fracos, dos que não prestam, incapazes de marchar no caminho da vida sem a protecção d'alguem. Mesmo com os patrões repontava, e para com os outros creados era duma insolencia atrevida. Um dia travou-se de razões com o sr. Baltazar Xaveiro, abegão amador, ainda primo do sr. João Guerreiro, que o tratava como parente e lhe confiava, nas suas curtas ausencias, atribuições de feitor. Razões foram elas que o Figueiras viu-se obrigado a pedir contas, e sem dizer adeus, para não deixar saudades, com a manta ás costas e um cajadote na mão, poz-se de longada até ás Mezas, distante da Bispa um quarto de legua.

— Se cá tivessem precisão dum creado? . . .

Inquerido sobre o que era capaz de fazer, respondeu com certa altivez — *tudo o que é dado a um homem.*

Muito poucos dos trabalhos que são dados a um homem ele era capaz de fazer, á uma por falta de aptidão tecnica, e depois, tambem, por falta de capacidade fisica, mordido pelas escrofulas, que lhe abriam buracos no pescoço, por onde se faziam, intermitentemente, escorrencias purulentas.

Ficou, sem se ajustar — *vocemecê dará o que quizer* — mas tambem sem que se lhe assignalasse um trabalho determinado.

— Serve para as faltas.

Revoltava-se o seu orgulho de inutil contra uma semelhante subalternidade, de modo que nada fazia em termos, nem mesmo aquelas coisas que poderia fazer como outro qualquer, os serviços que não demandam especial aptidão, a mais insignificante aprendizagem.

Nunca soubera temperar um arado, anos e anos a lavar, e raramente lhe acontecia tomar uma parelha no carro sem verificar, logo a seguir, que um dos molins estava ás avessas.

Trabalhos que exigissem uma certa dextreza, um certo saber tecnico, ele era incapaz de os fazer, e nem pegava nos que apenas exigiam força, vigor fisico, por extrema debilidade organica.

Sucedia, algumas vezes, faltarem o almocreve e o ajuda, recebendo então o Figueiras o encargo, á noite, de tratar do gado. Enchia a mangedoura de palha, logo a seguir á ceia, e dormia como um justo até pela manhã, dando ás pobres cavalgadnras a ração, cevada ou aveia, quasi á hora de começarem o trabalho.

Dizia o Manuel André, cego d'um olho: — *Este diabo, só para não dar aos queixos, ainda é capaz de morrer de fome.*

A preguiça do Figueiras era, em grande parte, a sua miseria organica, a intoxicação de todo o seu or-

ganismo pelo virus escrofuloso, que o ia depauperando progressivamente, inexoravelmente, abrindo-lhe no corpo feridas que ele rolhava com folhas de couve, em cuja eficacia terapeutica acreditava muito mais que na dos banhos de mar e oleo de figados de bacalhau.

Estou a vê-lo, de estatura meã, escanzelado, macilento, glabro da cara, excepto no labio superior, onde curtos pêlos asperos armavam um bigode em sovela, e no queixo, onde uma pequena moita de cabelos, tambem asperos como no bigode, dava a impressão de uma carrasqueira artificial para demonstrações pedagogicas. Não era bom nem mau; o seu egoismo era uma forma da sua preguiça, e sem duvida a sua preguiça era como que o syndroma confuso do mal que o roia por dentro, e lhe escancarava bocas na péle, como que para implorar socorro.

Sabia-se, vagamente, que era filho de gente casada; mas dava a impressão de exposto, sem apparentes laços de familia, só de longe em longe visitando uma irmã que lhe tratava da roupa, e para a qual ele forrava, tambem de longe em longe, algum panito da ceia.

Não era amigo de ninguem; a desgraça e a ventura dos outros nunca lhe atormentaram o coração, nunca lhe fizeram assomar aos olhos lagrimas de satisfação ou de piedade. A sagrada rebeldia dos que protestam, porque são infelizes; a carisonha resignação dos que se humilham, porque são impotentes, nenhum destes sentimentos extremos conhecia o Figueiras, e no seu coração, talvez ulcerado como o seu pescoço, não havia logar para esses affectos medianos que constituem a trama ordinaria da vida animica em gente da sua condição.

Jámais, sentado no monturo, raspando as chagas com um bocado de telha, ele proferiria as lamenta-

ções de Job, amaldiçoando o dia do seu nascimento — *pereça o dia em que fui nado*; mas nunca também saíam da sua boca em espuma, escaldantes como a lava das crateras, as imprecações de Ezequiel, incendiado em furia contra Oóliba, que pela concupiscencia dos seus olhos tornava os homens loucos de amor carnal, e já velha ainda se babava de luxuria, uivando como as cadelas aluadas — *e tu renovaste as crueldades da tua mocidade, quando no Egypto foram os teus peitos sovados, e ficaram desfolhadas as mamas da tua poberdade.*

Não; sentindo-se morrer sobre a palha da arramada, ao transportarem-n'o para o hospital, ele não disse, ele não poderia ter dito, resignadamente, como Job — *á minha péle, consumidas as minhas carnes, se pegaram os meus ossos, e só me restam os labios ao redor dos meus dentes*; mas também não disse, não poderia ter dito, como o Cristo, imprecando Deus — *Meu pae! Meu pae! Porque me abandonas!*

O pobre Figueiras!

\*

Sucedeu que o Estravagante, capador de gado suino, ofereceu a meu pae duas parelhas de galgos, e isto fixou os destinos do Figueiras em minha casa — tratar dos cães, e ir com eles á caça. Aos quatro galgos juntaram-se uns podengos, dois ou tres, o que, juntamente com um perdigueiro de boa venta e uns cachorros atravessados, nem galgos nem podengos, fazia uma pequena matilha, a mais numerosa que havia nos sitios, muito inferior, todavia, á do sr. Jacinto Paes, do Carrascal, que era um famoso caçador de javardos.

O Figueiras tinha a paixão da caça, uma paixão que nele só era igualada pela paixão do tabaco. An-

dava um dia inteiro á caça, sem comer; mas não passaria uma hora, a não ser dormindo, sem fumar.

Para ele tabaco era tudo quanto podia queimar no cachimbo, desde a rama seca da esteva até á folha torrada, da alface. Sempre que eu podia roubar uma onça a meu pae, ia dal-a ao Figueiras, e minha mãe, em o vendo macambuzio, mal pegando na comida, acudia-lhe com um charuto, para picar, ou dava-lhe as beatas que meu pae, incorrigivel fumador, guardava numa especie de cinzeiro, quando fumava na cama.

Custava-lhe muito pedir, fosse o que fosse; mas lá um cigarrinho, quando a abstinencia de fumar ameaçava prolongar-se, pedia ele ao primeiro que encontrava, depois de ter chupado, com ancia, o cachimbinho, a queimar-se com uma braza dentro. Chegaria a andar nú se minha mãe não provesse o seu guarda roupa, acudindo-lhe com as peças de vestuario de que ele tinha mais urgente necessidade. Mas não pedia uma camisa, umas calças ou uma jaqueta, um pouco por orgulho de miseravel, um pouco tambem por negligencia de filosofo cinico. Mas tabaco!... Chorava-lhe a alma a um cantinho por uma ponta de cigarro, e se alguma vez conheceu o extase aquella creatura seca, sem vigor fisico, sem tonicidade moral, foi num dia soalheiro, andando ás lebres, estendido ao abrigo dumas estevas altas, o *Verdugo* quasi a lamber-lhe a cara, a *Andorinha* a lamber-lhe as mãos, os outros cães para ali enroscados, como honestos trabalhadores que descançam, e uma espiral de fumo, evolando-se do cachimbo, subindo no ar á altura das estevas, o bastante para ele erguer os olhos ao ceu, acompanhando-a, e pensar vagamente na felicidade da Bemaventurança — com o cachimbo eternamente nos queixos!

Consta dos livros santos que o Senhor abençoou

a Job no seu ultimo estado, chegando ele a ter quatorze mil ovelhas e seis mil camelos e mil juntas de bois e mil jumentos, prolongando-lhe, ainda por cima, a vida, por espaço de quasi seculo e meio. Assim quiz o Senhor recompensar a fidelidade de Job, victima duma intriga de Satanaz e experimentado na sua constancia de varão justo por todas as miserias e desgraças.

Pois bem; se ao pobre Figueiras, roído pela escrofulose, chaguento quasi desde o berço, o Senhor quizesse abençoar no seu ultimo estado, como a Job, não tinha que dar-lhe ovelhas nem camelos, mil juntas de bois e igual numero de jumentas; bastaria abrir-lhe um credito ilimitado nos estancos de Rio de Moinhos, por forma que nunca lhe recusassem tabaco, quando ele lá fosse buscar-o... sem dinheiro.

\*

Se não hei de lembrar-me, com saudade, do Figueiras!

Um dia meu pai, homem de letras gordas, rompeu no excesso de pregar comigo em Beja, para estudar, para ser gente. Quem não sabe, é como quem não vê, e as mais serias dificuldades em que ele tinha esbarrado, no caminho da vida, provinham de ser ignorante, quasi analfabeto, escrevendo mal e lendo peor, instruido como um fidalgo daquele tempo ou como um bacharel dos nossos dias.

Minha mãe, coitada, menos atenta que meu pae aos beneficios da instrução, o que não queria era que me separassem dela, levando-me para Beja, lá nos confins do mundo, perto do Inferno, a mais de uma hora de comboio! Ela bem sabia o que custava ás outras mães separarem-nas dos filhos, não para irem estudar, mas para irem servir o rei, animaes de tra-

balho, rijos e sadios, muitos dos quaes por lá ficavam, voltando outros pobres de saude e ricos de vicios.

— Tu nunca passaste da escola regia, e graças a Deus tens criado os teus filhos sem olhares ás mãos de ninguem.

Era verdade; mas esta razão, que minha mãe reputava de grande valor, meu pae achava-a insignificante, e na falta doutras, que o convencessem, era com lagrimas que ela advogava a sua causa — as lagrimas bemditas que as mães choram quando lhes ferem o coração.

Assentou-se em que eu iria para Beja alguns dias antes de abrirem as aulas, e na antiguidade, a que me estou reportando, o ano escolar dos Liceus principiava, invariavelmente, em cinco de outubro.

Não houve parente, amigo ou conhecido na freguezia de quem eu não fosse despedir-me, recomendando me minha mãe que dissesse, feito os cumprimentos: — *Venho perguntar se querem alguma cousa para Beja, e lá teem um creadinho ás suas ordens.*

Que bom tempo!

De todos os creados me despedi, um por um — *passa bem sr. José! Passa bem compadre João!* — os mais antigos na casa abraçando-me, comovidos, e eu a fazer-me valente, com vontade de chorar.

Dizia o compadre José Rufino, a pôr trancas num cortiço, para o Figueiras, que ali estava, ao pé dele, sentado, a cachimbar: — *Não sei como os senhores compadres, com tanto que teem, deixam ir o menino lá para tão longe!...* O Figueiras, armando em filosofo moralista, desviando o cachimbo para o canto da boca, seguro com dois dedos, explicou: — *Vocemecê cuida, tio José?... Os ricos teem menos amor aos filhos, que os pobres.*

A verdade é que ele chorou quando eu lhe disse

adeus — *Passe bem sr. Figueiras* — e não ocorreu á minha ingenuidade infantil indagar se ele chorava pelo companheiro que ia partir, se pelo tabaco que ia faltar.

As belgas que ele me pregavu, dias inteiros á caça, de manhã á noite, ora no mato, ora na terra limpa, com um alto horario para trincarmos o farnel, e umas pequenas demoras, aqui a além, junto dalgum charco, para os cães se lavajarem e beberem! De começo eu não levava espingarda, e o Figueiras não consentia que atirasse com a dele, a passaros, senão depois de a ter atacado com meia carga de polvora, deixando a buxa froixa, para o coice não ser grande. Depois, já crescidote, com treze anos feitos, espigado como se tivesse dezesseis, o Filgueiras safava de casa a espingarda do buraquinho, sem mira, muito leve, e ia pô-la num sitio por onde havíamos de passar, escondida, perto do Monte.

— A mãe deixa-me ir com o sr. Figueiras?

Concedida a licença, aviava-se o taleigo — um pão, azeitonas ou queijinho, carne assada, se a havia, no tempo competente uma chouriça para assar num espeto de pau — e vá de reunir os cães, para o que bastava fazer um tiro de polvora seca. Logo apareciam todos, aos saltos, numa alegria doida e o Figueiras, no meio deles, distribuindo-lhe festas e caricias, era como um pai lamecha a brincar com os filhos traquinas.

E ala, que se faz tarde, indo passar, olho atraz, olho adiante, pelo sitio onde o Figueiras tinha escondido a minha espingarda, que eu tomava com alvroço, como se ela fosse o meu certificado de maioridade, conferindo-me direitos de cidadão livre.

O Figueira recomendava-me sempre: — *Não engatilhe a espingarda emquanto não principiarmos a caçar.*

Logo que entravamos no mato, pondo-me á sua esquerda, o Figueiras não se esquecia de me dizer: — *Peça que vier cá para o meu lado, fica por minha conta; não lhe atire.*

Desta fórma ele evitava que eu lhe voltasse a boca da espingarda, tendo por seguro que mais facilmente lhe meteria no corpo uma carga de chumbo embaçado, do que meteria um só bago no corpo dum coelho a fugir.

O compadre João Catarino, habilissimo caçador, dizia do Figueiras, com muita graça e muita verdade: — *E' muito bom para a caça . . . porque lhe não faz mal nenhum.*

Realmente o pobre Figueiras nunca passou dum triste marteleiro, só de longe em longe sucedendo-lhe matar um coelho, e ainda mais raramente entalando uma perdiz.

Aos galgos era raro safar-se uma lebre em terra limpa, e os podengos, no mato, apanhavam quantos mitras corriam, a não ser que eles se metessem nos buracos, se os tinham a curta distancia. Isso valia ao Figueira não regressar constantemente das suas excursões venatorias com um anaco ás costas, despejado o chumbeiro e o polvarinho.

Quando ele aparecia no Monte, com um coelho ou uma lebre á cinta, meu pai dizia-lhe sempre, troçando-o sem misericordia: — *Por cada bago de chumbo que tiver no corpo, dou-te uma libra.*

A sua especialidade, em coelhos, era á espera, ou pela manhã, muito cedo, quando eles saem dos buracos, ou á tarde, no lusco-fusco, quando eles saem do mato, cautelosos, para repastarem na terra limpa. Nem sequer fumava, nas esperas, e para ali estava uma hora ou duas, de joelhos ou sentado na orla do mato, algumas vezes, se podia ser, acororado em cima dum chaparro, aguardando que um coe-

lho, sapelgueando, oferecesse o corpo ao sacrificio.

Recordo-me como se não fossem passados uns poucos d'anos: — O Figueiras, tendo fechado os cães na arramada, desafiou-me para irmos á espera dos coelhos, nas areias, ainda dentro do mato, pelo lado de uma estrada que leva á Amendoeira.

Não foi preciso repetir o convite.

O sol, muito luminoso, doirava os mais altos pin-caros das serranias de Grandola; mas já uma sombra discreta, em que havia indecisões crepusculares, ia alagando os vales e campinas, ao passo que os montes proximos, nitidamente contornados, davam aos olhos uma impressão de maciesa, como se não fossem asperos os seus flancos pedregosos, de curtos matagaes.

Perto do logar a que nos destinavamos, caminhando pela estrada, o Figueiras chamou a minha atenção: — *Não vê? E' uma aguia que anda a perseguir um coelho ou uma lebre.* Olhei, seguindo a direcção que ele me apontava, e vi, efectivamente, uma aguia pairando, ali perto, com muita magestade, por cima dum mato pouco confluyente, com pequenas clareiras, e veredas, estreitas como atalhos de cabras, cortando-o em varias direcções. Umaz vezes alteava-se, outras vezes descia, e após curtos minutos de fixidez, as azas muito abertas, movendo-se num tremor cadenciado, desenhava em pequeninos voos as curvas mais caprichosas,

— Anda á caça. Deve ser coelho.

Entramos no mato, quasi de rastos, e fomo-nos aproximando, sem fazer barulho, até vermos que tinhamos a aguia ao alcance das espingardas.

— Não tarda que ela feche as asas, e caia sobre o coelho ou sobre a lebre. Em levantando, fogo! . . .

Assim aconteceu. A aguia a descer, e nós a erguermo-nos, de espingarda á cara, e apenas ela, preso

o coelho nas garras, se encontrou um pouco acima das mais altas estevas, nós démos ao gatilho, como sob uma voz de comando, num exercicio militar.

O peor foi que a espingarda do Figueiras não tinha escorva, de modo que a sua pericia venatoria em nada tinha contribuido para tamanha Africa.

— Preferia ter perdido o cachimbo a acontecer-me uma destas! . . .

Enxamear é um officio leve, como se diz que é o dar á bomba, de modo que o Figueiras, quando já não podia fazer outro qualquer trabalho util, era enxameador — uma especie de tecnico, inhabil para serviços que não sejam os da sua especialidade.

Ainda longe das colmeias, com muito medo das abelhas, punha o peneiro na cara, e para que lhe não picassem as mãos, á falta de luvas, entrapava-as com bocados de rodilha, que já não podiam ter outro prestimo. Estou a vê-lo, sentado num cortiço, rufando com duas trancas, como se fosse a pele dum tambor, e as abelhas, formando um grande cacho em cima dum rosmaninho florido, entrarem para ele, em turbilhão, na plena consciencia dos seus destinos. Das garfas não fazia ele caso, e algumas vezes, farto de esperar enxames que não apareciam, abalava a caçar nos matos proximos e as abelhas, se tivessem enxameado, que esperassem até ao dia seguinte. Espreitar as colmeias, a ver se alguma estava morta; erguel-as, sopesando-as, a ver se tinham mel ou apenas cera, trabalho era este a que se furtava, quanto podia, o Figueiras, não obstante as instantes recomendações que meu pae lhe fazia nesse sentido.

— Um dia meto-te a cabeça dentro dum cortiço, e não a firas de lá emquanto te não picar a ultima abelha.

Era para mim, naquele tempo, um dia de grande brodio, o dia da cresta, todo ancho com o peneiro apertado na cintura, e as mãos cautelosamente aferrolhadas nas algibeiras, não fossem picar-me os bichos.

— Se as abelhas te picarem, ainda por cima levam uma sova.

Era meu pae que assinava as colmeias que haviam de ser crestadas, e na vespera eram elas transportadas em carros para o Monte, de noite, porque á hora do calor as abelhas defendem-se á valentona. Perto da malhada procedia-se ao desabelhamento das colmeias a crestar, batendo no cortiço, e mal pensavam elas, coitadas, que as obrigavam a mudar de poiso para as asfixiarem numa atmosfera carregada de fumo, a nauseante fumarada que se produz na combustão da bosta seca. Feito isto, tapava-se a boca dos cortiços com toda a especie de pano, sacos velhos e retalhos de cobertor, arrumavam-se em cima do carro, ao lado uns dos outros, como gigas de uvas, e toca para o Monte, onde a cresta se fazia. Abelhas em grande numero acompanhavam os carros, pelo silencio da noite, e Deus sabe que tragicas imprecações havia nos seus zumbidos, um vago sussurro que tanto podia ser prece como maldição, se não era as duas coisas ao mesmo tempo . . .

Sempre de peneiro na cara e as mãos nas algibeiras, eu assistia a todas as operações da cresta, muito interessado em tudo aquilo, afoitando-me de quando em quando a servir-me das mãos, para levar á boca, com muito geitinho, por baixo do peneiro, um apetitoso favo de mel. Despejavam-se os cortiços na lagariça, depois de ter manobrado dentro deles a crestadeira, desagarrando as trancas, e da lagariça os favos passavam para as ceiras, que na prensa, enfiadas na haste dum grande parafuso, sofriam a pres-

são de muitos quilos. Provavelmente já se crestava assim, no Paraizo, se o pai Adão fez apicultura; mas aquela azafama prendia-me fortemente a curiosidade, e toda aquela doçura — mel por todos os lados — excitava-me a gulodice.

Muitas das abelhas que tinham vindo atraz dos carros, se escapavam ao segundo ensaio de morte por asfixia, voltavam á malhada, acabada a cresta, talvez para contarem ás outras, que lá tinham ficado, todos os horrores de que tinham sido testemunhas. Poucos animaes possuem, em tão alto grau como a abelha, o instincto geografico, por tal fórma desenvolvido, que levadas muitos quilometros para longe do seu *habitat*, a ele tornam assim que se apanham livres. O remedio d'ocasião contra a picada das abelhas, ás vezes muito incomoda, por causar um grande inchaço, era o barro molhado, e assim o compadre Rosa, quando algum dos crestadores se queixava de lhe ter picado uma abelha, dizia logo para a familia: — *Deitem lá um rebôco n'esse diabo, a ver se não incha.*

Estou a escrever estas coisas na quietação dum gabinete abobadado, á luz de um candieiro de petroleo, com muitos livros em cima d'uma velha secretária, e a alegrar-me a vista, rindo como se fosse uma boca virgem, na bordadura duns labios de escarlata, uma grande rosa vermelha, muito linda convence-me, pelo adocicado perfume que exala, de que não é verdade, como tantas vezes se tem afirmado, que as flores cultivadas, á medida que se tornam mais belas, se tornam menos aromaticas. Pois já senti na boca, fresco como a agua das fontes, puro como o cristal da rocha, dôce como os beijos que tu me davas, ó formosa entre as mulheres, o mel dum enxame novo, que em vez de o fabricar num cortiço, o elaborasse no calice duma açucena!

\*

Um dia o boieiro, indo almoçar, disse que o Figueiras toda a noite tinha gemido, numa grande aflicção, e que pela manhã, indo a levantar-se, caíra desamparado, com uma sintoma que lhe dera.

Minha mãe foi vê-lo, e, encontrando-o mais para morrer que para viver, disse-lhe que o melhor seria ir para o hospital.

— Lá não lhe falta nada : em estando melhorsinho, que já possa comer de tudo, vem cá para o Monte.

Ele não respondeu ; mas quando lhe foram dizer, á tarde, que estava pronto o carro que havia de o levar para a vila, desatou a chorar, afogado em soluços, fazendo um supremo apelo ás forças que lhe restavam, para gritar repetidamente : — *Não quero ! não quero ! não quero !*

Era toda a gente á roda dele, patrões e creados, dizendo-lhe cada qual o que lhe parecia mais rasoavel para o convencer a ir para o hospital.

— Não ha de estar para aqui, sem remedios, ao abandono, sem uma pessoa que sequer ao menos lhe dê uns caldinhos a horas e o ajude no que fôr necessario.

Acudia logo outro, de reforço :

— Pois já se vê que sim. No hospital tem medico e enfermeiro, os remedios que forem precisos, e uma caminha limpa, que até dá consolação ao corpo.

O compadre Rosa, por quem ele tinha muito respeito, falou-lhe com severidade :

— Então que asneira é essa ? Se tu pudesses ter aqui o tratamento suficiente, os senhores compadres faziam-te a esmola de te deixar estar. Mas o quê ? Tu precisas que o medico te veja todos os dias, e uma doença assim não se cura sem remedios, que precisam ser dados a tempo e horas. O hospital não mata

ninguem, e para os pobres é que ele se fez. A senhora comadre já te disse — em estando melhor, que já possas comer de tudo, sem resguardo de boca, voltas para cá.

Tendo assim falado, dispunha-se o compadre Rosa a tomar o nos braços, enrolado na manta, e leval-o para o carro, onde já estava um colchão, para ele ir deitado.

— Não quero! não quero! não quero!

Meu pai, fingindo-se zangado, a vêr se ele cedia, e voltando-lhe as costas num movimento brusco, disse estas palavras impiedosas:

— Deixem-no! Que morra para ahi como um animal. Não lhe façam nada...

E ele então, como se aquelas palavras asperas fossem uma transigencia amovel:

— Pois não me façam nada, mas deixem-me ficar aqui até morrer...

Os cães não o largavam, sempre ao pé dele, enroscados na palha, erguendo a cabeça, num gesto intencional, como o enfermeiro solícito que não desprega os olhos do enfermo, e inquire, a cada pequeno movimento que ele faz: — *Precisa de alguma coisa?*

O Verdugo, então, o seu grande amigo, quando o via por muito tempo quieto, sem bulir, quasi lhe tocava na cara com o focinho, a vêr se ainda respirava...

Sempre a peor, já sem forças para querer fosse o que fosse, o pobre Figueiras deixou que o levassem para o hospital.

No carro, com uma voz sumida, como quem, a resvalar para o tumulo, dicta a sua ultima vontade:

— Não se esqueçam de dar comida aos cães, coitadinhos!...

A caminha, feita de lavado, parece dar-lhe ao

corpo aquela consolação de que lhe tinham falado no Monte; mas chegou o medico, á tarde, em visita extraordinaria, e sentenciou, apenas o viu, antes de proceder a qualquer indagação clinica: — *Está prompto.*

No delirio, queimando-o a febre, eram os cães, os seus grandes, os seus maiores, talvez os seus unicos amigos que ocupavam a sua froixa, quasi extincta actividade mental — *Anda cá, Verdugo!... tome lá, seu Pirolito!... tira a pata, Fandango!...*

O sr. Francisco Maricas, enfermeiro, dormia ao pé do Figueiras, e algumas vezes acordava, de noite, ouvindo-o gritar — *Agarra! agarra! Ah! lebre dum filho da... A sonhar, e era como que um sonho o seu delirio manso, o desgraçado revivia episodios do seu mister de caçador, e esses fogachos alegres, mal interrompendo o seu martirio fisico, eram os ultimos reverberos da sua alma a escurentar-se.*

Tudo lhe repugnava — *tire para lá isso!* — ; só lhe apetecia fumar.

O Maricas tinha perguntado ao medico se o tabaco lhe faria mal, e o medico, brutalmente, respondeu-lhe que o deixasse fumar á vontade, porque isso não lhe daria nem lhe tiraria um minuto de vida.

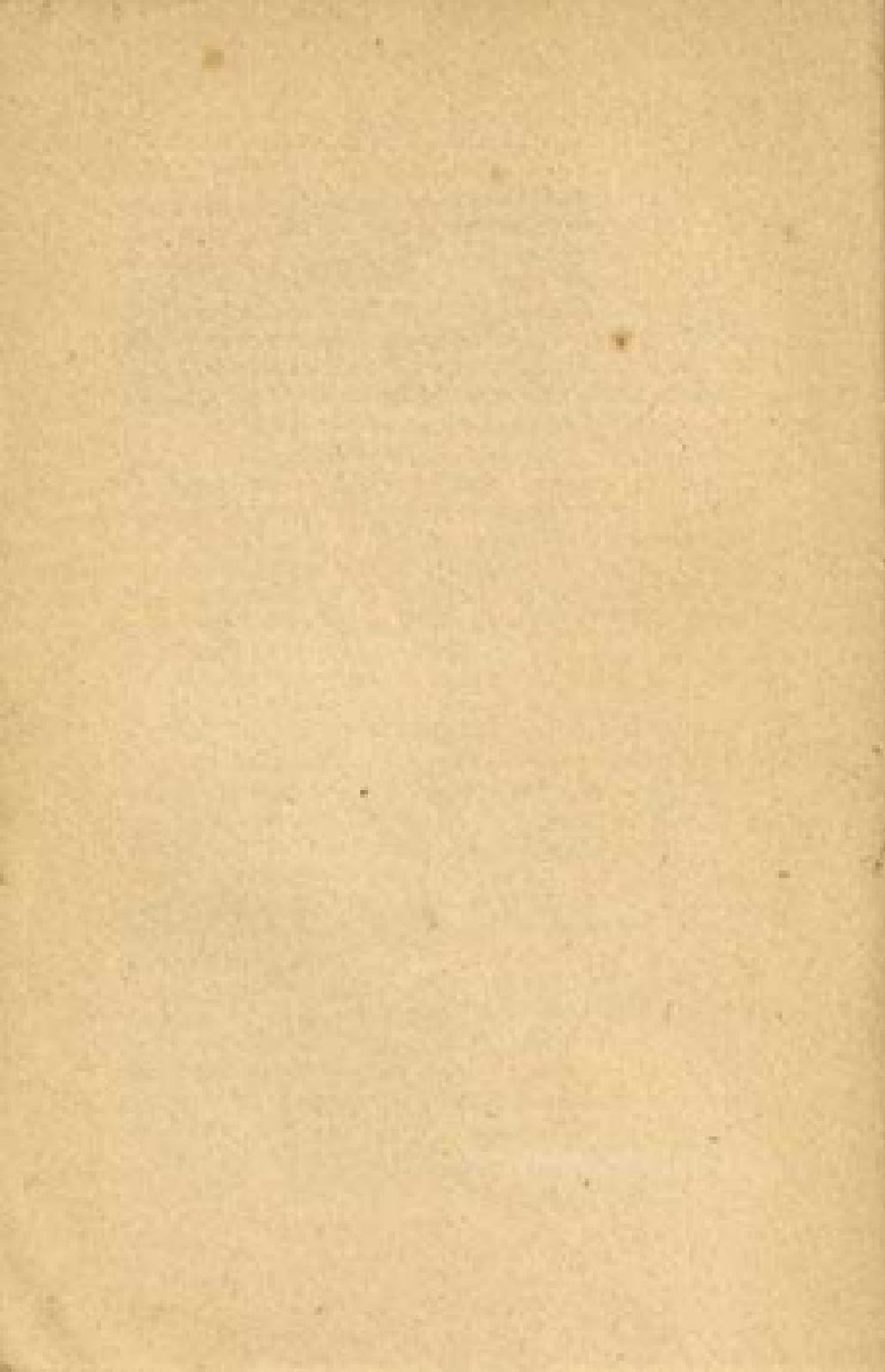
De modo que em o Figueiras dizendo que queria fumar, o enfermeiro tratava logo de lhe meter o cachimbo na boca, bem cheio, e ali ficava a vê-lo chupar sem força, para tornar a acender-lh'o, caso ele viesse a apagar-se.

Era muito religioso o Maricas — são assim todos os Maricas — grandemente observador dos Mandamentos da lei de Deus, com excepção do nono, que ele tinha alterado para seu uso proprio, damnado pelo marido da proxima. Quando o viu nos engulhos da morte, muito afflicto, levando a mão á garganta — *não sei o que tenho aqui!*... — entrou a azoinal-o para se confessar.

- Não sei a confissão...
- Mas sempre toma o Nosso Pai.
- Não tomo nada...

Veio o padre, para o ungir, e ainda o bom do sacerdote não tinha chegado ao fim das suas orações, já o Figueiras ia a caminho do céu, menos arreliado por se ver morto, que por lhe ter esquecido o cachimbo, debaixo do travesseiro, cheio de tabaco.

---



## O compadre Rabino

---

Apareceu um dia no Monte, magro, escanzelado, consumido pelas febres, havia tres mezes a contas com umas quartãs que o não largavam nem á mão de Deus Padre.

— Queres-te concertar ?

Ele não queria outra coisa ; mas sentia-se incapaz de mudar uma palha de um lado para o outro, de dois em dois dias abarracado com a quartã, para ali ficando, num mólho, de manhã á noite, sem dar acôrdo de si.

— Não faz mal, é para guardar porcos. Tenho ahi um remedio que te ha-de fazer bem.

O remedio era o sulfato de quinino, o bom sulfato inglez, que minha mãe comprava, em frascos, dando-o a quem dele necessitava, á gente pobre que o pedia.

Foi assim que o compadre Rabino entrou para minha casa roído pelas febres, umas quartãs amaldiçoadas que o não deixavam ganhar a vida.

Sucedeu o remedio fazer-lhe bem, de modo que ao fim de poucos dias estava são e rijo como um pêro verde, e comia com tal appetite que até parecia, diziam os outros creados, ter fome canina.

Por qualquer motivo o maioral dos porcos deu o

ano por acabado antes de Santa Maria, e o compadre Rabino, que entrára como ajuda, passou logo a ser o maioral, subindo de categoria e melhorando de vencimentos.

Minha mãe foi a madrinha da sua primeira filha, e assim o compadre Rabino passou a ser uma pessoa da nossa familia, compadre d'aguas bentas, o que representava, naquele tempo, uma estreita relação de parentesco, tão estreita que os compadres como tal se tratavam, mesmo que fossem irmãos.

E que adoravel, que santa rapariga era essa Maria Jacinta, que eu estou a ver, estudante de medicina em fins do curso, palida como se fosse modelada em cera branca com tonalidades amarelas, os olhos encovados, o peito deprimido, triste porque sentia a morte proxima, e ao mesmo tempo satisfeita porque me tinha ao pé de si.

— Diga-me que não morro, que eu acredito...

Pobre Maria Jacinta!

No campo, pela Primavera, em plena Natureza encontram-se florinhas, setinosas ou aveludadas, admiraveis pelo desenho, captivantes pela côr, duma beleza tão rara, que a gente pasma de as ver ali, entre plantas grosseiras ao lado d'outras flôres ordinarias, que mais fazem realçar, pelo contraste, o seu porte aristocratico. Dir-se-hia, não as vendo ao pé da esteva resinosa, da papoila branca, junto dos cardos espinhosos, armados para a resistencia a toda a especie de agressão, dir-se-hia, naturalmente, serem faes florinhas o producto duma selecção intelligente, continuada ao longo de tempos infinitos, mimosas e delicadas flôres que mãos finas de princesa fossem tratando e educando segundo os melhores preceitos dessa Arte essencialmente fidalga, como lhe chamou o Fialho, que é a Floricultura.

• Pois aparecem tambem, semelhantemente, na fami-

lia plebea dos camponezes, creaturinhas de graça perturbante, como se dentro da fragil beleza duma Tanagera habitasse o espirito sonhador duma castelã, tão nobres de sentimentos, tão fidalgas de maneiras, que a gente fica a pensar, olhando-as com enternecida curiosidade, se não coincide a repetição de certas fórmulas com a transmigração de certas almas.

\*

A vida do maioral de porcos é relativamente descansada, pelo menos durante uma boa parte do ano, de modo que ao compadre Rabino sobejava-lhe o tempo para me aturar, dias inteiros por lá, com ele, sobretudo na época das tuberas, que os porcos são uns artistas para as encontrarem, e dão o cavaquinho por elas, como excelentes *gourmets*. Não me recorde de ter ouvido ao compadre Rabino uma palavra obscena, e ia jurar sobre umas Horas, que jamais ele contou uma historia picaresca. Era um homem austero nos seus costumes, e duma grande compostura na sua linguagem. E' regra invariavel dos homens que guardam animaes, sejam eles quaes forem — ovelhas, cabras, bois ou porcos — envolverem nas suas pragas, que são exclamações de colera passageira, os patrões, donos do gado, e não se dispensam inteiramente de o fazer, mesmo na presença deles. A's vezes iam de carro, para qualquer parte, eu e meu pae, e o almocreve, farto de brigar com uma das mulas, que não queria puxar certo, desatava a bater-lhe furiosamente com o chicote, e cada chicotada tinha o reforço duma injuria grave — *Ah! mula dum filho da...* como se a minha avó fosse a mãe dele.

Tinha a religiosidade dos homens da sua condição, o compadre Rabino, mas não era fanatico nem

supersticioso ; acreditava nos santos, e não tinha medo das bruxas.

Do que ele tinha medo, um medo apavorante, era das trovoadas, a tal ponto que em ouvindo um trovão já não sabia onde havia de meter-se. . . Andava com o gado, longe do Monte, e o céu entrava a tol-dar-se, grandes nuvens correndo ao encontro umas das outras, formando esponjas do tamanho de montanhas. Daí a pouco chovia torrencialmente, e o compadre Rabino, enrolado na sua manta de riscas pretas e brancas, procurava um abrigo, se o havia ali perto, uma arvore ou uma barreira, e aguentava, ao pé da sua obrigação, o diluvio que sobre ele caía. Mas ouvia-se um trovão, ainda surdo, muito distante, e o compadre Rabino tratava de enrolar o gado, — *ó rapaz, acareia para cá aqueles porcos* — e punha-se a caminho do Monte. Se a trovoada o surpreendia, e no mez de maio as trovoadas, no Alem-tejo, armam-se dum momento para outro, o compadre Rabino largava o gado, carregava-se de trovisco, se por ali o havia, e pernas para que vos quero, até se apanhar debaixo de telha — como se o perigo, abrangendo muitos, fosse menor para cada um. Chegava, esbaforido, a manta pela cabeça, o chapéu debaixo do braço, e o seu primeiro cuidado era entregar o trovisco a uma creada, que tratava de o espalhar por todas as casas, ramo aqui, ramo além, não esquecendo nunca um raminho a tapar o buraco da fechadura, na porta da rua. Já minha mãe, também medrosa dos trovões, tinha feito reunir a familia num quarto onde não houvesse cobre ou estanho, porque estes metais atraem o raio, de modo que a sua presença, quando troveja, é perigosa para as pessoas. E' como se estivesse a ouvi-lo, o pequeno côro de vozes suplices, erguendo-se numa toada plangente, e os trovões ribombando numa orquestração diabolica,

terrificante — como se o Deus biblico desencadeasse as suas coleras por sobre as nossas cabeças.

— Porque é que o trovisco livra a gente de perigos, ó compadre João ?

— Não lhe sei dizer, sr. compadre, mas sempre ouvi contar que Nossa Senhora, indo para o deserto na companhia de seu esposo e do seu bemdito filho, uma trovoada apanhou-a num descampado, e ela então acolheu-se ao pé duma trovisqueira, rezando as suas orações. Vai então Nosso Senhor abençoou o trovisco em honra da Virgem Santa.

Tambem eu rezava a *magnificat* e cantava o *bemdito-louvido*; mas não tinha medo dos trovões, e gostava de vêr os relampagos, como faiscas, riscando a atmosfera espessa, e seguia com a maior curiosidade, como se quizesse penetrar um misterio, toda a evolução do estrondo atmosferico desde o estampido inicial, como um estalo de madeira sêca, até ao sussurro longinquo, quasi apagado, como o de um vagalhão que morre na areia.

\*

Nos primeiros dias de outubro, ás vezes nos ultimos dias de setembro, o compadre Rabino ia encabeçar os montados, e sempre os seus encabeçamentos eram mais exactos que o computo das receitas e despezas no orçamento geral do Estado.

— O Sabugueiro está carregado de comida; deve fazer umas quarênta cabeças. O Poço Secco não pôde fazer mais de trinta. O sôbro está bom, mas o sr. compadre bem sabe, afogado em matto. . .

Claro está que o compadre Rabino não tinha um processo especial, um processo seu para encabeçar um montado; mas tinha a pachorra de estacar diante de cada arvore, mirando-a bem, quasi contando-lhe

as boletas, e assim os seus calculos tinham a possivel exactidão. Ao encetar a sua tarefa, metia umas poucas de pedras na algibeira da jaleca, lado esquerdo, cada uma das pedras correspondendo a um porco magro. A' medida que ia engordando essas cabeças, passava-as para a algibeira direita, e assim, terminada a vistoria, contando as pedras que tinha nessa algibeira, sabia quantas cabeças fazia o montado. Podia vir mau tempo; as geadas queimarem a boleta; o vento sacudir as arvores, formando soleiras que o gado não podia levantar, ficando para ali a comida a estragar-se. Com estes accidentes nada tinha o compadre Rabino, que baseava o seu calculo na inspecção directa, e confiava na regularidade dos fenomenos atmosfericos, mais do que era permitido á sua experiencia de maioral.

Quando eu apanhava licença para ir ao Poço Secco levar as comedias ao compadre Rabino, que ali andava com o alfeire, o meu contentamento não tinha limites. Era uma jornada de vinte e tantos quilometros, montado no *Carrula*, um macho velho que havia em minha casa, muito manso, muito vagaroso — não mudava uma pata sem pedir licença á outra. Havia um perigo no caminho, se o inverno era de chuvas copiosas — a ribeira de S. Romão, que enche com facilidade, e é caudalosa como um rio africano. Recomendava então meu pae: — *Se o macho fizer querena de não atravessar a ribeira, não o obri-gue, venha-se embora.*

Na verdade o macho sabia calcular muito melhor do que eu, o volume de agua que levava a ribeira, e porque era um animal calmo, raciocinador, em ele recusando atravessal-a, o que havia a tazer de melhor era aceitar-lhe a indicação.

As comedias ficavam aviadas de vespera, de modo que eu podia abalar cedo, á hora que me aprou-

vesse, e como não pregava olho em toda a santíssima noite, a antegosar a jornada, mal luzia o buraco saltava da cama, e era num rufo emquanto me punha a caminho.

A alegria do compadre Rabino em me vendo, e a sua carinhosa solicitude em arranjar-me um bom almoço que eu dispensava quasi sempre por ter almoçado a choutear no *Carrula*.

— Os senhores compadres como estão? os manos? toda a mais familia?

Estavam todos bem, e recomendavam-se muito.

— Quanto estimo! Quanto estimo!

Guardadas as comédias, e dada a razão ao macho, o compadre Rabino convidava-me a ir ver o gado, e a dar uma volta pela herdade, convite que sempre aceitava, jubiloso, vendo-me tratado como uma pessoa grande, um homem que fosse dono d'aquilo tudo.

— Isto é uma bela herdade, sr. compadre. O sr. seu pae nem sabe o que aqui tem. Se andasse limpa fazia o dobro do gado, não falando da pastagem, que podia ser desfructada com ovelhas. Mas quê!... Ha ahi estevas maiores que as azinheiras. Então os sobreiros, coitadinhos, até faz pena olhar para eles. Alguns já são velhos; mas as éstevas e as daroeiras chupam-lhes as raizes, e os pobres, em vez de crescerem, até parece que mingnam. Só com o dinheiro da cêpa, vendida para carvão, o sr. compadre limpava a herdade sem pôr nada da sua algibeira.

Para me tornar mais sensível aos seus argumentos, o compadre Rabino levava-me por onde o mato era mais espesso, recomendando-me sempre que tivesse cuidado não fosse rasgar o fato, e fazendo-me notar que as arvores, ali metidas, nem rama davam, quanto mais boleta.

Eu concordava com o compadre Rabino, ás vezes

nem sequer ouvindo o que ele dizia, entretido a colher medronhos, a colhel-os e a comel-os, porque eles eram magníficos, muito vermelhos, grandes e carnudos.

— Não se meta muito neles, sr. compadre, porque pôde agarrar uma bebedeira. Eu logo apanho uma porção para levar.

Se o gado estava bom, o compadre Rabino não se dispensava de me dizer que melhor ele estaria se meu pae, fazendo como ele tinha aconselhado, deixasse ficar no Monte umas trinta cabeças, para levar á feira de Castro. Se estava magro, peor que á saída do restolho, explicava que se tinha perdido muita comida com as geadas, e que o gado, tendo de ir beber fóra da herdade, perdia nessas andanças muito lustro e chorume.

— Ele agua ha em toda a parte, sr. compadre, o ponto é procural-a. Todas as herdades que pegam com a nossa, teem agua com fartura. Ainda outro dia, no Azinhal, abriram um poço, e quando chegaram á fundura de pouco mais dum homem, veio um jorro dagua que parecia um braço de mar. Ora, se ha de haver ahi agua! O sr. compadre o que devia era trazer aqui um védor, e abrir um poço onde ele dissesse.

Eu nunca tinha pressa de abalar, mas o compadre Rabino é que nunca se esquecia de que eu tinha de fazer, para chegar ao Monte, umas boas tres leguas da velha.

— Vão sendo horas, sr. compadre. A jornada é comprida, e o machinho não é grande coisa a andar.

Se á ida eu não tinha entrado em casa do compadre Rabino, passando fóra de Messejana, á volta não me dispensava de o fazer, o que dava uma grande alegria á comadre Maria Ignacia e á tia Mo-

nica — além de que me fazia pousar em cavaleiro perante as gentes do povoado.

Quem me dera nesse tempo!

A comadre Maria Ignacia era das mulheres mais feias da vila e termo, mas a sua fealdade não era repulsante, antes a disfarçava, quasi tornando-a simpatica, uma bondade que a todos aproveitava, e uma lhaneza que a todos prendia. Eu era, para ella, o sr. compadrinho, e por seguro tenho que ella não distinguia, na repartição dos seus affectos, alma affectuosa que era, entre os seus filhos e netos, e os senhores compadres das Mezas, grandes e pequenos.

A tia Monica, baixota, redondinha, era surda como uma porta, e falava a toda a gente quasi a gritar — como se os outros é que fossem surdos. Era duma alegria exuberante, facto excepcional nos surdos, que são, por via de regra, duma tristeza sombria, asperos, quasi aggressivos no seu trato. Os cegos, pelo contrario, são creaturas de bom humor, muito expansivos, de fisionomia aberta e iluminada, como se a luz que lhes falta nos olhos se lhes difundisse na cara. Figuro a hipotese de não ouvir, e parece-me que em pouco isso alteraria o meu viver habitual; figuro a hipotese de não ver, e instinctivamente levo a mão á algibeira, a verificar se trago o revolver.

Era uma grande frasquejadeira, a tia Monica, e fazia uns ladrilhos de marmelada que eram dignos da meza dum rei, sem quebra das minhas convicções republicanas. Diz-se que ha familias de bandidos, verdadeiras dinastias de facinoras, como se os germens da criminalidade andassem diluidos no sangue, e fossem passando duns para outros, por via hereditaria. Pois tambem ha familias de gente boa, dinastias de homens honrados e mulheres castas, podendo-se afirmar que nenhuma excederia em pureza a que o compadre Rabino representava.

\*

Duma vez... Era quinta feira de Ascenção, e o compadre Rabino, todo barbeado, com fato dominigueiro, appareceu no Monte, pela meia tarde. Via-se que tinha bebido a sua goladinha, porque falava com muita vivacidade, e gesticulava com alguma exuberancia.

— Tem vagar, compadre João ?

— Se a senhora comadre precisa de mim, lá o vagar arranja-se.

Tratava-se de colher uma porção de avenca, da muita que o poço tinha, e que minha mãe queria guardar, bem sêca, para cosimentos.

Aqui vamos todos a caminho da cerca, lá em baixo, rente ao barranco, o compadre João com uma grande escada ás costas, as creadas com o farnel, minha mãe com uma joeira, destinada á avenca, meu pae com o mais pequeno de meus irmãos pela mão, e o Manuel Narciso, no seu abominavel saracoteio de maricas, levando ao quadril, como as mulheres, uma enfusa com vinho.

O poço tinha mais de um homem de agua, e quando o compadre Rabino começou a descer a escada, para colher a avenca, meu pae recomendou-lhe que tivesse muito cuidado, não fosse cair. De tal fórma ele se arranjou, que lhe escorregaram os pés ao mesmo tempo, e ahi vae deslizando pela escada, sem querer largar a joeira. Já metido n'agua até ao pescoço, agarrou-se á escada com as duas mãos, conseguindo sair do poço, sem um fio enxuto.

— Ficou mal, compadre João ?

— Nada, mal não fiquei; mas ainda lá volto antes de mudar de copa, que a senhora comadre não ha de ficar sem a avenca.

Era dedicado até este ponto o compadre João Rabino.

Explicava ele depois, no outro dia: — Quando me escorregaram os pés, cuidei que ia morrer afogado; mas assim que entrei n'agua, erguí os olhos ao céu e vi Nossa Senhora da Assumpção no bocal do poço, a rir-se para mim. Foi então que deitei fóra a joieira e me agarrei á escada com unhas e dentes.

Ninguém mais tinha visto a Senhora da Assumpção no bocal do poço, a rir-se para o compadre Rabino; mas tinha-a visto ele, e como ao seu aparecimento attribuía a sua salvação, mandou-lhe dizer uma missa cantada, e ofereceu-lhe um aiqueire de azeite, que naquele ano se vendia a quartinho.

\*

As porcas afilhadas era o compadre Rabino que tratava delas — delas e dos filhos. A cortelhada, graças aos seus cuidados, parecia uma crèche, em que as creanças fossem bacorinhos.

Andava tudo num brinco, o corredor, ao centro, varrido duas vezes ao dia, e as camas de junco, nos cortelhos, renovadas a miudo, para que não estivessem sujas.

— O porco é o animal mais asseado que ha, sr. compadre.

Porventura o burro será o mais estúpido animal de quantos existem?

E' preciso conhecer muito pouco o homem para sustentar uma opinião semelhante. Certo é que dum individuo muito estúpido se diz que é muito burro; mas não é menos certo dizer-se que tem talento como burro um individuo que é muito inteligente.

Os porcos não bebem a agua suja do maceirão, e quando dormem no pocilgo, não urinam na cama, se a hora certa, pela noite adiante, o maioral tem o cuidado de os fazer sair — procedendo como as mães sollicitas com os filhos pequeninos.

Porcas havia — grandísimas porcas! — que não faziam caso das crias, e então o compadre Rabino moia a paciência a demovel-as dos seus ruins propositos, fazendo-lhes todas as gatimanhãs que pôdem enternecer... um suino. Dava-lhes palmadinhas na testa e no lombo, fazia-lhes coegas muito levemente, na barriga, e com muita arteirice ia pondo os bacorinhos a mamar, mais conhecedor da psicologia das femeas, sejam porcas, sejam mulheres, que muitos psicólogos de carreira. — O leite é uma secreção, que precisa ser exaurida para que as femeas que o produzem tenham saúde.

Com muita arte o compadre Rabino fazia adoptar por uma porca os filhos duma outra, e as porcas, honra lhes seja, prestavam-se complacientemente a esta manobra, dando assim aos humanos um grande exemplo de abnegação.

A's vezes o compadre Rabino aparecia de semblante carregado, o ar triste dum homem que passou por uma grande contrariedade ou sofreu um grande desgosto.

— Ha alguma novidade, compadre João ?

— Novidade!... Esta noite pariu aquela marrã que ficou mal capada, e comeu os bacorinhos. A minha vontade foi dar cabo dela! Eram cinco bacorinhos tão perfeitos! Não torna a fazer outra, isso lhe juro eu. Por minha vontade já ela cá não estava ha muito tempo... Parecia que me advinhava o coração!...

As porcas não são as unicas femeas que comem os filhos num acesso de loucura puerperal; mas entre elas o facto dá-se com relativa frequencia. Os que ignoram a sua razão scientifica, atribuem-no a uma perversão de instinctos, a uma ferocidade canibalesca, que é a negação do que ha de fundamental na psicologia das mães. Nunca pude compreender a razão

porque o Cristo, fazendo sair os diabos do corpo de certas pessoas, os autorizou a meterem-se no corpo d'uns suínos que andavam ali perto, foçando, e logo desataram a correr para o mar, afogando-se em tropel. Eles não eram escribas nem fariseus — filosofos de tromba rectilinea, alheios a toda a especulação religiosa.

O compadre Rabino!

Como não havia de querer-lhe muito se ele, incapaz de mentir em seu proveito, mentia para me livrar duma sova, e Deus sabe de quantas me livrou a sua complacencia na mentira! Pelas debulhas, á hora de maior calôr, no giro do meio dia, apanhando meu pai deitado, e minha mãe entretida a repartir o jantar da ganharia, eu abalava, com outros moços, e iamos nadar num dos pegos do barranco, a que se chamava o *Burdo*. Mesmo suando atiravamo-nos á agua, e ali andavamos, os que sabiam nadar, serigaitando dentro do pego, na desenvoltura de golfinhos. Durava a folia uma meia hora, porque eu precisava chegar ao Monte com o compadre Rabino, que me serviria de testemunha abonatoria, caso minha mãe tivesse dado pela minha escapulida.

— Tu foste nadar? . . .

— Nadar, senhora comadre, não foi. Esteve com a gente á sombra, debaixo duma oliveira.

\*

Pouco dado a especulações metafisicas, o compadre Rabino nunca inquerira das razões porque Deus creára os animaes daninhos e toda a bicharada inutil. Mas não se conformava com a creação dos ciganos, gente incapaz de trabalhar, vivendo só do roubo e da burla.

— Com ciganos nem para o céu.

Ora succedeu que uma vez, pela feira de Garvão, em principios de Maio, um bando de ciganos chegou ao Monte, já quasi noite, e pediu agasalho.

— Fiquem para aí.

Apeteceu ao compadre Rabino, depois da ceia, visitar o arraial dos ciganos, e travou-se de conversa com um deles, já velho, mais bem encarado que os outros.

— Não vae á feira, maioral ?

— Não vou. Tenho aí uma burrita para vender, mas fica para a feira de Santo Antonio.

— Eu compro-lhe a burra.

No dia seguinte, logo pela manhã, lá estava o cigano ao pé dos porcos, decidido a comprar a burra.

A primeira ideia do compadre Rabino foi não vender a burra ao cigano, nem que ele lhe dêsse por ela um conto de réis. Mas entrou a conversar, a discutir, e d'aí a pouco estavam encalhados no preço, o cigano a dizer que não podia dar mais de seis mil e quinhentos, e o compadre Rabino jurando que lh'a não dava por menos de duas libras — *tão certo como estar-nos Deus ouvindo!*

A burra não era grande coisa, já velha, parida umas poucas de vezes, mas não tinha as mazelas que o cigano lhe attribuia. Pois se ele até fez com que o compadre Rabino lhe visse uma nevoa no olho esquerdo!

O caso é que a burra foi vendida pelos 6\$500, e ainda a corja não tinha saído da herdade, já o compadre Rabino clamava que o cigano o tinha roubado, porque a burra valia muito mais.

Passados uns quinze dias os mesmos ciganos appareceram, bivacaram no mesmo lugar, mandando dizer ao Monte que ali estavam, para efeitos da ceia.

O compadre Rabino não se conteve que não fôsse de visita ao arraial dos ciganos, disfarçadamente,

como quem não quer a coisa, a ver se eles ainda se não tinham desfeito da burra.

— Vocemecê arranjou-me bem, maioral. A burra tinha alifafes nas duas mãos, e em andando meia legua entrava numa ofegancia que parecia querer deitar os bofes pela bôca.

— Então vendeu-a?

— Qual vendi! Entreguei-a pelo primeiro dinheiro que me ofereceram por ela, sempre a ver quando caía para nunca mais se levantar. Olhe que sempre foi uma partida!...

— Pois se você ainda a tivesse, desfazia-se o negocio, e eu dava-lhe pela burra o mesmo porque lh'a vendi.

Conversa para aqui, conversa para além, uma cigarrada, acabando o cigano por lhe perguntar se já estava governado com respeito a jumenta.

— Não estou. Já agora espero a feira de Santo Antonio.

— Pois eu trago aí um animalsinho que lhe deve servir.

Sem esperar resposta, foi buscar a burra, bateu-lhe duas palmadas na anca, e disse ao compadre Rabino que a montasse, e visse o belo comodo que dava.

Embora resolvido a não fazer negocio, o compadre Rabino pôz-se a mirar a burra, abriu-lhe a bôca, examinou-lhe os dentes, curvou-se para lhe examinar os cascos, e deu-lhe palmadinhas na barriga.

— O raio da burra, murmurou por entre dentes, é a outra por uma pena.

Saltou o cigano para as ancas da burra, e excitando-a com uma dupla chicotada nas ilhargas, obrigou-a a correr na extensão de alguns metros, voltando na mesma corremaça ao ponto de partida.

— Isto vale quanto peza, maioral. E então mansinha como uma borrega.

Fechou-se o negocio -- doze mil réis.

No outro dia, quando o compadre João Rabino appareceu no Monte, todo ancho, montado na sua jumenta, os outros criados gritaram, em côro, mal o viram: — Olha a burra do tio João Rabino! Como é que ela lhe veio parar de novo ás mãos, ó tio João?

O compadre Rabino sorriu-se, desdenhoso, e disse-lhes, como para dispensar outros argumentos:

— Vocês até se esqueceram de que a minha burra era bragada na barriga.

Acudiu logo o Manuel André, que por ter sido almocreve toda a vida conhecia bem as traças dos ciganos:

— Lá isso, tio João, não quer dizer nada. Ora espere aí que eu já lhe conto um conto . . .

Daí a pouco estava o sr. Manuel André, armado duma luva e ferro de limpar as mulas, a esfregar a barriga da burra como se fôsse um sobrado. A agua e o sabão fizeram o milagre, pondo a descoberto, na barriga *desta* burra, a mancha branca que tinha a *outra*, no mesmo logar! Um bocado de cortiça queimada, humedecida com azeite, fizera desaparecer a mancha branca, que era, para o compadre Rabino, a característica inconfundivel da sua burra — inconfundivel e inapagavel.

Os ciganos!

Rebeldes a toda a disciplina, incapazes de qualquer trabalho honesto e aturado que lhes garanta os meios de subsistencia, os ciganos vivem do roubo, e nada mais é, bem consideradas as coisas, o commercio que eles fazem com bestas. Nas mãos de tal gente não ha cavalgadura molengona, e apresentado por um cigano, numa feira, qualquer vil piléco tem ares dum cavalo de cem moedas. Comprar, vender e trocar bestas é o unico officio que exercem, o unico commercio que praticam, e cada uma destas opera-

ções nada mais é do que uma modalidade do roubo o roubo quasi sempre astucioso, algumas vezes, não podendo ser doutra maneira, violento.

— Dá-me licença que monte o cavallo ? Aqui tem o signal, para o caso do negocio me convir.

Escarranchado na sela, o cigano mete o cavallo num trote discreto, e quando se apanha fóra da corredeira, por aqui me sirvo, numa correria doida, como se fosse tirar o pae da forca. Grande banzé, um levantamento geral contra os ciganos, que são obrigados a abandonar a feira, mas que na confusão sempre larapiam qualquer coisa, retirando alguns com a cabeça rachada.

— E' má gente, dizia meu pae. Mas corredeira em que não haja ciganos, não presta.

Estou a vê-los, no arraial que eles faziam, ao pé do Monte, por ocasião das feiras no districto, de Beja para baixo ! Era um acampamento de gente imunda, esfarrapada, dormindo ao relento, sobre enxergas, numa promiscuidade bestial. São muito prolificos os ciganos, e isso explica porque a raça subsiste, a despeito de todos os baldões da sorte. Casam segundo o seu rito, e diz-se que as mulheres, por via de regra, são duma grande fidelidade conjugal. Envelhecem muito cedo, as ciganas, principalmente quando teem filhos, e como velhas são duma fealdade execravel.

As raparigas teem uma singular predilecção pelas côres vistosas, berrantes, e eu gostava muito de as vêr, carregadas de sáias, quer fizesse frio, quer fizesse calor, sáias de barra vermelha, cobrindo-as um vestido de folhos, em geitos de balão policromico. O seu penteado — uma garridice — era bisantino, de risca ao meio, e fazia-me desagradavel impressão, quasi de nôjo, o lustro do cabelo, quasi a escorrer banha de porco.

Os rapazes, altos e magros, olhos negros, a face macilenta, os dentes muito brancos, os labios des-córados, uma barbinha rala salpicando-lhe a cara, encantavam-me pela sua agilidade, sobretudo quando jogavam o pau, dando saltos prodigiosos.

Em se dizendo — ahí veem os ciganos! — minha mãe dava logo ordem para se meter em casa tudo aquilo, fosse o que fosse, a que eles poderiam deitar a mão, e mais cedo que de costume, antes do sol posto, recolhia a criação, — as galinhas e os perús indo o moço da agua passar vistoria ás serras de palha, e ao monturo da lenha, delgada e grossa, em demanda de algum ovo que por lá houvesse.

Pediam tudo, os ciganos e não havia recusa que os desanimasse. — «Uma gotinha d'azeite, senhora lavradora! — Um bocadinho de toucinho, por alma de quem lá tem no outro mundo! — Umas ceroulas que o sr. lavrador já não queira! — Uma camisinha para o meu menino, que não tem que vestir! — Uma chavena de mel para um xarope! — Uns sapatos que a senhora lavradora já não use! — Uma gorpelha de palha para os nossos burrinhos! — Uma esmolinha em dinheiro para ajuda d'uma missa á Senhora da Colla!»

Os ciganos!

Singular raça, a d'esses bohemios, incapazes de se fixarem em qualquer parte, e na sua eterna perigrinação, hoje aqui, amanhã além, praticando o roubo como um modo de vida, talvez honestos a dentro d'uma moral que as gentes civilisadas ignoram!

\*

Velho de mais de oitenta anos, mas ainda rijo, andando sem arrastar os pés, o compadre Rabino, sabendo que eu estava em Aljustrel, foi visitar-me.

— Acho o sr. compadre estragado.

— São os anos, compadre João.

— Os anos! Parece-me que ainda me doem os braços de o trazer ao colo.

Morreu em terça feira de entrudo, e deve ter ido direitinho ao céu, alojando-se na mansão destinada aos bons, — se é que não se pratica lá uma injustiça igual á da terra.

---



## O Mil Homens

---

Entrou a dar signaes de querer vir ao mundo ao soar a ultima badalada da meia noite, ia começar o dia de Santo Humberto.

Uma hora depois, quando chegou a parteira, mulher versada na folhinha e com habilidade para frasquejar, como não havia outra em toda a redondeza do concelho, as suas primeiras palavras foram estas — Se fôr rapaz, ha de ser caçador.

Vinha o sol a despontar, muito vermelho, por cima das serras nuas, quando teve o seu desenlace aquele drama banal que se estava representando ali, n'um quarto de telha vã, sobre um leito de duas cabeceiras, muito grande, com sua coberta de ramagens, e um guarda-cama muito branco, feito de pano bretonha, descendo até aos ladrilhos.

— E' menino ou menina ?

— E' um menino, senhora comadre, disse a parteira, enrolando-o n'um lençol dobrado, novinho em folha.

A primeira visinha que acudiu, a informar-se, não se conteve que não fosse ver a cara do morgado, sem tugar nem mugir, para ali enrolado como um boneco de trapos, á espera que se ocupassem d'elle, muito pequenino e muito gazil.

— O' comadre, o menino tem um olho fechado!

— O esquerdo?

— Isso mesmo, o esquerdo.

— Eu bem o disse já — ha de ser caçador.

Todos riram da prophesia, que não era para assustar, e como na verdade aquelle fosse o dia de Santo Humberto, pareceu verosimil que o menino viesse a inscrever-se na irmandade d'esse santo, que talvez nunca tivesse pegado n'uma espingarda — se é que já havia espingardas, quando elle ainda era pecador. Estavam nisto, quando o menino chamou as atenções com uma nota alta, d'um registo bem mais elevado do que se poderia razoavelmente esperar de quem nascera havia minutos. Acudiu logo a visinha a desenrolar o lençol, e muito surpreendida:

— O menino tem agora o olho aberto!...

E a parteira, muito satisfeita, dando do caso a explicação naturalissima:

— E' que já disparou. Eu bem digo que ha de ser caçador.

Aos sete annos já sabia ler e escrever com desembaraço, e mostrava tendencias para fazer versos, como se o tivesse bafejado a propria deusa da Poesia quando elle fez a sua entrada solemne, com um olho aberto e outro fechado, n'este mundo vilmente prosaico.

Era o mais pequenino de todos os garotos da sua idade, e muita gente tinha a impressão, vendo que os outros cresciam, uns mais e outros menos, de que elle minguava um nadinha em cada semana, recolhendo como certas fazendas baratas, quando apanham chuva. Entrou muito cedo a despontar-lhe a barba, e era divertido o contraste que fazia a sua cara de homem com a sua minusculidade de patarrego, muito direito, muito emproado, sempre de cabeça alta — como se quizesse vêr de que lado estavam as nu-

vens, não fosse marrar n'alguma! O garbo com que elle punha á cara a sua espingarda de cana, fazendo pontarias demoradas contra os melros que pousavam nas figueiras do quintal, e gargalhavam das suas fúrias cinegeticas, inofensivas como um orvalho de maio!

Aos doze annos não havia maneira de o prender um só dia em casa, desde pela manhã até á noite a bater mato, com os seus safões de pele de cabra, as botas caneliras de bezerro crú, e a espingarda, muito maior do que elle, sempre nos braços, engatilhada, algumas vezes sem escorva, mas sempre com o cão no ar, e não raramente com uma bucha tapando-lhe a boca, como era costume tê-la a um canto, ao pé da cama, para lhe não cair dentro alguma poeira que a vassoura levantasse.

Nos dias em que saia a jolda, lá ia elle de restolhada, com o polvorinho e o chumbeiro a tiracolo, a caixa das escorvas na algibeira do colete, e o taleigo do farnel metido na cinta encarnada, muito larga, como a dos homens, dando-lhe as apparencias d'um pequeno boneco barrigudo. Chamavam-lhe o *Mil-Homens*, e achavam todos infinita graça á sua pesporrencia, atirando a torto e a direito, sem apontar, e de cada vez que atirava correndo logo na direcção do tiro, como para apanhar alguma coisa.

— Deixou pêlo, dizia elle muito desconsolado.

Os outros riam a bom rir, sabendo muito bem que atirava por atirar, só porque vira bulir uma esteva, na sua frente, e logo calculára ser coelho ou lebre que vinha offerecer-se-lhe á morte.

D'uma vez puzeram um coelho morto dentro d'uma daroeira, e deram-lhe um lugar na linha, de modo que fosse ter com elle. E recommendaram-lhe com muita insistencia:

— E' preciso bater bem essas moitas, que por aqui ha coelhos.

Elle nem de longe suspeitava que lhe tinham armado uma ratoeira, onde seria facil a qualquer cair, desde que o não avisassem.

Quando chegaram a pequena distancia da moita onde tinham posto o coelho, o mariola que ia mais perto d'elle, estacando de repente, n'um gesto brusco de quem se prepara para fazer fogo, preveniu-o a meia voz :

— Cuidado, que o meu cão deu *pancada*.

O cão não tinha dado pancada nenhuma, e ao longo de toda a linha, formada de mais de trinta homens, não havia rumor de caça. As pontas e sobre-pontas foram avançando, e como os do centro avançassem tambem, voltou o outro, pondo-se em marcha :

— Safou-se para deante ; é preciso ver bem essas moitas.

Tinha andado meia duzia de passos, olhando para deante, olhando para os lados, dando á vista uma acuidade de lince, quando os olhos lhe caem sobre um coelho, estendido dentro de uma moita, talvez a dormir, talvez a fingir que dormia, que os coelhos são manhosos, e chegam a fingir tanto e tão bem como se fossem homens.

Estacou, ergueu o chapéu sobre a testa, avançou a perna esquerda, firmando-se bem, meteu a espingarda á cara e fez fogo. Desatou a correr, mal deu ao gatilho, como se tivesse medo que o coelho, mal ferido, se puzesse nas pernas. Lá estava deitado na sua cama fresca, de barriga no chão, estendido que nem uma pescada na areia.

— Nem soube de que morreu, disse de si para si, quasi sem bulir os beiços.

Acudiram logo todos os da jolda a celebrar o feito, muitos fingindo não acreditar no que viam, alguns jurando pela sua salvação que nem tinham ouvido o tiro. Com o coelho seguro pelas pernas, erguendo-o

alto, elle nem procurava justificar-se com palavras tanto a prova material era evidente.

— Talvez caisse do céu, quando dei ao gatilho! . . .

Disponha-se a empiolal-o, para o pôr á cinta, quando um do rancho, tirando-lh'o das mãos, e pondo-se a ver-lhe a pelagem, disse com um grande tom de convicção:

— Este *mitra* não é cá dos sitios.

Logo houve quem fosse da mesma opinião, travando-se forte algazarra, sendo necessario recorrer a uma arbitragem, para decidir o pleito. Foi escolhido para arbitro o mais velho do grupo, caçador desde que se entendia, não fazendo outra vida que não fosse caçar, e da caça vivendo exclusivamente.

— O tio Verdelho é que vae decidir.

O tio Verdelho, que tambem ia feito na conspirata, sentado n'uma arreigota, metia uma herva secca na boquilha do cachimbo, para o desentupir. Nem se mexeu donde estava. Olhou para o coelho, que andava de mão e mão, e com a mesma sinceridade com que proferiria um juramento sobre os santos evangelhos, pausadamente:

— Esse coelho deve ser da Vidigueira. Reparem se tem a orelha esquerda rachada, e uma móça na direita. E' a marca do concelho.

Não havia que duvidar — o coelho não era da freguezia, nem ao menos era do concelho. Mas em que podia isso diminuir a façanha do *Mil-Homens*, apoucar os seus meritos de caçador?

O tio Verdelho explicou:

— Esses coelhos, quando se afastam dos seus sitios, em ouvindo um tiro, morrem logo.

Foi um côro de gargalhadas. Cada qual tomou o seu lugar na linha, e o tio Verdelho, que fazia a ponta direita, vendo o *Mil-Homens* muito triste, chamando-o para si paternalmente:

— Não faças caso, rapaz, que aos outros, quando eram como tu, succedeu a mesma coisa.

\*

Levado para os estudos, d'ahi a pouco, nem por isso diminuiu a sua paixão venatoria. Beijou a espingarda, ás escondidas, no dia em que abalou de casa, para entrar no Seminario. Queriam fazel-o padre, sem lhe auscultarem a vocação, porque além de ser uma carreira facil, com a maior facilidade, terminado o curso, o collocariam ali, na sua freguezia, onde a congrua e o pé d'altar dariam para um viver decente e remediado.

O que elle contava aos outros seminaristas, deixando-os estarrecidos, de boca aberta, n'uma admiração que chegava á idolatria, e que elle cultivava sem esforço, fazendo das suas proezas de caçador edições novas, correctas e aumentadas!

— D'uma vez abalei de casa, á tardinha, com idéas de fazer uma espera aos coelhos. Quasi á entrada do mato, a uns trezentos metros da vereda que eu seguia, estava uma egua morta, e á roda d'ella, na quebreira d'uma digestão pezada, um verdadeiro rebanho de grifos, talvez mais de seiscentos. Por acaso levava uma bala na algibeira. Metia-a na espingarda apertando bem a bucha, e fui-me esgueirando por entre as estevas, muito sutil, na ponta dos pés, quasi não respirando, com medo de ser presentido. Quando me pareceu que estava a razoavel distancia, endireito-me de repente, faço pontaria ao que me pareceu maior, e dou ao dedo. Voaram todas menos elle, que tombou para o lado, como uma massa inerte. Em dois saltos estava-lhe ao pé. A bala tinha-lhe entrado por um ouvido, saindo pelo outro. Era um bicho real. Como estivesse com as azas abertas, o peito no chão,

como um navio que se afunda pela prôa, medi-as de ponta a ponta. Calculem — trinta e cinco palmos e meio! Encostei a espingarda a um chaparro, que estava ali proximo, e sentei-me em cima do grifo, a olhar os outros já muito longe, em nuvem, demandando um agasalho para a noite, que vinha proxima.

N'isto sinto um estremeção enorme, sacudido como n'um pé de vento ou como n'um tremor de terra. Agarro-me ao pescoço do animal, que se levanta nos ares, rapido como um foguete, levando-me consigo a alturas vertiginosas. Confesso que tive medo, nos primeiros momentos; mas logo recuperei o sangue-frio, e tratei de vêr que saída favoravel poderia ter aquella extraordinaria aventura. O perigo estava em o bicho morrer de repente, e trambulhar como um bolido. Entrei a apertar-lhe as guelas, com força crescente, de modo que elle se fosse asphixiando a pouco e pouco. Estava então a uma altura que não posso calcular com aproximação, mas que devia ser talvez de dez ou doze leguas. As nuvens andavam cá muito por baixo, e as estrellas ficavam-me tão perto da cabeça, que ainda estendi o braço, a vêr se apanhava uma.

Sucedeu o que eu esperava. O grifo entrou a perder forças, e como um balão que se esvasia pouco a pouco, foi descendo, descendo, muito lentamente, quasi na vertical, por instinto não fechando as azas, para amortecer a queda. Era já noite fechada. Anciava por me apanhar em terra, e já me parecia infindavel aquella descida, sem pontos de referencia, como se metido n'um escafandro baixasse ao fundo dos mares. Senão quando, batem-me os pés em qualquer coisa que não distingo, e como apertasse com toda a força, n'uma crispação involuntaria, o pescoço do meu cavallo aereo, o pobre bicho deixa cair as azas, n'uma inercia

de coisa morta, e os dois rolamos no chão, elle sem vida, e eu sem fala.

Como se fôra um balão captivo, o grifo voltava ao ponto de partida, tendo consumido na sua inutil ascensão a pouca vida que lhe deixára o balasio com que o ferira na cabeça. Estava ali a poucos passos, estripada e nauseante, a cavalgadura que lhe fornecera jantar lauto, iam passadas poucas horas.

Peguei na espingarda, meti o grifo n'algibeira e abalei sem vêr onde punha os pés, desejando não encontrar algum leão ou tigre, porque teria de os matar a soco, que o chumbo não entra com esses bichos.

\*

Rebelde a toda a disciplina, não estudava as lições nem frequentava as aulas; mas passava horas esquecidas a ler, umas vezes no seu quarto e outras vezes na Bibliotheca Nacional, leitura dos bons auctores, que a literatura de cordel nunca prendeu o seu espirito. Era sempre o peor alumno do seu curso, nunca se habilitando para os exames, desdenhoso do saber official, talvez ainda mais estúpido do que insufficiente.

Shakspeare e Balzac eram os seus auctores predilectos, um no theatro, o outro no romance, e Victor Hugo, o poeta que lhe enchia as medidas — sem proporção com a minuscuidade da sua pessoinha. Quasi sabia todos os Autos de Gil Vicente, muito maior que Aristophanes, afirmava com soberana convicção, mesmo descontentando a distancia, no tempo, que entre os dois havia.

D'uma vez, em palestra descuidada, um condiscipulo perguntou-lhe se a terra d'elle, Alqueiva, era villa ou aldeia.

— Alqueiva, minha besta, foi berço de Averroes, o maior sabio de todos os tempos. Foi ali que elle es-

creveu as suas melhores obras sobre philosophia e medicina, entre ellas um tratado sobre as purgas de bico, e um largo estudo sobre a acção das moscas na formação das rochas igneas.

Tinha uma linda voz de tenor, voz possante e bem modulada, d'uma plasticidade e d'uma fluidez admiraveis, uma voz que lhe asseguraria triumphos no theatro, se quizesse fazer carreira lyrica.

— Cantar no theatro? . . . A multidão é sempre estúpida, mesmo quando faz justiça. Se cantasse alguma vez n'um palco, havia de ser com o panno corrido.

De tudo se privaria para não faltar a uma noite de S. Carlos, excepto quando a opera era vulgar e os cantores eram mediocres. Freguez do galinheiro, por exigencias da mezada escassa, era com soberano desdem que passeava a vista pela aristocratica platéa, onde a burguezia dinheirosa affectava predileções artisticas, e pelas frisas e camarotes, onde lindas mulheres decotadas, deliciosas como fructos sasonados, elevavam até quasi á embriaguez a voluptuosidade dos sentidos.

— Uns asnos! Umas lambisgoias! Não ha moças como as da minha aldeia. . .

Na casa d'hospedes onde almoçava e jantava, a casa do Eduardo, na calçada de Garcia, primeiro andar, havia um porteiro que tinha o ar de pepino mangroso, muito velho, muito pequenino, muito torcido, um pobre diabo que viera ao mundo nos rigores do inverno, e fôra caminhando, aos tombos, pela vida fóra, sem que jamais na serração da sua noite uma estrelinha luzisse. Cumprimentava os hospedes sem lhes ligar importancia, a maior parte das vezes fingindo que não dava por elles, quando entravam ou quando saíam, para evitar o cumprimento. A meio da escada, uma noite, depois de jantar, o Martins Figueiras poz-se a cantar o *Trovador*, de voz em fóra, quasi

a rebentar as arcas do peito. O porteiro escutou-o, n'um pasmo, e quando elle, com outros, ia a sair, inquiriu, cheio de curiosidade, quem era o cantador. Como lhe apontassem o Mil-Homens, pequenino como um berloque, direito como um fuso, elle então, medindo-o d'alto abaixo, mal acreditando no prodigio, resmungou, agitando o boné encebado: — Com mil raios! É' maior a voz que o bicho...

A mezada não lhe dava para muito; mas o seu dinheiro era de todos, emquanto não gastava os ultimos cinco réis, o que invariavelmente lhe acontecia na primeira semana de cada mez. Depois recorria ao credito, procedendo com frequencia á consolidação das suas dividas.

— O' coiso, tens ahi cinco tostões?

O amigo dava-lhe os cinco tostões, e logo elle o convidava para tomarem café e rhum — *hoje pago eu.*

Cascava-lhe menos mal, e era d'uma singular exuberancia quando estava com a pinga. Mas não queria que lh'o notassem, impertigando-se muito para se fazer alto, e dando á voz acentos de indignação, que logo estralejavam em gargalhadas satanicas.

— Vocês acreditem, rapazes — Noé foi o unico patriarca biblico que teve genio, e a Igreja, adoptando o vinho no sacrificio da missa, prestou-lhe justa homenagem.

Afectava um grande desprezo pelas virtudes burguezas, sem nunca praticar uma desonestidade, sempre a desmentir com actos o que afirmava com palavras, escravo do que chamava os preconceitos da honra, incapaz d'uma vilania.

Recaiu a conversa, uma vez, á meza do Café, sobre um amigo que lhe recusára um pequeno emprestimo, coisa de nada, a pagar... no outro mundo.

— E' um pulha!

Fazem-lhe notar a injustiça do qualificativo, e logo o Mil Homens explica :

— Se F. te pedir dez tostões, paga-os no praso marcado ; mas se tu lh'os pedires, o mais certo é não t'os emprestar, e caso t'os empreste, nunca mais te larga até os rehavér. Digam-me lá se isto não é uma pulhice ? . . .

Desapareceu de Lisboa, um bello dia, sem dizer adeus aos mais intimos amigos, confiando aos cuidados da patrão o rico mobiliario do seu quarto — uma cama de ferro, do tamanho d'um berço ; uma pequena meza de pinho, muito chegada á cama, para lhe servir de banca de cabeceira ; um lavatorio com haste em bico de cegonha e duas cadeiras d'Evora, que tinha comprado por cinco tostões, na Feira da Ladra.

Soubê-se, mais tarde, que fôra para a sua aldeia, farto o sr. Manoel Joaquim de lhe abonar mezada para hypotheticos estudos, e por lá andava, sonambulo por entre gente activa, procurando identificar-se com a Natureza, tolstoiano por contagio literario, casto por um esforço da vontade superior aos impulsos d'uma animalidade sadia e vigorosa.

Perdera a mania de caçar, estendendo a todá a animalidade aquelle preceito dos Evangelhos — *não matarás*. Mas gostava de andar pelo matto, espanhando os coelhos, e no outomno, quando os pombos bravos apareciam, ensombrando os montados, elle armava a sua choça, como se fosse caçador, e dentro d'ella, de barriga para o ar, chupando um paivante, via-os passar, em grandes cordas, milhares d'asas que cortavam o ar, n'um vôo sinuoso, ora muito altos, ora muito baixos, aqui e além caindo sobre as asinheiras carregadas, que o couteiro, no outro dia, encontrava só com a rama.

Voltou a Lisboa quando a dedicação de amigos, o primeiro entre todos Hygino de Sousa, lhe arranjou

uma colocação modesta, aguardando melhores tempos, qualquer coisa que lhe permitisse viver independente, do producto do seu trabalho, e lhe assegurasse o pão da velhice, mais tarde, sob a forma de aposentação — empregado de secretaria no hospital de Rilhafolles, que já era, ao tempo, dirigido pelo dr. Miguel Bombarda.

— Com que então, Figueirinhas, em Rilhafolles?...

— E' verdade, rapazes. Quando lhes chegar a vez, já lá me encontram.

De cada vez mais pequenino, diz-se-hia que um prolongado viver no campo, isolado no meio da gente rustica, reduzira a sua exigua estatueta, como n'uma oficina de canteiro. A sua linda voz de tenor, d'uma plasticidade e d'uma fluidez admiráveis, perdeu-a no Alemtejo, em parte por nunca a exercitar, durante annos, em parte por sujeitar os respectivos órgãos a repetidos contactos asperos, beberricando.

Envelheceu, do mesmo passo que minguou; aquelle aprumo de patarreco, que lhe dava os ares d'um homem pequenino, com barbas, desapareceu n'uma ligeira curva que elle rectificava, com exagero, quando fallava com enthusiasmo.

— E a respeito de tolstoismo, ó Figueiras?

— Ando agora a tratá-lo com permanganato, porque o sandalo dava-me cabo do estomago.

O Mil Homens!

Sobejava-lhe em talento o que lhe faltava em vontade, e o pendor bohemio do seu espirito, semelhante a um *tic* doloroso, rebelde ao tratamento, condemnara-o, desde o berço, á mais injusta obscuridade, só conhecido dos que com elle lidavam, poeta e musico, alteando-se ao puro idealismo, n'uma audacia de aguia possante, e a cada passo, no caminho da vida pratica, enleando-se em miseráveis realidades que outros, os

mediocres bem equilibrados, venceriam quasi sem esforço.

Deviam ter-lhe feito o caixãosinho d'uma cigareira em prata lavrada, e no bocadinho de pedra que cobrisse a sua cova, á sombra d'uma azinheira ou d'um sobreiro, gravarem-lhe o epitafio que para si proprio escreveu Gil Vicente, e que elle recitava amiudadas vezes, encarecendo-lhe a belleza :

O gram juyso esperando  
jaço aqui n'esta morada,  
d'esta vida tan cansada  
descansando.

---



## O Romana

---

Nunca fez outra coisa senão guardar vacas, e nada mais sabia fazer. Algumas vezes em que esteve sem patrão, muito poucas, umas duas ou trez, ainda tentou os trabalhos do campo, a lavoura; mas não tinha jeito para andar rego acima rego abaixo, com uma aguilhada na mão, só com uma junta de bois diante de si.

— Cada qual é para o que nasce — dizia elle. Eu nasci para vaqueiro.

Aos dez anos concertou-se no Reguengo, para ajuda do maioral, e pouco mais fazia do que ir ao Monte, pela comida, e algumas vezes ir pela roupa, á Villa. Amparava o gado, do lado das searas, quando já havia pão nascido, e se alguma rez se deixava ficar para traz, elle não precisava que o maioral lhe dissesse: — *Encosta para cá aquella cabeça* — para a obrigar a juntar-se ao rebanho.

O primeiro lavrador que serviu, já homem, foi o sr. Jacintho do Carrascal, que tinha para cima de duzentas rezes. Era uma curiosa figura de lavrador, o sr. Jacintho Paes, typo de velho fidalgo rural, com usos e maneiras que o punham muito acima da gente do campo, sem todavia o aproximarem da bonecagem aristocratica das cidades.

Quiz, por força, que a sua herdade se chamasse o Monte Negro em vez do Carrascal, e com esse propósito se desfez de todo o gado que não era negro, acontecendo então que as ovelhas, as cabras, os porcos e as vacas, para lhe fazerem pirraça entraram a parir muitos borregos, muitos chibinhos, alguns bezeros e bezerras das mais variadas côres.

Ficava o Carrascal muito perto da Ribeira de S. Romão, uma das mais caudalosas ribeiras do Alemtejo, quasi seca no verão, e no inverno tomando cheias que a faziam espraiair como um grande rio africano. O sr. Jacintho Paes, quando a ribeira ia que nem umas flores, alagando as terras marginaes, costumava atravessal-a no seu cavallo, só para se dar o prazer d'um grande risco, orgulhoso do seu feito, que logo se tornava conhecido dos povos da visinhança. Escolhia sempre, para fazer a sua arriscada travessia, um dos maiores pegos da ribeira, porque ahi a corrente era mais fraca, e não havia redemoinhos d'agua que lhe embaraçassem o cavallo.

Sucedeu, uma vez, tomarem as aguas posse do audacioso cavalleiro, e ahi vai elle, ribeira abaixo, levado na corrente, na pereferia da corrente, o que permitia ao cavallo manter-se em equilibrio, nadando.

Esta aventura foi soada em toda a redondeza do Concelho, e só por saber-se que o sr. Jacintho Paes não era achacado de religiosidade, é que a sua salvação, em lance tão perigoso, não foi atribuida a um milagre do santinho mais proximo, o Senhor S. Romão.

Matava javardos á faca, e tambem o *sport* venatorio, em mais d'uma ocasião, lhe ia custando a vida.

Dizia o Romana, quando falava do seu antigo patrão:

— E' muito bôa pessoa, não desfazendo; mas não tem os cinco alqueires bem medidos.

Tendo-se despedido do Carrascal, o Romana es-

teve algm tempo em sua casa, sem arranjar patrão, até que meu pai lhe mandou fallar, ajustando-o pela Santa Maria.

Maioral que fosse cuidadoso com a sua obrigação havia de ser como elle. Não tinha domingos nem dias santos, e o ajuda pouco descanso lhe dava, porque elle só tinha confiança em si. No verão fartava-se de fírar agua aos caldeirões, e quando alguma rez bebia pouco, menos do que era natural que bebesse, o Romana não se esquecia, acabada a faina, de ir elle proprio destacad-a das outras, achegando-a do tanque, ás vezes offerecendo-lhe de beber no caldeirão, a querer enternecel-a com esse mimo. Se a rez, a despeito de tudo, não bebia, o Romana seguia-a em todos os passos que dava, punha-se a observar como ella comia, não fosse o animal estar doente.

Toda a pastagem lhe parecia pouca para o seu gado; mas com ella se contentava, incapaz de levar o seu rebanho a comer na pastagem alheia. E já para elle era alheia a pastagem destinada ás ovelhas, fóra da coutada, dentro da mesma herdade, todo o gado pertencendo ao mesmo dono.

Dizia meu pai, referindo-se ao compadre João Catharino:

— E' muito bom homem; mas guloso de pastagem não ha outro como elle.

Nos mezes de inverno ás vacas iam para a Serra, no concelho de Odemira, e essa temporada, sendo a de mais trabalho e de mais cuidados para o Romana, era tambem a que lhe dava mais satisfação, porque trazia sempre os animaes atascados em herva. O orgulho com que elle mostrava o seu gado, no regresso, nedias e luzidias as novilhas — *o Ramalho d'Evora não as tem mais perfectas.*

Estava escripto no livro dos destinos que o Romana havia de sofrer um desastre na Serra, desastre irre-

mediavel, visto que o casamento, n'aquelles tempos remotos, sem a lei do divorcio era um sacramento indissolúvel.

Tratavam-lhe da roupa n'um Monte, perto da Aldeia de S. Luiz, onde havia um demonio d'uma rapariga que a elle se afeiçãoou desde a primeira hora.

Nunca o Romana tinha olhado para uma mulher com olhos cubiçosos, e a solicitude com que d'elle tratavam as irmãs era tamanha, que o casamento se lhe não impunha como uma necessidade.

Pois se nada lhe faltava, para que havia elle tomar os encargos d'uma casa, porventura enchendo-se de filhos, preso a obrigações que lhe quebrariam os braços ?

— Um boi solto lambe-se todo.

O caso foi que a Joanna teve artes de o interessar nas suas conversas, de o fazer reparar nos seus dons feminis, de conseguir que elle repartisse com ella a affeição que tinha ás suas rezes.

— A gente affeição-se aos animaes, e por fim é como se fossem da familia.

Em ouvindo os chocalhos ali perto, a Joanna arranjava logo um pretexto, fosse elle qual fosse, para sair de casa, e tantas voltas dava, sem destino, que se fazia contradicção com o Romana.

— A menina Joanna por aqui ?

Sucedeu que o Romana, rijo como as armas, adoeceu com um catharral, e o pae de Joanna obrigou-o a recolher-se a sua casa, dispensando-lhe a unica cama que tinha. Medico não havia na redondeza de muitas leguas; mas supria a falta do medico um curandeiro das imediações do Cercal, homem de muita experiencia e grandes acertos, já com alguma coisa de seu, o que lhe permitia certa generosidade na paga dos seus serviços.

— Está visto que é um catharral.

Aplicou-lhe um emplasto de méra, e pelo sim pelo não, foi-o sangrando, com mêdo das apoplexias. A Joanna foi una desvelada enfermeira, sempre a aconchegar-lhe a roupa, sempre a offerecer-lhe caldos, ajudando-o a voltar-se na cama, tão solícita e carinhosa como se elle fosse seu irmão ou seu marido.

— Ora a minha desgraça! O patrão lá muito descansado imaginando que eu ando atraz da minha obrigação, e eu aqui estendido n'uma cama, mais para a morte que para a vida.

A Joanna dizia-lhe que não, que aquilo havia de passar com a ajuda de Nossa Senhora da Assumpção, a quem elle já fizera uma promessa. O sr. Vicente quando lhe perguntaram se voltava, respondera que não era preciso, e que se houvesse alguma novidade lhe mandassem informação.

— Vocemecê verá. Em menos de quinze dias apanha-se d'aquí para fóra, e depois ninguem mais o torna a ver.

O Romana, em resposta, envolveu-a n'um olhar carinhoso, em que ia todo o seu reconhecimento, e já um pouco do seu amor.

— De rastos que eu andasse toda a vida não lhes pagava as obrigações que lhes devo.

O caso foi que d'ahi por umas tres semanas, vinte dias completos, o Romana andava atraz das vacas, ainda um bocadinho fraco das pernas, mas já capaz de dispensar o homem que o substituíra, a dias, um diábálma que era tudo por não ser coisa nenhuma, sempre á mão para um caso de necessidade, quando faltava um homem que lavrasse, desse lenha a um carro, pegasse n'umas arreatas ou pastoreasse umas cabeças.

Mais frequentemente que n'outro tempo, o Romana, agora, dava volta ao gado por forma que elle ia comer alguma herva que crescia nos ferragiaes do Monte.

— Já não há quem o veja — dizia-lhe a Joanna, indo ao seu encontro, sempre alegre, sempre resoluta, um vivo demonio que fazia andar a cabeça á roda aos moços das imediações.

Rumorejavam-se escandalos a seu respeito; mas taes rumores não chegavam aos ouvidos do Romana, mais atento ao chocalhar das suas vacas que aos dizeres malidicentes dos que babujam todas as reputações, só com propositos de nivelamento.

Aproximava-se o tempo de abandonar a Serra, já fins do inverno, e o Romana sentia que d'esta vez não deixaria aquelles sitios com satisfação, porque alguma coisa de si proprio ali ficaria, o seu pensamento, sem duvida, um bocado do seu coração, pela certa.

— Ora o raio da tineta que me havia de dar!

No dia da abalada, pela volta do meio dia, meteu o gado no curral, por detraz do Monte, e com a ajuda do sr. Ignacio Rogado, pai de Joanna, ultimou os preparativos da jornada. A egua, parida de fresco, não podia com toda a trouxa, sendo necessario aproveitar algumas das vacas menos ariscas, as que vinham á mão, para lhes amarrar á cabeça, por detraz dos cornos, objectos pouco pesados.

— Assim nos deixa, sr. Antonio?

— Pois que remedio! A pastagem estava comprada só até ao fim do mez, e as rezes já não enchiam a boca d'herva.

— E não tem pena?...

— Eu... Sim, a gente onde está bem é ao pé dos seus, e como o outro que diz, onde te conhecem, ahi te dão agasalho. Mas...

— Parece-me que vocemecê não tem razão de queixa. Está bem de ver que a sua familia o trataria melhor; mas quem faz o que pode, mostra o que deseja, e nós...

— Por quem é, não me diga essas coisas... A

terra que vomecê pisa, devia eu beijar, e não lhe pagaria a esmola que me fez.

— O que eu fiz, qualquer outra faria. Isso não vem pro caso. Provavelmente o sr. Antonio tem lá na terra algum derricko. . .

— Juro-lhe pelo sagrado nome de Jesus! Nunca tive derricko, e se me resolvesse a casar. . .

— Vá, diga o resto.

— Casava comsigo, se me quizesse arreceber.

Quando veio a feira de Garvão, em Maio, já o sr. Antonio Romana tinha recebido por sua legitima esposa a senhora Joanna Maria, e como fosse casar á Serra, nenhum dos seus parentes e amigos tomou parte na boda.

O Trombinha, quando viu a cunhada, achando-a excessivamente garrida e desenvolta, disse para o irmão, sem que elle o ouvisse :

— Agora é que tu campaste!

Meu pae, quando o Romana chegava, orgulhoso atraz das vacas, como Cesar á frente das suas legiões, as primeiras palavras que lhe dizia, antes de o cumprimentar, eram estas :

— Então quantos coiros trazes ?

Se não trazia nenhum, a pergunta não o escandalisava, antes a recebia com certo agrado, porque lhe permitia uma resposta altiva.

— Faça favor de contar o gado e ver quantas cabeças faltam.

A Joanna, como todas as serrenhas, fumava e bebia, e com os homens permitia-se taes liberdades, que mesmo em Messejana isso dava nas vistas, e cuscitava comentarios picarescos.

Como d'antes, quando era solteiro, o Romana poucas vezes ia á roupa, e quando lhe aparecia a mulher, ordinariamente aos domingos, não dava mostras de matar saudades.

Costumava dizer a Joanna, desabafando as suas maguas :

— Elle o que devia era ter casado com uma vaca.

Quando chegou a feira de Ferreira, no terceiro domingo de Setembro, a Joanna declarou que queria ir á feira, e o Romana nem reparou que ella fizera uma trouxa como se fosse de casa mudada. O certo foi que não tornou a vê-la, desde que entraram no arraial, e no ultimo dia, á hora de abalar com as rezes que não se tinham vendido, appareceu-lhe um sagorro, tio da Joanna, dizendo-lhe que ella fôra para casa dos paes, decidida a não mais viver com elle. A burra estava na estalagem da tia Lamburaça, e uns alforges em que ella trouxera alguma roupa.

O facto não comoveu grandemente o Romana, e quando meu pae lhe perguntou pela mulher, já informado do que sucedera, elle respondeu com muita bonhomia :

— Deu-lhe o crenço do Monte, e abalou. Que se governe por lá, que eu por cá me governarei.

\*

Morria e acabava por ir a uma feira, e de todas as que se faziam no districto elle sabia a data precisa, exacta como um calendario. Em meu pae lhe dizendo : — *Tal dia temos de apurar o gado que ha de ir á feira*, entrava-lhe uma alma nova. As suas vacas eram os seus amores ; mas ellas só iam á feira para serem vendidas, e elle via-as mudar de dono sem a mais leve sombra de pena. Por ocasião do verde, terminada a lavoura, quando os bois começavam a engordar, elle revia-se com desvanecimento na sua pellagem luzidia, e dando-lhes palmadas nas ancas, fofas de carne, dizia a respeito d'um ou outro, geralmente os de mais idade, já com os dentes a funcionarem mal :

— Este deve o patrão levar á feira d'Agosto. Está bom pra couve.

A sua feira predilecta era a de Santo Antonio, ao tempo muito concorrida de gado vacum, muito mais que a de Beja, quasi tanto como a d'Evora, afamada pelas novilhadas que ali se apresentavam, mais para exposição que para venda. Conhecia as boas e as ruins prendas de cada uma das rezes que guardava, e para elle as feiras, mais do que mercados, eram meios de seleção.

— Aquelle maldito nem para comer tem prestimo. . . . Aquella farrusca é mais ruim que a pelle d'um cão.

Principiava a feira de Santo Antonio, para o Romana, logo que apareciam os primeiros atalhos de gado, vindo de longe, comendo a pastagem de cada um, e sempre elle arranjava as coisas de modo que pernoitassem fóra da herdade, ajudando a tocal-os na estrada — *vamos lá andando que ainda é cedo*.

Tambem eu morria e acabava pela Feira de Santo Antonio, escolar das primeiras letras, sinceramente convencido de que ellas não eram feitas para os homens negociarem, mas para os rapazes se divertirem.

Para mim a feira começava logo que apareciam, inevitaveis feirantes, os ciganos e os aleijados.

Talvez por muito habituado a vêl-os, quasi a lidar com eles desde pequeno, os ciganos não me faziam medo, não me inspiravam repugnancia, antes me era de certo modo agradável a presença d'aqueles bohemios sujos e esfarrapados, eternamente vagabundos e irremediavelmente ladrões.

Assim que os via, nos ultimos dias de Maio, corria a casa, deitando os bofes pela boca, e gritava, como se desse uma novidade, credora de molhadura.

— Olhe, comadre Antonia! Já ahi estão os ciganos! . . .

A comadre Antonia — Deus lhe fale n'alma! — gostava tanto dos ciganos como de sal d'azedas; mas não deixava de acolher satisfatoriamente a noticia que eu lhe dava, porque ella lhe permitia adoptar, a tempo, salutaes precauções.

Sempre os ciganos se estabeleciam por traz dos quintaes, n'uma cerca que era do sr. Joaquim Isidoro, e desde que elles ahi amosendavam, a comadre Antonia nunca mais deixava de ter corrido o ferrolho e metida a tranca da porta do nosso quintal, a cada passo verificando se algum ciganito não teria encontrado artes, escalando a parede, de lhe ir roubar os ovos e as galinhas.

— Ciganos! Mesmo depois de mortos elles são capazes de roubar.

O melhor do meu tempo, iludindo a vigilancia da comadre Antonia, passava-o eu no arraial dos ciganos, ouvindo as enormidades que elles diziam, observando detalhes da sua vida caseira, a vida de familia que tem uma tribu errante, hoje aqui, amanhã acolá, sem um tecto que a abrigue, sem uma religião que a conforte, sem uma moral que a discipline.

Calculava eu, informado da sua vagabundagem pelo mundo inteiro, gente sem eira nem beira, que elles falavam todas as linguas, e para mim, n'aquelle tempo, todas as linguas eram o portuguez, o hespanhol e o francez, se bem que a comadre Antonia me tinha dito que o hespanhol e o francez é tudo um. Mas a verdade é que algumas vezes, quando se desavinham, elles empregavam uma linguagem quasi feita só de interjeições, e quando segredavam, agrupando-se em pequeno numero, a algaravia de que usavam era um fraseado cabalístico, em que eu adivinhava misterios.

Explicava a comadre Antonia:

— Estão a contar uns aos outros os roubos que fizeram, ou combinando os roubos que hão de fazer.

A explicação, para mim, era satisfatória, a tal ponto que em os ciganos, na minha presença, se pondo a tagarelar na sua algaravia cabalistica, logo eu, como se fosse um policia amator, me esforçava por apreender alguma palavra, uma só que fosse, que me guiasse naquêle labirinto.

Os aleijados, esses faziam-me dó e causavam-me repugnancia, uns amputados das pernas, outros amputados dos braços, a maior parte ostentando chagas repugnantes, todos eles lamuriando a sua nunca vista desgraça, em seu implorativo dizer. Geralmente os aleijados apareciam depois dos ciganos, entretidos a jornadaear no concelho, dormindo nos montes que davam pousada, esmolando na vila quando por ali passavam, sem demora, indo d'uma freguezia para outra, aguardando o primeiro dia da feira.

Todos os anos a comadre Antonia me contava a mesma historia dos aleijados, coitadinhos, alguns d'elles victimas de propositados maus tratos, roubados á familia, por maltezes, na mais tenra idade, creancitas no berço que elles deformavam sem piedade, vendendo-as depois a mariolões que exploravam com ellas a caridade devota.

Minha mãe dizia-nos ás vezes, a mim e a meus irmãos, em presença d'um ou outro aleijado da feira:

— Veem aquele aleijadinho? Era um rapaz muito mau, e a mãe, não podendo já atural-o, vendeu-o a uns homens que lhe apareceram, uma noite, estava ele n'um berreiro doido, sem querer ir para a cama e dormir. Se vocemecês não tiverem muito juizo, se forem teimosos, se fizerem maldades, eu dou-os a um maltez, e ele depois faz-lhes o mesmo que fizeram áquele aleijadinho.

O sermão produzia algum efeito, no momento, mas eu não me recordo de ter hesitado na pratica de qualquer diabrura a recordar-me dos aleijados que via na

feira, uns com as pernas amputadas outros com os braços reduzidos a cotos minúsculos e a maior parte oferecendo á vista mizericordiosa das gentes chagas e pustulas de vario tamanho e feitio, todas d'uma repugnancia a causar nauseas.

Certo é que os ciganos e aleijados eram, para mim, os precursores da feira de Santo Antonio, quando apareciam nos ultimos dias de Maio, nos primeiros dias de Junho, e eu nunca mais tinha socego, desde que os via, a passear na Feira, no seu arraial, na sua correioira, nas suas barracas de comes e bebes, nas suas lojas de fazendas e ourivesaria, os seus theatros em lona, onde se representavam dramas e magicas, os seus títeres e palhaços exhibindo-se ao ar livre, e recebendo da generosidade dos espectadores a paga dos seus trabalhos, que era ao mesmo tempo a consagração dos seus talentos acrobaticos.

A Feira!

Deitava-me a pensar n'ela, e logo que no respectivo terrado se começavam a abrir os primeiros buracos, a erguer os primeiros barrotes destinados ao abarracamento, eu punha-me em ferias, porque deixava de ir á escola, iludindo a vigilancia da comadre Antonia, cumprindo severas ordens do meu pae.

— Vocemecê hoje não foi á aula?

Eu dizia que sim, que tinha ido á Escola, mas que tinha pedido licença para sair mais cedo, porque tencionava ir ao Monte.

Quantos dez réis eu podia haver, desde que me cheirava a feira, todos eu dava á comadre Antonia, para m'os guardar, habilitando-me assim a ser um feirante como qualquer outro... que não tivesse que vender ou comprar; um feirante liliputeano, com seis vintens na algibeira, e disposto a toda a especie de estravagancia... até onde lh'o permitissem os seus recursos.

Fica-me já tão longe, tão afastado, o tempo em que a feira de Santo Antonio me alvorotava o espirito, e tinha para mim os encantos, as seduções duma vaga felicidade que se vislumbra atravez d'uma especie de nevoeiro discreto, em que ha tons côr de rosa, e o esparso olor dos jardins nas manhãs orvalhadas, quando Pan acordá do seu habitual somno nocturno!

\*

Muito antes de se mostrar o sol, rutilo e quente, por cima dos montes que rodeiam a vila, formando uma estranha moldura orografica, levantava-me eu, fatigado d'uma noite mal dormida, e logo abalava para a feira, com uma vara na mão, o ar importante d'um personagem a quem está marcado um destino.

Vinham chegando, de toda a parte, os gados e os feirantes, e d'ahi a pouco estava formado o arraial, estava formada a correioira, estava constituída a feira, erguendo-se do seu recinto como que o marulhar d'uma vaga alterosa, que atirasse para o ar muito pó em vez de espuma.

Nada mais ordenado do que a aparente desordem d'uma feira, vasto mostruario em que cada coisa tem o seu largo mercado como n'um armazem em que ha de tudo, sem preço fixo.

Ficava a um lado o gado vacuum, e sucedia o mesmo com o outro gado, o suino e o ovelhum, como dizem os maioraes, mais felizes que os gramaticos na formação de certos neologismos. Ninguem reparava na minha pessoa; mas eu tomava ares de feirante, mirando as rezes como se quizesse compral-as, andando á roda de cabras ou de borregos, como se fosse marchante, pelo menos como se fosse capaz de comprar uma cabeça com o dinheiro que tinha na algibeira.

Quando chegava a hora do almoço, já eu tinha percorrido o arraial umas poucas de vezes, e n'essas andanças tinha arranjado alguns vintens, muito poucos, escassa como era a generosidade dos meus parentes ricos, exceção feita do padrinho Joaquim Ignacio — Deus o tenha em santa guarda! — a qual ia, muitas vezes, para além dos cinco tostões. Em apanhando um boi deitado, ia logo ver que idade tinha, lendo-lhe nos cornos como se fossem uma certidão de baptismo. E esta leitura fazia-a em voz alta, chamando a atenção dos circunstantes, os quaes, na maior parte dos casos, nenhuma importancia ligavam á minha sabedoria.

Esquecia-me a olhar as coleiras artisticas dos bois serrenhos, largas coleiras de coiro suspendendo uma campá ou uma esquila. Em muitas havia uma data, e em todas havia uma ornamentação fantasista, combinadas as linhas e as côres por forma a impressionarem agradavelmente a vista. A's vezes tinha a impressão de que os bois assim enfeitados eram vaidosos como se fossem peraltas da alta roda... zoologica, e meneiavam com força a cabeça, fazendo badalar a campá ou fazendo retenir a esquila para chamarem sobre si a atenção dos transeuntes.

E porque não?

Os animaes possuem, em diferente gráu, todos os defeitos e todas as virtudes do homem, o que não admira, se houve unidade de criação, como querem os theologos, se ha transformação das especies, como pretendem os darwinistas.

Os cavalos, os de sangue púro, os aristocratas da classe, são d'uma vaidade tão grande, alguns d'elles, que ao vê-los passar, cheios de embofia, eu tenho achado modestos os asnos que levam em cima.

Uma despeza que eu tinha certa, era a da mata-

dela do bicho aos guardas do meu gado, ao boieiro, ao porcarico, ao maioral das ovelhas.

— Então o nosso amo não faz hoje uma franqueza aos seus creados ?

A franqueza era barata por que a aguardente se vendia a dez réis o copo, um pequenino copo de vidro grosso e de superficie irregular, como já hoje se não usam.

Meu pae, algumas vezes, dizia-me que ficasse ali, ao pé do gado, enquanto ele ia almoçar, e auctorizava-me a receber signal se viesse a ajustes algum comprador. A minha satisfação era enorme, a degenerar em orgulho. Lembra-me como se fosse hontem, e vão passados tantos anos!

— Peça quinze tostões pelos malatos, mas se lhe derem um quartinho, deixe-os ir.

O primeiro comprador que me chegou ao pé, depois de meu pae abalar, foi o lavrador da Almocreva, perante o qual os meus creados se desbarretaram, com demonstrações de muito respeito.

— Quem vende isto ?

— Vendo eu.

O sr. Joaquim Fernandes envolveu-me n'um olhar curioso e simpatico, achando graça á minha pesporrença de lavrador recém-nascido.

— Então quanto valem os malatos ?

Comecei por lhe pedir quinze tostões, como meu pae me recomendara, e acabei por lh'os entregar por treze e meio, dividindo a contenda. Já tinha o signal na mão, e ainda me parecia que não era possivel ter feito uma venda tão boa, alcançando mais dinheiro do que meu pae esperava, sete vintens e meio por cima do preço que ele me fixara como minimo. Abalei, caminho de casa, não me pesavam os pés uma onça, e dava-me vontade de gritar a toda a gente conhecida, que encontrava, a minha façanha, o meu triumpho.

- Ha alguma novidade ?
- Já vendi os malatos.
- A quartinho ?
- Não senhor ; a treze tostões e meio.

O caso foi celebrado por toda a assistencia, e vozes se ergueram ao mesmo tempo que os copos, a exigir a recompensa que me era devida.

Tanto ou mais do que o arraial me interessava a corredeira ; mas por ali eu tinha que andar com muito cuidado, olho atraz, olho adiante, não fosse apanhar algum coice, não fosse atropelar-me algum esteira vérgas em corremaças desabridas. Os ciganos animavam o arraial, e nele punham, com a originalidade do seu vestuario em farrapos sujos, uma nota de pitoresco a que se nos prendiam os olhos, senão com enlevo, pelo menos com intensa curiosidade. Ciganitos de palmo e meio eram atirados para cima dum cavallo, encurtados os estribos á medida das suas pernas exiguas, e logo estalava a pita dum chicote, pondo-se o cavallo em marcha, num trote rasgado, ás vezes numa galopada a toda a brida. E eu tinha inveja daqueles moços cavaleiros, tão novos como eu, equilibrando-se maravilhosamente muito firmes na cela, mal esticando as redeas, e algumas vezes batendo com os calcanhares para excitarem a montada,

Meu pae costumava dizer, com respeito aos ciganos :

— São uns refinadissimos ladrões ; mas a verdade é que feira em que eles não apareçam, não presta.

Emquanto os maridos, os paes, os irmãos e os filhos andavam no arraial fazendo negocio, comprando a uns e vendendo a outros, algumas vezes comprando e vendendo por conta alheia, gratificados generosamente pelos que utilisavam os seus serviços, as mulheres andavam pedindo e roubando, distribuidas por toda a feira, as raparigas bamboleando os quadris,

carregadas de saias vistosas, de muita roda, a cabeça descoberta, os pés descalços, raramente bonitas, ainda mais raramente limpas, e as velhas, pela maior parte chupadas, o peito ésburgado, o andar rapido e desenvolto, como se fossem homens vestidos de mulher. Algumas liam a sina, outras vendiam ervas medicamentosas, bôas para tudo, e tal havia que negociava em libras de cavalinho, pagando-as bem, com agio mas nunca deixando de roubar uma ou duas, a escolhe-las, habeis prestigitadoras a lidarem com lapuzes.

Fica-me já tão longe, tão perdida na Historia esta quadra risonha da minha vida infantil!

Pois se ainda havia libras!

\*

A loiça, por ser coisa fragil, loiça de barro, ficava longe da correioira, longe do arraial, longe das tendas em que se beberricava, e que eram outros tantos centros de desordem.

Logo de manhã, antes do almoço, as donas de casa iam á loiça, as lavradoras com as suas creadas atraz, algumas levando um pequeno rancho um moço já homem para conduzir á pousada as compras que iam fazendo.

— Que me compra, fregueza ?

Alguidares, panelas, quartas e potes, tijelas para caldo e pratos para legumes, de tudo isto havia fatura, e quasi tudo isto era fabricado em Beringel, trazido á feira pelos proprios fabricantes. Uma pancada seca, com as juntas dos dedos, no bojo dum pote, no fundo dum prato, denunciavam logo alguma pequena racha oculta. A's vezes travava-se uma grande questão entre o freguez e o loiceiro, porque o som era mal distincto prestando-se a afirmações contradictorias..

— Uma hora de saúde não tenha eu, fregueza, se esta quarta está rachada!...

Pelo sim, pelo não, a fregueza não a queria, mas nem por isso o loiceiro a punha de banda, tão certo estava de que outra, menos perita na interpretação de sons, a tomaria por boa.

Esta secção, a das loiças, era a que menos me interessava em toda a feira, mas nem por isso eu deixava de a visitar acompanhado de minha mãe, quasi sem reparar nos potes vidrados, para azeitonas, nos que eram pesgados, com destino ás salmoiras, nas assadeiras e respectivos coberdores, nos pequenos barris com duas azas, achatados e sem rolha. Iam-se-me os olhos nos pucarinhos de Estremoz, com incrustações de pedras brancas, alguns com desenhos de fantasia, reproduzindo animaes duma fauna que se extinguiu muito antes do diluvio universal. Por força que minha mãe havia de comprar-me um daqueles pucarinhos, e mais um barrelinho para ter agua fresca, no verão, e mais um galo com assobio, de grande crista vermelha, importando tudo, bem regatiadinho, em quantia nunca inferior a doze vintens.

Os algarvios ficavam lá mais para cima, perto do arraial, em termos que os lavradores, para irem ter com eles, não precisassem afastar-se muito do seu gado. Absolutamente nada me interessava o Algarve, as suas gorpelhas e alcofas, as suas cordas e sacas, os seus capaxos redondos, as suas esteiras compridas e largas, algumas de pequenas faixas a côres, destinadas a fazerem de tapete rico, quando chegavam visitas, em casa dos lavradores abastados. Cantilena igual á dos algarvios, para forçarem a venda, só a dos aleijados, cegos, coxos e mancos, para forçarem a esmola. Mas ali perto ficavam as barracas do bacalhau frito, e logo que eu podia escapulir-me, se tinha um vintem na algibeira, ia comprar uma posta.

Ali cantava-se e bebia-se, cantava-se mal e bebia-se bem, e eu gostava de vêr aquele espectáculo, sentindo um grande desejo de ser homem para também beber, para também cantar. Radiante que eu ficava, quando meu pae, fazendo entrega do gado, me dava cinco tostões para ir á barraca mais proxima, com os maiores, pagar-lhes a molhadura!

Era fatal a recomendação:

— Vocemecê não beba.

Eu não bebia mas deliciava-me a vêr os outros beberem, fazendo saudes, e assim gastava os cinco tostões, porque além de pagar o vinho, pagava também o bacalhau.

Havia sempre um ou outro, de genio faceto, que me dizia, esvasiando um copo: — *O' patrão, é bom pôr em cima do vinho uma posta de bacalhau, para ele não subir á cabeça.*

Eu dava-me por convencido, e como tudo era barato, o bacalhau e o vinho, os cinco tostões chegavam á larga, e ainda me ficavam alguns vintens para guloseimas.

Pela meia tarde o gado retirava, para beber e pastar, continuando a corredeira até quasi ao sol posto. Recolhiam os lavradores á pousada, desfeito o arraial, cheios de pó, suando em bica, e assim mesmo se punham á mesa, desembaraçados da jaqueta, desculpando-se para com os hospedes, se os tinham, do á vontade a que o calor os obrigava.

— Nem a comida sabe bem com um calmazio destes...

Nestes dias, em minha casa, não se resava, o que para mim era motivo de grande satisfação, porque me levantava da meza mal engulido o bocado.

Meu pae dizia sempre, como que a desculpar-se da falta: — Nosso Senhor nos perdõe, mas nas feiras não se pode resar.

As lavradoras empapoiavam-se depois de jantar, e toca para a feira, em rancho, elas, as suas criadas e os seus meninos, raramente as acompanhando os maridos, quasi todos eles devotos da pinga, os mais bohemios indo para as barracas, e os mais pacatos deixando-se ficar em casa, oficiando a Baccho. Era a maré do negocio nas lojas de fazendas, dispostas em arruamentos com toldo, abertas até ao acender das luzes. Ali se encontravam lavradoras que só muito de longe em longe se viam, e a cumprimentarem-se iam fazendo as compras, ás vezes comprando mais caro que nas lojas da vila, mas não deixando de comprar na feira, por obediencia á tradição. Vinham mercantes de longe, ourives de Setubal e de Lisboa, paneiros de Evora e de Beja, sem contar, está bem de ver, com os lojistas do Concelho, entre eles sendo notavel o sr. Manuel Lourenço, de Ervidel, que vestia um casaquinho curto, pouco mais comprido que uma jaqueta, e usava passa-piolho.

Como não hei de sentir-me velho, se o tio Lourenço morreu ha uns poucos de anos, já em idade avançada, e eu assisti ao seu casamento, ainda não frequentava a Escola!

Recordo-me como se fosse hontem . . .

Já a noiva estava paramentada, mimosa na frescura das suas vinte primaveras, e ainda não havia noticias do noivo, que devia chegar, vindo da sua aldeia, a certa hora combinada. A demora começava a inquietar, quando um criado veio dizer, esbaforido, como se tivesse feito a corrida da Marathona: — *Já ahi vem! Já ahi vem!* O pobre diabo fôra postar-se, de atalaia, num ponto em que a estrada se incurva, debaixo dum chaparro, e quando viu sair de Montes-Velhos um carro de toldo azul, desatou a correr para Junjeiros, ancioso por dar a boa nova — *Já ahi vem! Já ahi vem!*

Dahi a pouco o sr. Manuel Lourenço apeava-se do carro á porta da sua noiva, e a todos explicava a demora :

— Encheu-se-me a casa logo pela manhã. Era gente de Ferreira, de Santa Victoria, das Cortes, e todos queriam ser aviados ao mesmo tempo. Quem não sabe contentar a freguezia, perde-a. Todos foram aviados, e eu aqui estou para contrair os sagrados laços do Matrimonio.

O sr. Manuel Lourenço, proprietario e logista, fizera modestamente o seu exame de primeiras letras, e por aí se ficára em estudos officiaes. Mas era curioso de leitura, e os seus vagares de balcão aproveitava-os para se instruir, enriquecendo o seu espirito, mais de palavras que de ideias. Não maltratava a gramatica, mas a affectação dos seus discursos, em que abundavam os termos domingueiros, fazia-o incompreendido das pessoas incultas, e tornava-o ridiculo aos olhos das pessoas ilustradas.

Organisou-se o cortejo logo a seguir ao almoço, e toca para Montes-Velhos, onde o sr. padre Jordão esperava os noivos, n'uma impaciencia, por que se tinha comprometido solenemente para com meu avô, o lavrador Espada, a não se embebedar n'aquelle dia, senão depois de lhe ter casado a filha, justamente a unica das suas filhas que elle tinha batisado.

Foi muito notado que o sr. Manuel Lourenço não dêsse alguma coisa, pouco que fosse, ás raparigas do arco, e como n'um grupo se comentasse o caso, attribuindo-o a distração, o Mestre José Ilheu, sapateiro de obra fina, comentou :

— Distruido, aquele méco ? Um grande sovina é que ele é !

Estava a familia reunida, cada qual junto da cadeira em que havia de sentar-se á meza, e não apreciavam os noivos, o que dava logar a conversas bre-

jeiras, quasi em segredo, como impunham as conveniências de toda a ordem. Senão quando o sr. Manuel Lourenço irrompe, trazendo a noiva pela mão, vermelha como um bago de romã, e declara á assistencia :

— Estão cumpridos todos os preceitos, divinos e humanos, do Santissimo Sacramento do Matrimonio.

Explicava-me ele, mais tarde, muito mais tarde, quando já a minha sabença de politecnico deixava a perder de vista o seu cabedal de conhecimentos caixeiros :

— Pode-se morrer d'um momento para outro, e para todos os efeitos civis do casamento, é necessario que o Sacramento do Matrimonio tenha uma realisação carnal.

Falei do caso, um dia, ao Mestre José Ilheu, tolhido de reumatismo, já incapaz de trabalhar pelo officio, mas ainda solerte, os olhitos muito vivos, as barbiculas muito brancas, curvado ao peso de quasi oitenta anos, não querendo morrer antes da sua companheira, para a não deixar zo desamparo.

— Foi verdade, foi, menino. A familia ficou embaçada. Eu, cá por mim, fiquei mais envergonhado que se me tivessem dado duas orelhadas.

Pois a loja do sr. Manuel Lourenço, na feira de Santo Antonio, era das que faziam mais negocio, porque ele era, de todos os lojistas, o que mais se acomodava com os preços e o que mais sabia captivar a freguezia. Usava gravata e tratava as lavradoras por — minha senhora, coisa que os outros lojeiros não faziam. De modo que a sua loja era o *rendez-vous* obrigado de toda a assistencia lavradora, e isso lhe servia de reclame para com os feirantes de todas as categorias.

Os tendeiros ficavam no mesmo arruamento, sem toldo e sem balcão, a maior parte expondo a sua mercadoria em cima de caixotes, em taboas soltas,

cobertas com um pano branco. Era ahi que eu feirava, comprando aqui um berimbau, mais adiante um canivete de duas folhas — luxo supremo! — e, se para tanto me chegavam os haveres, adquirindo um «port-monnaie» com dois compartimentos — um para o cobre, que nunca ia além de seis vintens, e outro para a prata, que raramente excedia o meio tostão.

No que eu gastava uma fortuna, ás escondidas de minha mãe, era nos capilés de cavalinho, menos por serem capilés, do que por serem uma bebida que eu chupava aavez dum engenho que tinha os ares dum monumento equestre celebrando uma gloria imarcesível.

Eram tão certos, nas feiras do meu tempo, os *bonecos* como os ciganos, e geralmente faziam os seus exercicios de clownismo e ginastica trabalhando ao ar livre. As pessoas faziam roda, que ia engrossando, estendiam-se no chão uns panos ou umas mantas, e logo os acrobatas começavam o seu trabalho, tendo o cuidado de fazer o peditorio antes do ultimo numero. Quando os bonecos já arremedavam uma companhia, e trabalhavam no trapezio e barra fixa, a sua exhibição fazia-se em recinto fechado, num quintal, com entradas pagas, e invariavelmente um palhaço, á porta, avisava o publico de que o espectáculo ia principiar, só pagando os que tinham cabeça — *quem não tem cabeça não paga nada!*

A que infinita distancia tudo isto me fica, e que infinitas saudades eu tenho d'esses tempos longinquos, feliz porque tudo sorria á minha infancia descuidada, olhando para traz e nada vendo a que prendesse uma recordação amarga, olhando para diante e nada lo-brigando que fosse um embaraço no meu caminho!

Quando acabava a feira, eu poderia muito bem parodiar o famoso dito da romana devassa, tendo dado pabulo amoroso a uma legião inteira — *lassiata*

*sed non satiata*, ou seja, em portuguez do melhor quilate — *cansada mas não satisfeita*.

Fenomeno singular: — a minha primeira noite, depois da feira, ainda com os olhos cheios de quanto chamara a minha atenção, despertando a minha curiosidade, ainda com os ouvidos cheios de todos os rumores confusos, de mil tonalidades, que se produzem em semelhantes conglomerados de pessoas e animaes, a minha primeira noite, depois da feira, era levada n'um sono; mas em vez de sonhar com a feira que acabara, mordicante de sol e de poeira, era com a feira de Castro que eu sonhava, no limiar do outono, já frescas as manhãs, as tardes de uma suave melancolia, sombreando a terra, em manchas, o verde das searas temporãs, e laivando o horisonte distante, para as bandas do mar, um sol que parecia ter ganho em luminosidade suave o que nos mezes de verão perdera em energia calorifera.

\*

Ia jurar que o Romana, já relativamente avançado em anos, morreu na ignorancia do que fosse o medo — a não ser medo dos cães danados. Tremia só de pensar que havia de raivar-se uma cabeça do seu rebanho, e como sabia, por ouvir dizer, que os lobos tambem se danam, como os cães, quando uma rez se lhe tresmalhava, na Serra, logo ele entrava n'uma aflicção, menos pelo receio de que os lobos pudessem matal-a, do que pelo receio de que eles pudessem mordel-a, estando hydrophobos.

Para ele a raiva não era doença; era possessão demoniaca, contra a qual não havia exorcismos efficazes.

— Nosso Senhor tudo quanto faz é bem feito; mas uma coisa assim...

Contava elle que um homem dos Aivados, mordido por um cão danado, esteve duas semanas inteirinhas sem comer, sem beber, sem dormir, e um bello dia, tomado d'uma furia nunca vista, mal se contendo sem morder as pessoas que d'elle se aproximavam, deitou a correr, sem evitar obstaculos, em direcção a S. Romão. Diziam as pessoas que o tinham visto nessa felga, que elle corria mais que um comboio. Rebentou, o desgraçado, quando chegou á vista do Calvario, e contaram uns homens que andavam na desmoita, ali perto, que elle tinha rebentado com um estrondo semelhante ao de um trovão.

Ainda se não tinha descoberto, n'aquelle tempo, o remedio contra a raiva, nenhuma cura sendo possivel senão por milagre de S. Romão. Para o Romana era coisa certa, porque era coisa perfeitamente averiguada, que uma pessoa ou um animal qualquer, atacado de raiva, se conseguia chegar ao pé do Calvario, ficava radicalmente curada; mas a maior parte das vezes o raivoso, animal ou pessoa, assim que chegava á vista do Calvario, rebentava com estrondo, como sucedera ao homem dos Aivados.

Não era o Romana homem que andasse em festas, e raramente ia á missa, allegando que *primeiro estão as obrigações que as devoções*. Mas á festa de S. Romão é que elle nunca faltava, e certa tinha o santo a sua esmola d'um alqueire de trigo ou o seu valor em dinheiro. Comprava sempre duas fitas, duas medidas, uma estreita e outra larga, meio metro de cada uma, que fazia benzer, e depois a mana Anica arranjava-lhe um saquinho, em forma de coração, dentro do qual, como bom devoto, elle trazia esse talisman, suspenso do pescoço por um cordãozinho de lã.

A festa de S. Romão!

Não era eu menos entusiasta que o Romana pela

feira de S. Romão, naturalmente por motivos diversos. Os cães danados não me faziam medo, mas a festa divertia-me imenso, muito mais que a de S. Miguel, perto de Casevel, no concelho de Castro Verde.

Meu pai, naturalmente interessado em homenagear o santo, punha sempre um carro ou dois á disposição das moças de Rio de Moinhos, generosidade que ellas aproveitavam, porque se morriam por uma festa longe, a uns quinze ou vinte kilometros da sua aldeia, em pleno campo, com uma noite passada ao relento.

Antes de clarear a manhã, muito antes, já ellas estavam no Monte, para tomarem os carrós, e toda a familia, antes da abalada, matava o bicho, operação que se fazia com aguardente e bolos.

Organisava-se uma especie de cortejo, os cavaleiros adiante, os carros logo a seguir, os peões atraz, e pela estrada adiante, na frescura algumas vezes orvalhada da manhã, cantares ingenuos de gente rustica echoavam em plena Natureza, como n'uma vasta cathedral, saudando a hostia que ia erguer-se, por detraz dos montes, alagando a Terra, ainda mal desperta, d'uma luz abençoada.

A um lado e outro da estrada, onde não ha o matto bravio, as imensas charnecas picadas de minusculos chaparros, ha as terras de cultura, alqueivadas ou em restolho, insignificantes terras gallegas que mal remuneram o lavrador, a despeito da rotação cultural. Avista-se Panoias, á esquerda, n'um alto, fazendo-lhe sentinella uns eucalyptos esguios que recortam no ar limpido o seu perfil de ascetas. Ficamos á direita a Aldeia dos Elvas, de miseraveis casas sem reboco, sem cal, muito poucas, talvez uma duzia, remendadas as paredes exteriores, na maior parte, com tojo e matto. Quasi não se lobriga um Monte habitado na vasta extensão que os nossos olhos percorrem,

sem encontrarem alguma coisa em que repousem, uma arvore que offereça a sua parca sombra ou liberalise o seu fructo rustico, pelo menos a malhada d'um pastor, com o seu arquiz á frente, servindo de arrecadação.

Os primeiros que avistam o Calvario, ao dobrarem o ultimo cotovelo da estrada, param como sob uma voz de comando, apeam-se das montadas ou saem dos carros, e de mãos postas, o chapéu debaixo do braço, resam as suas devoções. Todos os que vão chegando fazem a mesma coisa, ajoelhando os de maior fervor religioso, sobretudo as mulheres.

Novamente o cortejo se põe em marcha, e não tarda que chegue á velha e mal conservada ermida, na margem direita da ribeira, em sitio baixo e ermo, proprio ao recolhimento e á meditação.

As lavradoras levam nos carros grandes taleigos com roupa, parte dos seus fatos domingueiros, e ali mesmo fazem a sua *toilette* sumaria, a não ser alguma de maior prosapia, que se empapoila com o melhor que tem para uma festa na cidade. Não se dispõem os carros em filas — cada um amezenda onde pode — e essa aparente desordem dá muito pitoresco ao arraial. Os cavaleiros prendem as montadas aos carros — Dá licença que prenda aqui o meu cavallo, a minha mula, o meu burro! —, excepto os que, muito previdentes e methodicos, levam uma estaca, que cravam no chão, servindo-se d'uma pedra como martello. Quasi todos os carros visinhos teem o toldo de chita, uma vulgar chita de ramagens, o que eu acho muito curioso, porque nos meus sitios o toldo, quando não é feito d'um lençol, é feito d'um panno de linho muito encorpado, aspero como a estopa, servindo-lhe de forro uma esteira do Algarve. Ha tendeiros, alguns dos quaes eu já conheço, e tambem ás vezes ha paneiros, um ou outro que andava por ali, nas

imediações, e aproveita a ocasião para uma venda mais larga. Quem faz negocio são os homens que vendem fitas, sobretudo os que vendem fitas estreitinhas, porque d'essas toda a gente compra, que mais não seja uma quarta de metro ou vara. As outras, as largas, de muitas cores e muito desenho, essas não as compram senão os festeiros ricos, as lavradoras que teem muito de seu, enfeitando as suas meninas com ellas.

Estendem-se as toalhas no chão, muito brancas, e cada qual serve-se como pode, um garfo para tres e um copo para todos. Na improvisada mesa dos lavradores ha geralmente borrego, galinha ou perú, e a todos se offerece de comer, umas vezes por mera delicadeza — é servido? —, outras vezes com a insistencia de quem deseja que o offerecimento seja aceite.

— Chegue-se pra cá, senhor Fulano, e coma alguma coisa. O que ha está á vista. E' pouco, mas é offerecido de boa vontade. Isto em festas. . .

Poucos comem, mas quasi todos bebem, e é de rigor a saude :

— Pois lá vae pela saude do sr. Fulano e da mais familia.

Melancias vermelhas destacam nas toalhas brancas partidas com mestria, por forma que o coração, formando castello, se ergue no meio das talhadas como uma fortaleza de ameias.

A' melancia é que ninguem resiste.

Isto não enche barriga. Olhe que é muito boa. Derrete-se na boca como um torrão de assucar.

Enche-se a Igreja, que é pequena, e no adro, mal lageado, acotovelam-se os devotos que não puderam entrar no templo. Penitentes vão de joelhos da porta ao altar mór; alguns dão tres voltas á roda da Igreja, por fóra ou por dentro, consoante o voto que

fizeram. O sacristão recebe as offerendas, uma grande parte em trigo, que o dinheiro cada qual o deita na caixa, pregada na parede. Faz-me scismar que ao santinho se offereçam frangos e galinhas, e minha mãe explica-me que muita gente tem a devoção de implorar os bons officios do santo fazendo-lhe a promessa d'um *coraçanito vivo*.

Terminava a festa com o sermão, e logo a seguir o prior, ainda paramentado, benzia as fitas e o pão que lhe apresentavam, no altar, com uma e outra coisa tocando na cabeça de S. Romão.

Dizia o Romana, sentindo que á festa alguma coisa faltava de essencial:

— Os lavradores o que deviam era trazer aqui os seus gados. Não era coisa que lhes custasse muito, e não faziam com isso uma grande fineza, porque se não fosse o santinho sabe Deus o que seria dos rebanhos.

Passava-se o dia em bailes, em descantes, e os festeiros que tinham ido de vespera — das festas as vespersas — consumiam a noite na folia, a maior parte sem pregar olho.

Meu pae recomendava sempre, quando a familia dispersava, engulido o almoço:

— Em sendo horas de abalar, quem está, está, e quem não está que se arranje, porque os carros não esperam por ninguém.

Geralmente a partida era pelo meio da tarde, já com a fresca, e no regresso, como na ida, era a mesma desenvoltura chilreante, com mais altos, para os cantadores molharem a guela, alguns carros aproveitando essas paragens de curta duração para tomarem a dianteira aos outros, no que faziam gala os almoceves.

Punha-se-nos o sol ahi pelas alturas do convento de Messejana, e como se as sombras da noite me

enchessem os olhos, a escorregar insensivelmente caia-me a cabeça no colo de minha mãe, só accordando quando chegavamos ao Monte, e ella me sacudia, a dizer-me :

— Vá arriba, que já chegámos.

\*

Deve ter sido Messejana, em velhos tempos, uma colonia de gente negra, tanto ahi abundavam, ainda ha pouco, os individuos caracterisadamente africanos. O Trombinha, irmão do Romana, tinha o nariz achatado e o queixo proeminente, além de ter a côr escura, de aspecto oleoso, que ordinariamente teem os indigenas d'Africa, nem sequer lhe faltando a carapinha. A familia Romana era bem uma mancha cafreal, quanto aos caracteres physicos, na pureza caucasica da pequena ilha transtagana, mas só quanto aos caracteres physicos, porque o seu moral era digno de se apontar como exemplo.

O Trombinha era supersticioso; acreditava em bruxas e lobisomes, mas não lhes tinha medo.

— São artes do diabo, dizia elle.

Estou a ouvil-o contar o que uma vez lhe succedeu noite fechada, ia elle para Messejana.

N'uma volta da estrada appareceu-lhe na frente, grunhindo, a espumar, um javardo. Pareceu-lhe o caso estranho, mas não se assustou.

— Eh! bicho do diabo!...

O javardo, continuando a grunhir e a espumar, em vez de fugir, como o Trombinha esperava, avançou para elle.

— Jesus, que é santo nome de Jesus!

Abaixa-se por uma pedra; calha-se com o javardo no momento em que parou, firmando-se nos quartos trazeiros, e prega-lhe com o calhau no meio da testa

despedido com tanta força como se o lançasse uma funda.

O javardo deu um grito, como se fosse uma pessoa, e desapareceu da vista de Trombinha como se fosse um corisco.

O Romana!

Já muito doente, mal arrastando as pernas, ainda guardava vacas, e estou em crer que o separar-se do seu gado, mais do que a tuberculose que lhe roía os pulmões, lhe encurtou a vida.

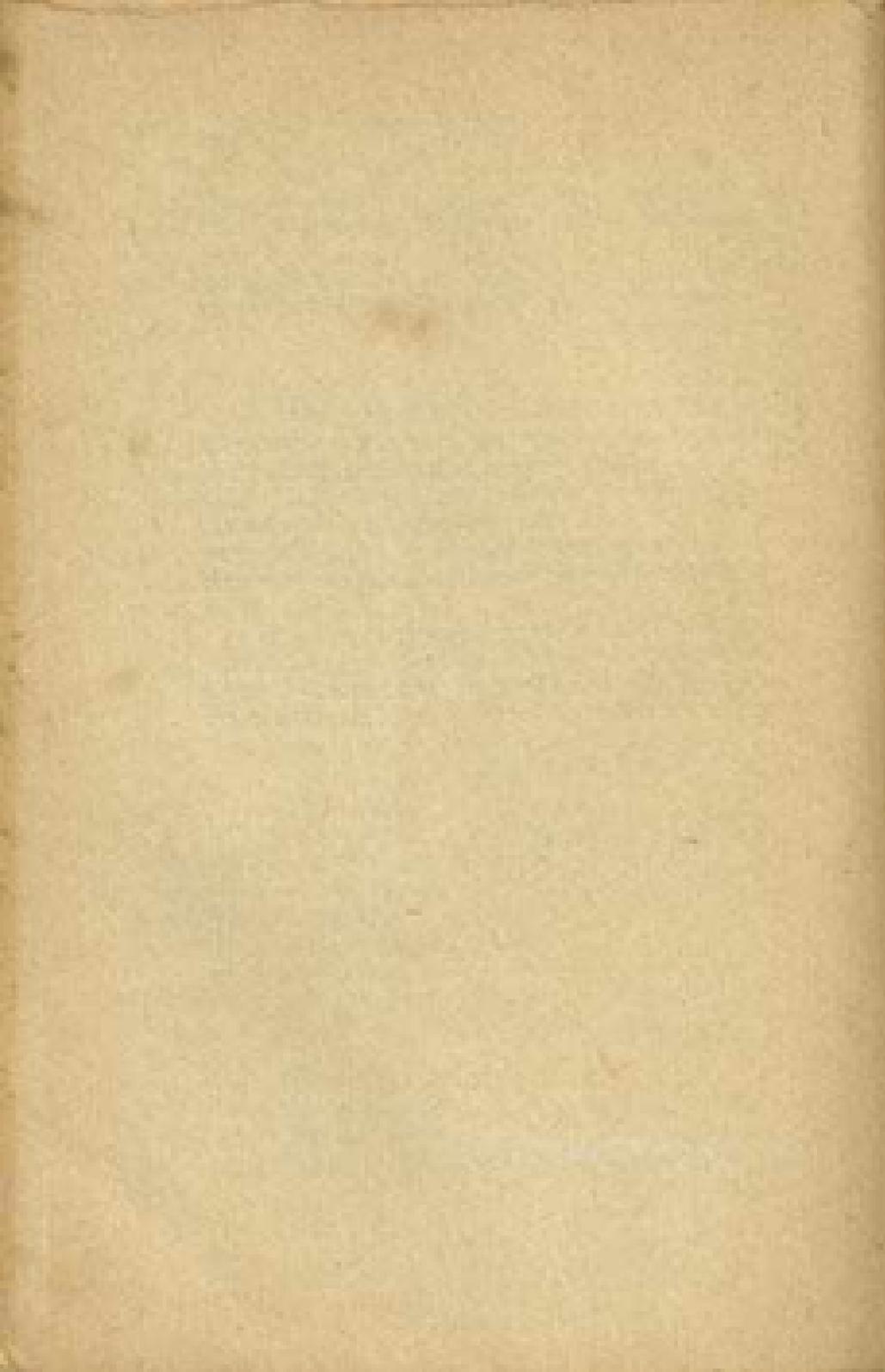
Na cama, umas vezes ardendo em febre, outras vezes alagado em suores frios, a nostalgia das vacas, a saudade dos campos, sobrelevava ao seu tormento physico.

— Já não torno a ver o meu gado.

Chegava-lhe aos ouvidos um zangorrear de chocalhos, e logo elle se voltava na cama, para o lado da parede, a esconder as lagrimas que lhe corriam em fio...

O pobre Romana!

---



## A sr.<sup>a</sup> Maria do Cerro

---

Viera ao mundo para ser uma grande dama, e as contingencias da vida fizeram d'ella uma criada de servir.

Apenas alguns annos, muito poucos, se viu na elevada posição de governanta, dirigindo a casa do sr. Joaquim Pedro, viuvo ainda em boa idade, com dois filhos pequenos.

O ar superior com que ella fazia as honras da casa, mesmo quando as visitas eram parentes do amo, e conheciam a sr.<sup>a</sup> Maria do Cerro do tempo, ainda proximo, em que ella andava servindo pelos Montes, criada como qualquer outra, apenas mais impertigada que as outras, quasi hieratica, muito branca, como uma grande figura de jaspe, e muito fria como a estatua de sal em que se converteu a mulher biblica.

O sr. Joaquim Pedro era um fervoroso devoto de Baccho, e á sua devoção andava a sacrificar, desde que enviuvára, a fortuna e a saude. Bem se importava elle que chovesse ou ventasse, que o inverno fosse seco e o verão fosse humido, comtanto que não lhe faltasse o vinho na adega, ou que pelo menos se não acabasse nas tavernas, onde a principio entrava envergonhado, quasi a esconder-se, em lucta com as

exigencias de uma educação, que reivindicava os seus direitos, e as solicitações d'um vício, que se radicava mais e mais, dominando-lhe a vontade até lh'a quebrar de todo.

Casára muito novo, e ligára-se á mulher eleita do seu coração com o enternecido carinho d'um namorado, que nem por ver realizados os seus sonhos deixa de viver e sonhar, guardando n'alma, apesar da posse, uma grande porção de vaga idealidade, rosada como a facha do horisonte longinquo, quando o sol, emerge da noite a doirar o cimo dos montes.

Um dia . . .

Recordava-o muitas vezes, a chorar, e porque essa recordação lhe era extremamente dolorosa, logo a afogava n'um grande copo, bebendo até cair.

— Andava no quintal, estendendo roupa, e como apanhasse muito sol, a cabeça descoberta, quando recolheu a casa sentiu-se mal disposta, sem saber o que tinha.

Levou a noite sem dormir, sempre a queixar-se, e no dia seguinte gritava que lhe partiam os ossos do craneo, e estorcia-se em vomitos secos, que lhe faziam saltar os olhos, n'uma expressão indizível de terror.

Durou aquillo menos d'uma semana, que foi para elle uma eternidade de martirio. Via-a peorar d'hora a hora, sem um instante de repouso, sem um pequenino clarão de esperança que riscasse as trevas d'aquelle quarto apertado, onde uma pequenina lampada broxuleava como no interior d'um tumulo.

Quando lh'a levaram de casa, no entardecer d'um luminoso dia de julho, sentiu que se lhe desprendera do corpo a alma, e para ali ficou, massa inerte, os olhos secos do muito que tinham chorado, e o coração insensível do muito que tinha sofrido.

Começou a beber, mal saiu d'aquelle torpor lethar-

gico, e porque só o vinho lhe apagava a memoria, para não se lembrar bebia sempre, bebia perdidamente, a principio no recato de sua casa, e depois nas tavernas de peor aspecto, pagando por todos, sem contar, dando quanto lhe pediam.

O Mestre Janellas, albardeiro profissional e barbeiro curioso, era o seu companheiro inseparavel, sempre humilde, sempre respeitoso, bebendo muitas vezes sem vontade, mas bebendo até cair, se tal era o desejo do sr. Joaquim Pedro.

Uma tarde, quasi sol-posto, estando os dois na venda da sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina, tão bebedo um como o outro, foram dizer ao sr. Joaquim Pedro que tinha morrido, havia poucas horas, o sr. Manuel da Chaminé, seu sogro. O Mestre Janellas, caiu-lhe nos braços, chorando, e o sr. Joaquim Pedro, forte perante o mal irremediavel, logo resolveu que iriam d'ali para a Chaminé, acompanhar o cadaver, sem preocupações immediatas de luto.

A sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina emprestou uma borracha, que levava duas canadas, e os dois puzeram-se a caminho, ainda o ar do dia temperava as sombras da noite.

Mal entraram no montado, a pequena distancia da aldeia, o sr. Joaquim Pedro estacou, segurando com força o braço do Mestre Janellas, e perguntou-lhe:

— Não ouviu, compadre? os sinos tocam a defuntos.

— Desculpe, sr. compadre; o que eu oiço é a chocalhada do gado...

— Parece-lhe isso, porque está bebedo; mas eu é que não confundo sinos com chocalhos. Vamos lá a beber uma golada por alma do sr. Papa Moscas.

Como a união faz a força, o sr. Joaquim Pedro passou o braço direito por cima dos hombros do Mestre Janellas, passando o Mestre Janellas o braço

esquerdo pela cintura do sr. Joaquim Pedro, e assim foram andando, aos bordos, parando, ás vezes, diante d'um chaparro esguio para se convencerem de que não era um homem.

— Quem vem lá? . . .

Aproximavam-se, cautelosamente, e quando verificavam, tocando-lhe, que o chaparro não era uma pessoa, desatavam a vociferar, armando em valentes — rachava-o de meio a meio, se fosse um homem! — e acabavam por dar mais um beijo na borracha, pondo-a molle como barriga de velha.

Fazia um luar escasso, e precisamente na bifurcação da estrada em que iam, arvôres de grande copa faziam um lago de sombra, em que a visão era confusa.

— Onde estamos, compadre Janellas?

— Na extrema do Sabugueiro.

— Então é para a esquerda.

— Desculpe, sr. compadre, mas é para a direita.

O Janellas tinha rasão; mas o sr. Joaquim Pedro não lh'a dava, e rompendo intrepidamente, aos bordos, pela bifurcação da esquerda, disse-lhe que fosse por onde quizesse, comtanto que largasse a borracha, já a meios descontos, como diria um tropa. N'isto ouviu-se cantar um gallo, fóra d'horas, e o sr. Joaquim Pedro foi obrigado a reconhecer que aquelle apressado madrugador era da capoeira do Sabugueiro, esquecido na lenha quando recolheram a criação.

— Tem rasão o senhor Janellas.

Beberam mais uma goladilha por alma do sr. Manuel da Chaminé, e amparando-se mutuamente, como se a somma de duas fraquezas não fosse uma fraqueza maior, de novo se puzeram a caminho.

Nas margens da ribeira, em águas empoçadas, formando pantanos minusculos, as rãs entoavam a sua cantoria monotonica, em que parece haver lamentos de

quem sofre e gritos de quem pede socorro, respondendo-lhes do lado da terra os grilos e os ralos, todas estas vozes formando uma orquestração incomoda por dissonante, e estúpida por inexpressiva.

Choupos esguios, muito altos, desenhavam na atmosphera, levemente pardacenta, o seu perfil ascetico, e na margem dos grandes pegos, aqui e além, os salgueiros e os loendros, em plena floração, bordavam as aguas quiéttas, sem transparencia, porque n'ellas se diluiam sombras, dando á vista, muito de perto, a impressão d'um emoldurado com fuchseas.

— E se nós tomássemos um banho, ó compadre Janellas, para refrescar as ideias?

Quando chegaram ao quinchoso, já perto do Monte, o sr. Joaquim Pedro quiz saber em que estado se encontrava a borracha, escandaloso como seria entrarem com ella á vista na casa onde velavam o cada-ver.

Beberam o pouco que restava das duas canadas, e o compadre Janellas, por conselho do sr. Joaquim Pedro, reduzindo ao menor volume a borracha vasia, acomodou-a debaixo da jaqueta, em termos que ninguém desse por ella.

Não sei que diabo isto é; mas em ocasiões d'estas não sou capaz de deitar uma lagrima.

— Pense em coisas tristes, sr. compadre.

— Pois está dito; vou pensar que as vinhas secaram todas e o vinho que ainda havia nas adegas se mudou em vinagre.

Da Aldeia e dos Montes visinhos, logo que constou que o sr. Manuel da Chaminé tinha morrido, viera muita gente para velar o cadaver, homens, mulheres e creanças. O corpo fôra colocado em cima d'uma arca, na casa da entrada, depois de lavado e vestido, coberto com um lençol de linho, as mãos postas, com quatro velas a alumial-o, duas de cada lado.

As mulheres tagarelavam, conforme o uso, excepto as que dormiam... por alma do defunto. Contavam-se anedoctas picarescas, historias de namoros e de bruxas, mais parecendo tratar-se d'uma festa que d'uma cerimonia funebre.

Senão quando abre-se a porta do Monte, e o sr. Joaquim Pedro aparece, seguido pelo Mestre Janellas, de semblante carregado os dois, o chapéu quasi a tapar-lhes os olhos, para que lh'os não vissem enxutos.

Logo o mulherio se levanta, n'um berreiro — coitadinho do sr. Manuel da Chaminé, tão amigo de fazer bem aos pobres — as que faziam meia escondendo, debaixo da mantilha, o seu serviço, e as que dormiam, acordando estremunhadas, fazendo côro de vozes, sem articularem sons.

O sr. Joaquim Pedro e o Mestre Janellas, sentindo que os incomodava tanta luz, foram meter-se na dispensa, que era a casa mais interior do Monte.

— E se nós comessemos alguma coisa ?

A creada veio, e explicou: — Essa gente que para ahi está, sem pedir licença a ninguem, comeu tudo. De dois alqueires de pão que cosi no sabado não resta coisa que encha a cova d'um dente. Os queiijinhos e os chouriços, se lhes não acudo a tempo, levavam o mesmo caminho. Nunca se viu uma pouca vergonha assim, Nosso Senhor me perdoe !

O sr. Joaquim Pedro ouviu, muito callado, e quando ella acabou o seu sermão, mais furioso do que comovido, disse-lhe com bons modos: — *Pode-se ir embora, senhora Joanna.*

Apenas a sr.<sup>a</sup> Joanna saiu, o sr. Joaquim Pedro foi direito — tão direito quanto a bebedeira lh'o permitia — a um cofre onde o sogro guardava papeis, e tirou de lá uma especie de velha escriptura, que bem podia ser um velho testamento.

Entrou, acompanhado do Janellas, na camara mortuaria, e chamando a atenção da familia, que ali estava, homens, mulheres e creanças; disse-lhe, mostrando o papel que trazia na mão: — *Isto é o testamento de meu sogro, que Deus tenha em sua santa guarda. Quero que saibam o que n'elle se dispõe.*

Todos se puzeram a escutal-o com muita curiosidade, os homens e as mulheres, curiosidade que se converteu em pasmo quando elle leu esta passagem: — *A's pessoas que velarem o meu cadaver não deixo nada, para não tirar o merecimento da sua ação, que Deus lhes recompensa.*

— A ultima vontade de meu sogro, disse, terminando a leitura, será rigorosamente cumprida.

— Bem feita, sr. compadre, bem feita, disse-lhe o Mestre Janellas, quando se encontraram novamente na dispensa vazia.

Ainda não tinha passado meia hora, vinha a sr.<sup>a</sup> Joanna dizer que a familia tinha abalado, ficando apenas velando o cadaver duas velhas, que dormiam a somno solto.

— Bem feita, sr. compadre, bem feita!

\*

Imaginou a sr.<sup>a</sup> Maria do Cerro que havia de trazer aquelle vicioso ao bom caminho, e quando acceitou o encargo de governar a sua casa foi na esperança de o conseguir.

Ingenua esperança!

Bem se importava elle com os sermões que ella lhe prérgava, a falar-lhe dos filhos, pobres creanças a quem a mãe faltara muito cedo, n'uma idade em que ser orphão não é desgraça que se chore, porque ainda se está muito perto do berço, na risonha inconsciencia do que é a morte e do que é a vida.

Livre de fazer o que quizesse, nova ainda, a sr.<sup>a</sup> Maria do Cerro não deixava estiolar a sua juventude nas torturas d'uma castidade inutil; mas não era bastante essa ventura fugaz a reconciliar-a com a sua triste sorte, amarrada a um homem constantemente bebedo, maltratando-a de palavras, chamando-lhe quantos nomes feios lhe acudiam á boca nos engulhos d'um vomito liquido.

Chegou a coisa a termo que um dia, sem participar a ninguem os seus negros designios, muito direita, quasi hirta, abalou caminho da ribeira, sem o disfarce d'uma trouxa que respondesse á curiosidade de quem a via passar, branca de jaspe, com um lenço de ramagens na cabeça, e uma velha mantilha pelos hombros, cinzenta e triangular, atada na cintura.

Era muito raro sair sósinha, a não ser para muito perto de casa, na visinhança mais chegada, a pedir alguma coisa ou a restituir o que pedira. Quem passava por ella, cumprimentava-a — *boas tardes, senhora Maria* — e só por vergonha lhe não perguntava para onde era o passeio, áquella hora matinal, já o sol nascera, mas ainda estava encoberto, como se quizesse aquecer-se enrolado em nuvens.

Quando chegou á ribeira, um pouco para baixo da ponte, olhou para todos os lados, a ver se alguem por ali andava perto, que pudesse frustrar os seus planos, impedindo-a de morrer. Só lá muito longe, na direcção da Granja, apercebeu um rebanho d'ovelhas, pastando á vontade, provavelmente sob o olhar vigilante do maioral, enrolado na manta, a fumar o seu cachimbo.

O pego era largo, e parecia fundo, d'uma grande tranquillidade, muito espelhento no meio, com a sua vegetação de limos muito exuberante, e alguns salgueiros nas margens, deixando cahir os seus ramos froixos, n'um abandono cheio de tristeza.

Sentou-se n'uma junqueira, a olhar sem ver, no recolhido silencio de quem se debruça sobre um abismo em cujo fundo está a morte, que apavora, ao mesmo tempo que atrae! O ar fresco da manhã mordicava-lhe as faces, e punha na superficie do pego infimas pregas aveludadas, tão depressa extintas como refeitas.

Machinalmente, com uma serenidade sphyngica, ergueu-se como se fosse a junqueira uma grande mola, que se distendesse com lentidão, e avançou até muito perto da ponte, onde havia pedras de lavadouro. Tirou os sapatos, meteu-lhes dentro as meias, e erguendo as saias até ao meio da perna, os olhos pregados n'agua, fria como se já a tocasse a morte, branca e fria como se fôra modelada em neve alpina, entrou no pego vasto e sereno, emoldurado em salgueiros d'uma tristeza infinita.

Mal tocara a agua com o pé, como se o tivesse posto em tojo verde, soltou um grito como que de espanto e dôr, e quasi n'um pulo afastou-se, erguendo as saias, n'um repelão, até quasi á cintura. Enfiou as meias, calçou os sapatos, e agazalhando-se muito na mantilha, tiritando como se viesse de tomar um banho forçado, ainda com o fato agarrado á pele, n'uma sopa, ás pessoas que por ella passavam, e lhe dirigiam o seu cumprimento familiar — *vá com Deus, tia Maria* — nem a cabeça baixava, retribuindo o cumprimento, andando sempre como quem leva pressa e remcendo entre os dentes, a baterem uns nos outros, esta frase stieriotipada — *ai que frio! ai que frio!*

Deve ser hoje muito velha, a senhora Maria do Cerro, visto não a terem conhecido rapariga as pessoas velhas que eu conheço. Relembro a minha juventude longinqua, e lá a encontro, já mulher de meia idade, muito perfeitaça, pelando-se por não fazer nada, gostando de se tratar bem, com distincção, e

sobranceiramente olhando as pessoas da sua igualha com um desdem que roçava pelo desprezo, quando não revestia o caracter de uma generosidade, que era descortez.

Ao tempo ainda por ali se fazia um grande commercio de vinhos com a serra, comprados em Ferreira e na Cuba, de modo que a toda a hora passavam carros, uns que vinham outros que iam, além dos almocreves que se crusavam, palmilhando atraz dos machos, a borracha entre dois coiros inqueridos, cantando para tornarem a caminhada menos fatigante, e beberricando com frequencia, para darem tom á fibra.

A senhora Maria do Cerro pedia muitas vezes licença para ir á terra, sob qualquer pretexto, e como já estivesse em idade de saber o que lhe convinha, matrona de quarenta annos bem puxados, não se fazia acompanhar de ninguem, homem ou rapaz que estivesse ao serviço da casa, e representasse junto d'ella, tanto na ida como na volta, uma garantia de decencia.

Havia sempre um carreiro que era muito das suas relações, um homem serio por quem ella punha as mãos no lume, sem receio de queimaduras. — *Lá por aquelle fico eu*, afirmava a senhora Maria do Cerro, e *aquelle* era indiferentemente o João, o Antonio ou o Francisco, o primeiro que lhe lembrava, sem rebuscar muito na memoria.

No dia aprazado, mal avistava os carros nas alturas de Valle de Leitão tratava de se lavar, pentear, entrouxar a roupa, satisfeita, alegre, como se fosse para uma romaria. A maior parte das vezes nem se lembrava de aviar o taleigo, como se a jornada fosse curta, e não precisasse de comer pelo caminho.

Quando os carros chegavam ás oliveiras, lá em baixo, junto ao barranco que vem das Refroias, já a

senhora Maria do Cerro lá estava, com a trouxa no collo, sentada n'uma pedra, com a saia de cima enrolada na cintura, para a não enxovalhar, e o taleigo ali ao pé, naservas, contendo o modestissimo farnel que lhe tinham preparado — um pão alvo, com carne dentro, á maneira de *sandwiche*, azeitonas ou queijinhos.

Ficavam doidos de alegria, os carreiros, assim que a viam, e logo cada qual tratava de gabar as vantagens do seu carro, disputando-se a honra... e o proveito de a levar comsigo.

— Não ha gado manso como o meu, tia Maria!...

— O meu carro é um andor, senhora Maria; não dá abalo nenhum.

— Isto é um berço, verá; mesmo em caminho ruim, com o eixo untado, anda que nem sobre veludo.

A senhora Maria do Cerro era muito sensível á lisonja, e só de se ver assim cortejada por aquelles homens grosseiros, sem maneiras, bebedos quasi sempre, e a toda a hora lidando com as suas parelhas, brutalizando por habito as cavalgadas, sentia um grande desvanecimento — como a rainha d'um baile, ouvindo os madrigaes perfumados dos estoiradinhos de sala, idiotas e ridiculos.

Como não podia ir ao mesmo tempo em todos os carros, quando não havia um motivo serio de preferencia em favor d'este ou d'aquelle, a sorte decidia entre todos, e todos a ella se submetiam. Era simples — a senhora Maria do Cerro tomava do chão umas poucas de pedras, sem contar, e conservava-as fechadas na mão. *Quantas pedras estão aqui?* Cada carreiro dizia um numero, ao acaso; o que mais se aproximasse da conta, era o preferido.

A paragem, ali, á sombra das oliveiras, era da praxe, e ninguem a infringia. O gado descansava um bocado, comia o seu penso, e como ficava perto o

poço, se era no verão, dava-se-lhe de beber. A borracha andava de mão em mão, já de barriga molle, e a senhora Maria do Cerro, quando era do rancho, não desdenhava dar-lhe o seu beijo, pondo em cima da golada uma buxa de pão ou um bocadinho de carne. Não tinha o vicio de beber, mas gostava de sentir um pouco toldada a cabeça, e as coisas vistas no fumo esparso d'uma embriaguez incipiente eram mais agradaveis aos seus olhos. O café era a sua bebida predilecta, e então, acompanhado d'um calice de licor de rosas, era de lhe lamber os beiços tres vezes.

O carro que lhe coubera por sorte era sempre o ultimo a partir. Já os outros iam por ahi fóra, e ainda elle se não puzera em marcha. O respectivo carreiro tinha inevitavelmente que arranjar alguma coisa, que o obrigava a ficar para traz. Em regra, só abalava de ao pé das oliveiras quando os outros já iam para lá da portela, indo apanhal-os ao Reguengo, onde esperavam por elle... e por ella.

Repetia-se ahi a loteria das pedrinhas, e o felizar-do a quem coubera a sorte grande, formava na retaguarda. Para o carro d'elle passava então a senhora Maria do Cerro, convencida de que era preciso dividir por todos a carga que ella representava.

A scena repetia-se mais vezes, em termos que ahi pelas alturas de Panoias, a desandar para a ribeira de S. Romão, a senhora Maria do Cerro instalava-se outra vez no primeiro carro, tendo passado por todos elles.

A natureza dotara-a com uma esterilidade á prova de todos os precalços, e isso lhe valeu correr mil aventuras, sem que ficassem documentos vivos da sua libertinagem amorosa. Assim entrou ella na velhice conservando um certo ar de frescura, e não obstante os annos terem um pezo de cada vez maior,

crescendo em razão geometrica desde que se passa o equador da vida, a sua espinha conserva-se rija e direita como se fosse d'aço, e tem agora, como ha meio seculo, o aprumo hieratico d'uma figura de pedra e a frieza nevada da mulher de Loth, depois de convertida em sal marinho.

---



## O compadre João Catharino

---

Era muito amigo de todos, mas lá o compadre Balé não lhe caia no chão.

Pois se quasi o vira nascer !

Andava elle com o gado, em Braz da Gama, quando passou na estrada, enrolado na manta, o Chico Roberto, e lhe gritou, sem parar — *O' tio João ! Lá no Monte já ha gente nova.*

Como tivesse chovido muito, desde pela manhã, o barranco levava um bom fio d'agua; mas ainda se viam as passadeiras, por baixo do porto, e em todo o caso era facil passar, rodeando um bocado, até á vinha do Barradas, onde um velho tronco servia de ponte, lançada entre duas barreiras.

Abalou, pisando lama, deixando de andar para correr, evitando aqui uma poça, saltando além um valagoto, e ás vezes escorregando-lhe os dois pés ao mesmo tempo, como se pisasse manteiga. Quando chegou ao Monte, todo enlameado, sem um fio enxuto, a primeira pessoa que lhe appareceu foi a senhora Ignacia Felicidade, que sabia do officio de apparar meninos como uma parteira examinada... na Universidade... da sua aldeia.

— Então, comadre Ignacia ?

— Um menino muito perfeito.

Quiz por força que lh'o deixassem vêr, e não houve remedio senão apresentar-lh'o, acabadinho de lavar, com os olhos muito gazis, e uma cabeleira castanha, farta como de muitos mezes.

— Benza-o Deus, coitadinho!

Voltou para a sua obrigação, já quasi sol posto, e como a chuva caisse em grandes bategas, e os trovões pegassem uns nos outros, o camarada enrolára o gado para baixo do zambujeiro que havia ao meio da varzea, uma arvore colossal que em annos de bôa colheita dava para cima de doze sacos de zambujo, quasi tão grado como azeitona. O barranco ia agora mais cheio, engrossara muito com as ultimas chuvas, de modo que as passadeiras nem se viam, e até a junqueira que havia fóra do leito, ainda ha pouco descoberta, desaparecera debaixo d'agua.

— Um estupor d'um barranco, que não vale um pataco!

Que remedio senão ir passar á ponte, fazendo um rodeio que lhe parecia agora enorme, com mais d'uma arroba de barro pegada ás botas, e a agua a cair-lhe em cima, a cantaros, como se todos os aguadeiros do ceu, ao mesmo tempo, se puzessem a despejar os seus barris cá para baixo.

Mas acabou-se, estava satisfeito; tinha-se certificado, por si, de que tudo correra bem, e vira com os seus proprios olhos o morgado, com os olhitos muito vivos, já a fazer reparo — benza-o Deus! — como se fosse uma pessoa grande.

Como não havia querer-lhe muito, se quasi o vira nascer!

Mais tarde, quando já o compadre Balé era um traquina, que em casa punha tudo em polvorosa, o compadre João Catharino encarregava-se de o levar comsigo, tomando-o ao colo, quando era preciso an-

dar mais depressa, ou simplesmente porque as pernitãs cançadas se recusavam a marchar,

— Tenha paciência, compadre João; leve-mo de casa, que eu hoje não o posso aturar.

Em vindo o tempo dos ninhos, logo de manhã, muito cedo, abalava para as ovelhas, a maior parte das vezes sem dizer para onde ia, com receio de que me empatassem as vazas. Metia um pão alvo dentro d'um taleigo, juntava-lhe um ou dois queijos d'ovelha, ou de cabra, quando podia ser, escamoteava um chouriço para assar no espeto, e pernas para que vos quero, n'uma correria desaustinada, até me apanhar longe do Monte. O bem que me sabia tudo na malhada, principalmente o ensopado de borrego feito dentro da pele do mesmo borrego, á pastora, como provavelmente se fazia em edades muito remotas, antes do cyclo de civilisação historica que é caracterizada pelo uso da caldeira. O leite das cabras, acabado de ordenhar, todo em espuma, sabia-me divinamente, e mesmo que dentro do tarro tivessem caido algumas caganitas, não era preciso coal-o nem fervel-o para o beber sem repugnancia. As colheres eram de pau do ar, com o cabo cheio de arabescos, alguns denotando um fino gosto artistico e uma perfeição de technica verdadeiramente extraordinaria. A corna das azeitonas tambem era coberta de labores, e uma das chaves do azeite, a maior, tapada com uma rolha de cortiça, era um chavelho tão lindo, com baixos relevos tão bem executados, que ficaria bem um par assim na cabeça d'um principe.

Nunca pude ver com satisfação o trabalho de embarbelar os chibinhos; mas aquillo era necessario fazer-se, e algumas vezes eu proprio o fazia, parecendo-me que elles berravam menos quando era feito por mim. Sem o barbilho tinham de ficar o dia todo no cruzeiro, berrando pelas mães, que andavam a en-

cher-se de leite, desassocegadas quando a apojadura, demasiadamente repleta, lhes fazia sentir a necessidade d'uma sucção valente.

Não era por maldade que eu roubava os ninhos, escondidos uns na hervagem farta dos barrancos, outros construídos na tangalhada dos arvoredos, entre os ramos d'uma forqueta, cá debaixo sendo muito difícil vel-os, e lá em cima sendo quasi sempre arriscado estender-lhes a mão, que se a pernada quebrasse o estoiro seria desastroso.

Havia perdiz que se fartava de pôr duzias d'ovos, que eu ia roubando com muita cautela, acabando por lhe armar um laço em que a misera caía sem remedio.

Nas proximidades da Paschoa redobrava a minha furia á caça dos ninhos, para ter um foliar com muitos ovos, não ovos de galinha, que isso era banal, mas ovos de perdiz e calhandra, ás vezes até ovos de cartaxo, muito pequeninos, como seixos polychromos da praia.

Os trambulhões que eu dava, dentro da rede, ao soltar o gado, agarrando carneiros, que ás vezes me levavam de rojo, gradando o alqueive, e saindo da fancha com a farpela toda rasgada!

Em sabendo que o rebanho viria ao Monte, fosse para o que fosse, já eu não tinha um minuto de socego, como nas vespas d'uma festa. Ajudava a fazer o bardo, carregando lenha, e no dia seguinte mal luzia o buraco, saltava da cama sem fazer barulho, e cá vai elle esperar o gado.

O compadre João Catharino, em me vendo, chamava-me logo para junto de si — venha cá, sr. compadre — receioso de que eu lhe espantasse as ovelhas, tornando difícil a sua entrada no curral. O difícil era fazer com que entrassem algumas, a fazerem novello, encostando-se umas ás outras, como no acarro.

Quando a resistencia era maior, o compadre João Catharino avançava resolutamente para a porta do curral, e pegando n'uma pelo cachaço, n'outra pegando pelas pernas, conseguia meter uma duzia no curral.

— Apertem o gado, rapazes.

Começavam, então, as ovelhas a entrar para o curral, e era uma coisa que me intrigava ellas entrarem dando um salto, como se á porta tivessem de vencer um obstaculo. Se era de assignar que se tratava, era inevitavel que eu agarrasse no pincel e desenhasse uma cruz, branca de cal, na lã preta d'algumas ovelhas ou carneiros. Rabejar era coisa que não sabia fazer, nem o compadre João Catharino me cederia a thesoura, com medo de eu cortar os dedos.

Às vezes o rebanho ia ao improvisado curral de lenha para se contarem os borregos, e a contagem era feita por meu pai e o compadre João Catharino, servindo-se ambos de pedras, como fazia o compadre Rabino no encabeçamento dos montados. Por cada vinte e cinco borregos metiam uma pedra na algibeira.

— Quantas pedras tem lá, sr. compadre ?

Era sempre demorada esta contagem, porque era necessario evitar que os borregos saíssem em tropel, enfadonho como seria, no caso de haver engano, voltar ao começo. O compadre João Catharino tomava posição, em pé, da parte de dentro do curral, intervindo com as pernas e as mãos para evitar a confusão, e meu pai ficava do lado de fóra, sentado n'uma cadeira.

Recolhendo a casa, depois de tudo acabado, era pela certa meu pai fazer esta observação:

— Lá como isto é, não sei; mas os borregos dos maioraes são sempre melhores que os do patrão.

Havia de me ser difficil, n'aquelle tempo, dizer qual era o gado de que mais gostava, sendo certo que de todo gostava muito, não influindo no meu gosto, naturalmente, rasões de ordem utilitaria.

Eram tão lindos, os bacorinhos! Os bezerros, emquanto andavam atraz das mães, tinham tanta graça! Os borregos são d'uma desenvoltura alegre, que faz rir, quando fartos de hervas ou de leite, e eu delicia-va-me a brincar com elles, perseguindo-os sem os apanhar, quando o rebanho vinha para o rocío do Monte, nas tardes enxutas do fim do inverno.

Dizia o compadre João Catharino :

— Não ha gado como a ovelha, para o lavrador. Ella dá-lhe o leite, dá-lhe a carne, dá-lhe a lã, dá-lhe a pelle, e até urina e esterco — com sua licença — para o dono.

Era verdade; mas a ovelha, dizia meu pai, é um diabo d'um animal que tanto morre de farto como de fome. Quando lhe dá a morrinha, é um esfolar que nunca mais acaba.

— Esta noite quantas pingaram ?

Não era raro, quando lhes dava a molestia, erguer-se o maioral pela manhã e verificar que na rede havia quinze ou vinte cabeças mortas.

Porque tinham morrido ?

Sabia-se lá !

\*

Ainda me lembro d'um sementão, de grandes barbas, largo da corna, com uma grande malha branca na barriga, quasi do tamanho d'um novillo d'anno. O compadre João Catharino lá arranjou um albardão velho, que punha no lombo do chibato; metia-lhe na boca uma especie de freio com dois bocados de corda a servirem de redeas, e escarranchava-me em cima do bicho, que abalava a correr para o rebanho, como

se lhe não pezasse a carga. A's vezes lá me aguentava como um bom calção; mas outras vezes desequilibrava-me logo aos primeiros saltos, estatelando-me vergonhosamente. A troça que me fazia o compadre João Catharino, quando me via estendido, e o chibato a correr com o albardão em cima, espirrando como se lhe mettessem pimenta nas ventas!

Chorei a bom chorar, quando ouvi meu pai dar ordem para se matar o meu chibato — um cavallo de cem moedas! — e como não ousasse tentar demover a vontade paterna, intercedendo pelo condemnado, procurei enternecer minha mãe com as minhas lagrimas, certo de que a ordem seria revogada se ella assim o quizesse a valer. Baptisava-se a minha irmã Catharina, e a morte do meu chibato, a melhor cabeça do rebanho, equivalia á morte do vitelo gordo na parábola do filho prodigo.

De nada valeram os meus prantos; mas a recusa do compadre João Catharino a executar a ordem recebida, uma recusa delicada mas formal, como que mitigou a minha grande dôr, uma funda e sincera dôr, que durou... até á hora do jantar.

— O chibato ali está, sr. compadre; mas faça favor de o mandar matar por outro, porque eu não tenho coragem para lhe meter a faca.

Ainda esperei que meu pai, contagiado pelo enterrecimento do compadre João Catharino mandaria soltar o chibato; mas estava escripto que elle havia de assistir á festa, como iguaria, e eu tive de fugir para lhe não ouvir os berros doloridos, quando lhe cortassem as guellas. Dizia o padre Dias, ao jantar, saboreando-lhe a carne e o môlho: — E' melhor que vitella!

A vontade que eu tive de lhe pregar com um prato na cara!...

\*

Grande caçador, quando podia afastar-se do rebanho aproveitava a maré para caçar. Mesmo atrás das ovelhas não largava a espingarda. Com frequencia, no meio do rebanho, levanta-se uma lebre, e elle lá arranjava maneira de lhe pregar uma chumbada. Se n'uma semeada, por grande que fosse, estivesse uma lebre na cama, elle lá ia ter com ella, e raras vezes lhe dava tempo de se pôr nas pernas. Era a sua especialidade.

— Olhe aqui por este rego adeante. . . Além, onde bole um saramago, está uma lebre.

E estava. Abalava então, pé-ante-pé, o olho na lebre, a espingarda quasi á cara, prompta a desfechar ao minimo movimento que ella fizesse. Mesmo na caça do ar, perdizes ou galinholas, não era qualquer que o fazia ruim. Perdizinha que lhe saísse a geito, já sabia que enrolava as azas.

— No ar não ha moitas, sr. compadre.

Mas mesmo onde havia moitas, nas charnecas mais espessas, os seus tiros eram certos. Metido na jolda, quasi sempre fazendo uma das pontas, se adregava aparecer caça, a moxila d'elle nunca ficava vazia.

— Este mitra ia a safar-se para os buracos.

O primeiro coelho que eu matei — se me lembro! — foi elle que m'o fez ver, na sua cama de pasto, n'uma alverca do Cabeço, pelo lado debaixo d'uma lentisqueira.

— Não o vê? Aponte áquelle tanganhito, n'esta direcção, e fogo!

Entrei em casa com o coelho á cinta, soberbo como devia entrar em Roma um Cesar victorioso. Era a minha primeira façanha venatoria, e embora tivesse desfechado contra o que não via, o certo era ter o

animalsinho ficado no firo, sem tugar nem mugir, passado de chumbo.

O peor é que ninguem acreditava que eu tivesse morto o coelho, e isso me desesperava muito mais do que se o tivesse errado. Debalde eu explicava que o coelho estava na cama, muito provavelmente a dormir, tão ferrado no somno que eu pudera fazer-lhe pontaria á vontade, como se d'um alvo se tratasse.

— Diga lá a verdade, sr. João Catharino...

— Nada; foi o sr. compadre que o matou, acreditem.

D'uma vez chegou ao poço, montado na burra, e como o tanque estivesse despejado, disse ao moço da Perpetua Mathias, que ali estava:

— Tira lá um caldeirão d'agua, a ver se este diabo bebe.

Emquanto a burra bebia, segurando a corda, o moço foi perguntando:

— Foi vestir a roupa, tio João?

— Fui, sim.

— Viu lá a minha gente?

— Vi, estavam bons.

N'isto o moço olha-lhe para os pés, e diz:

— Vocemecê não traz meias, tio João...

Muito admirado, erguendo os pés á altura do cachão da burra:

— E é verdade que não trago! Pois olha que as calcei, lá d'isso tenho a certeza. Perdi-as pelo caminho. Olha, vae direito aos pocilgos, mete depois por aquella vereda que atravessa a vinha do Francisco do Reguengo, até chegares á terra do Bolla. Ahi mete pela estrada, até á aldeia. Se as encontrares, ganhas um tostão.

No dia seguinte queixava-se o moço da caminhada inutil.

— O' ladrão! tu és parvo. Então eu podia lá perder as meias sem descalçar os sapatos?

Muito inteligente, não sabendo ler nem escrever, era a elle que recorriam todos os litigantes da sua aldeia, quando deixou as ovelhas para se fazer lavrador.

— O sr. João é o dr. Virgolino cá dos sitios.

Este dr. Virgolino era um advogado de Beja, muito inteligente e muito rabula, sabendo entortar o direito como poucos, e algumas vezes tambem fazendo do torto direito, se para isso lhe pagavam convenientemente.

Assim reconheciam os seus vizinhos a superioridade da sua intelligencia, sem nenhuma especie de cultura, ignorante do alphabeto, vendo claro onde outros viam negro, mas tão sómente por um dom superior de intuição, que é o privilegio de poucos.

Sempre o compadre João Catharino era convidado para o nosso jantar, em dias de festa, pelo Natal, pela Paschoa, mas nunca elle deixou de jantar, n'esses dias, com a sua gente, a sua mulher e os seus filhos, embora comendo pouco, quasi nada, só para os acompanhar. Esta rara delicadeza dava bem a medida dos primores do seu character.

Tinha mais lerias que um carreteiro, dizia a comadre Narcisa; mas sempre havia nas suas lerias uma clara manifestação de intelligencia, não raramente alliada a uma pontinha de ironia, a contrastar com a rusticidade labrêga de toda a sua pessoa.

\*

D'uma vez, em noite de janeiras, estavamos a jogar a bisca. Ardia um grande madeiro na chaminé, e os ganhões, engulida a ceia, tinham ido uns para a arramada, meter-se na cama, outros tinham abalado

em rancho, a cantar pelos Montes. Os primeiros jaineiros que chegaram, eram de Messejana.

— Ia apostar que aquella é a Barbara Bonita.

O trunfo era copas, e como um dos parceiros puzesse na meza um rei de espadas, o compadre João Catharino prega-lhe em cima com o valete de trunfo.

— Então vocemecê, sr. João, corta-me um rei com um cavallo?

E elle, recolhendo a vasa, com um riso da mais fina e intelligente ironia:

— Que quer? Os reis, quando não são trunfo, valem menos que um *reguinga*.

Não acreditava em bruxas, está bem de ver, e ria das almas do outro mundo como um voltaireano impenitente. Confessava-se uma vez em cada anno, conforme o preceito de Roma, e se não ouvia missa todos os domingos, era porque a obrigação está primeiro que a devoção, diz uma velha e judiciosa maxima. Acreditava piamente na efficacia das encomendações a Santo Antonio, quando alguma cabeça se tresmalhava, perdendo-se no matto, e tinha por certo que S. Luiz e S. Braz eram eximios especialistas na pathologia das ovelhas, embora algumas vezes acudissem tarde e a más horas com o remedio salvador, depois d'ellas terem morrido ás dezenas.

Em bruxas não acreditava, mas acreditava nos milagres, e a respeito de virtuosos:

— O sr. João Coxo era um alarve como eu, criado atraz do gado, ignorante de tudo. Um dia, aqui ha muitos annos, andava elle com o rebanho no Prazo, e o maioral tinha ido á villa, comprar tabaco. Quando voltou, pela tardinha, estava o moço deitado em cima da manta, ao pé d'umas estevas, e andavam umas cabeças na seara, do lado de lá do barranco.

—O' rapaz, vai virar aquelas ovelhas, que andam além, no trigo.

O môço ergueu a cabeça, olhou na direcção que o maioral apontava, e disse:

— Nada, não vou lá, que eu, se saltar o barranco, parto uma perna.

O maioral, está bem de ver, pregou-lhe dois cachações, e elle lá foi ganindo, fazer o que lhe mandavam. O barranco, em qualquer parte, saltava-se bem, porque era muito estreito. O moço foi por ali fóra, andando, e quando chegou ao barranco — bumba!, prega com as costelas lá em baixo. Já se vê, desatou aos berros — ai Jesus quem me acode! — a pontos que o camarada abalou a ver o que elle teria. Pois tinha uma perna partida. Começaram a chamar-lhe o virtuoso, e o certo é que o diabo do moço entrou a fazer curas, que era d'uma pessoa ficar passada. Doentes que se tinham farto de gastar dinheiro com os cirurgiões e os boticarios, iam ter com elle, e muitos curavam-se com umas ervas e umas unturas, que elle não gostava de receitar para as boticas. Agora sim, já faz sua receita, e ás vezes diz logo que as boticas de cá não têm aqueles remédios, que é preciso mandar vir de Lisboa.

Lá como aquillo é feito, não sei; mas o homem tem bons assertos, e muitos que por ahi andam, abaixo de Deus é a elle que devem a vida. E' um dom que Deus dá á creatura, pois então. . .

Morreu ha muitos annos, o João Coxo, virtuoso de grande fama em toda a redondeza do districto de Beja, onde ainda hoje se rememoram as suas curas, com muitos encarecimentos. Devia, na verdade, ser um homem muito intelligente, visto como até o compadre João Catharino, intelligente como poucos, acreditava nos seus talentos.

Um dia, farto de andar atraz do gado, o compadre

João Catharino resolveu abandonar a vida de pastor, e fazer-se proprietário. Vendeu o povilhal, que n'aquelle anno valia bom dinheiro, arrendou uma courelita, comprou uma parelhã e um carro, e meteu mãos á obra.

Nunca mais teve um dia de repouso, elle que passava a vida, como todos os pastores, de corpo direito, no verão matando as formigas com as costas, e no inverno enxugando a roupa no corpo, sempre ao pé da sua obrigação, atento, vigilante, não fosse o gado comer a pastagem alheia ou pregar-se n'alguma seara.

Mas vivia feliz, sem receber ordens de ninguem, sempre de bom humor, mesmo quando verificava que ao canto da arca não tinha agora, como n'outro tempo, umas poucas de libras para qualquer eventualidade.

Gostava de beber a sua pinga, mas não folgava na taberna, e era na companhia dos lavradores que elle se achava bem, sempre respeitoso, como se ainda fosse o ovelheiro das Mezas, guardadas as distancias devidas entre patrão e creados.

Não era propriamente um libertino; mas aquella promessa que fizera, ao pé do altar, ainda muito novo, ao dar a mão de esposo á sr.<sup>a</sup> Maria Guerreira, promessa de fidelidade conjugal, essa promessa varrera-se-lhe da memoria, não tendo conto as suas aventuras galantes, sempre discreto, esforçando-se por ser cauto na medida em que ofendia a castidade.

A ultima vez que o vi, muito magro, alcachinado, uma sombra do que fôra, cansando ao mais pequeno movimento, quasi embaciado o olhar, d'antes tão vivo e tão inteligente, puz-me a rir para não chorar, mentindo-lhe por misericordia, a querer persuadil-o de que ainda havia de comer bolos na função dos ne-

tos, o mais velho dos quaes ainda não andava á escola.

— Isto está prompto, sr. compadre. Não deito o inverno fóra.

E não deitou, coitado !

## O Janota

---

Filho de um hortelão, nascido ao pé de uma couve, sob o olhar bemfazejo d'uma fada... leguminosa. Se lhe espicaçavam a vaidade, ao contrario de tantos outros, plebeus como elle, que fazem remontar a sua ascendencia para além dos Cruzados... novos, o Janota confessava a sua origem humilde, orgulhando-se de ter subido tanto, só pelo seu proprio esforço, na escala das considerações sociaes!

Frequentava a melhor sociedade, mas conservava-se dentro dela comó um individuo estranho, que não ocupa o seu lugar. Nunca faltava aos bailes do *Circo*, e era interessante vê-lo marcar quadrilhas, muito correcto na sua casaca preta, os dedos cheios de aneis caros, e ricos botões, scintilando na alvura da sua camisa a polimento — como um adido da Embaixada. A' semelhança de certos doentes, que se reputam grandes personagens e executam os misteres mais ordinarios, elle era ao mesmo tempo um club-man e um serviçal, transfigurava-se entre o salão e a cozinha, ás vezes interrompendo uma valsa... para ir fazer um recado! Um tal desdobramento da personalidade, quando aparece fóra dos dominios da pathologia mental, é um dos factos mais

curiosos da sychologia dos lapuzes, girando fóra da sua orbita por circumstancias accidentaes. O homem de sociedade, que elle pretendia ser, não conseguiu nunca eliminar o labroste que elle verdadeiramente era, a tal ponto que o barbeiro comprometia muitas vezes o gentilhomen, pondo-se a fazer esgares e momices onde seria preciso usar de toda a compos-tura e distincção. — A Natureza raramente abdica dos seus direitos, e a influencia das altitudes . . . so-ciaes sobre certos temperamentos ordinarios é coisa bem precaria. Ha creaturas que estão sempre em mangas de camisa, mesmo quando vestem casaca, e conhece-se á legua um pé que se afez ao tamaucó e se deixou um dia entalhar n'uma bota afiam-brada.

O seu olhar vivo, prescrutador, cheio de curiosi-dade, enganava toda a gente . . . como um diamante falso. Ninguem diria, ao vel-o, que fosse mediocre a sua intelligencia, parecendo antes que dentro do seu craneo redondo, de linhas harmoniosas, uma chama ardia com vigor capaz de grandes fulgura-ções. A verdade é que era muito pouco inteligente, destituído de todo o senso critico, raciocinando como as creanças, e tendo ás vezes scintalações de espi-rito, como os imbecis — dando a esta palavra o va-lor que ella tem em medicina psychiatrica. Nunca tentou o menor esforço para se instruir, incapaz d'um trabalho persistente, em que consumisse algu-mas horas. Tinha uma letra pessima, e uma orto-graphia ainda peor que a letra, podendo qualquer moço de café leccional-o em caligraphia, e dar-lhe li-ções de gramatica.

Seria incapaz de redigir a noticia, por conta pro-pria, d'uma occorrenca banal da praça publica, o que por fórmula alguma o impedia de se considerar um es-critor publico, a hobrear com os mestres. As suas

chronicas tinham um publico de pessoas analfabetas, que lh'as gabavam com abundancia de elogios, em que havia quasi tanta sinceridade. . . . como estupidez. Assignava modestamente *Janota & Companhia*, e tinha artes de meter n'um só arrazoado prosa de tres ou quatro escriptores de feitios e temperamentos os mais diversos, uns já mortos e outros ainda vivos, e ignorando todos a colaboração ridicula a que os forçavam. Assim engendrava umas coisas extraordinarias, quasi sempre sem pés nem cabeça, manta de retalhos que um alfaiate inhabil fosse pegando uns nos outros, sem nenhum respeito pela harmonia das côres ou das fórmas, só preocupado em disfarçar as costuras, para dar a illusão de ter-lhe aquillo saído da pena ou da agulha, em jacto continuo, como n'um chafariz de bica aberta.

E porque fosse bastante bronco para não perceber o que havia de pueril e de ridiculo na sua mania escrevinhadora, a todos falava dos seus escritos, lendo-os elle proprio aos que não sabiam ler, e mostrando-se d'uma satisfação babada quando alguém, para o disfrutar, fingia crer que todas aquellas perolas as tinha elle tirado do seu bestunto, n'um momento de gestação feliz, como ás vezes têm os genios. — *O sr. arcebispo lê todas as minhas chronicas*, dizia elle, e parece que era verdade. Em compensação, o Janota ouvia todos os sermões do sr. D. Eduardo Nunes, e presumo eu que entre os dois, inconscientemente, se fizera um certo trabalho de imitação, porquanto me succedeu algumas vezes que, lendo as chronicas, me parecia ouvir os sermões, da mesma maneira que ouvindo os sermões me parecia estar lendo as chronicas. . . .

A insciencia do meio, rebelde á cultura do espirito, alentava o Janota nas suas prosapias de escriba, dando-lhe uma petulancia que, sem deixar de ser ridicula,

chegava ás vezes a ter graça. Se lhe constava que algum burguez dinheiroso, dono de muitos porcos e senhor de muitas herdades, ria dos seus alinhavos literarios, o Janota enfurecia-se até ao rubro, perdigo-teava uma indignação que lhe cachoava no mais intimo das entranhas, e acabava invariavelmente por esta enormidade: — *Dou a esse alarve uma canastra de penas, um alguidar de tinta e uma carrada de papel ; fecho-o n'um quarto, durante um mez, fornecendo-lhe quantos livros queira ; se sair de lá com uma chronica como as minhas, consinto que me cortem a cabeça.*

Tratava-se, por exemplo, de uma recita de amadores com as *Intrigas no Bairro*. O Janota ia á sua colecção de livros e jornais, literatura da especialidade, e encontrava lá um folhetim ou uma chronica de Pinheiro Chagas sobre a *Dama das Camélias*. Mudava o titulo da peça, o nome dos personagens, e pregava com tudo mais na sua manta de retalhos, assignando com o seu pseudonymo de homem de letras — Janota e C.<sup>o</sup>. Assim que aparecia o jornal, ordinariamente aos sabados, com ares arrogantes, ali se punha o Janota a percorrer a via sacra, entrando em todas as boticas, em todas as casas particulares onde o recebiam, a inquirir da impressão que fizera a sua critica theatral.

— Muito bem, sr. Luiz ! Muito bem. Em Lisboa não se faz melhor.

Era tambem esta a opinião do Janota, que logo informava ser aquillo obra de Pinheiro Chagas, adaptada ás circumstancias, conciliando d'esta forma as suas vaidades de lapuz analfabeto com os seus escrupulos de homem honrado. A C.<sup>o</sup> dera a fazenda, e elle, Janota, talhára e cosera os bocados.

Qualquer pessoa que morresse, por menos que representasse na sociedade eborense não ia deste mundo

para o outro sem um necrologio do Janota. Claro está, fazia os necrologios como fazia as criticas de theatro.

Adoeceu um dia, gravemente, o Carretas, empregado de secretaria no Hospital da Misericordia, e logo se espalhou na cidade que elle não escapava. O dr. Rollo, chamado á pressa, diagnosticou febre tifoide, e reservou o prognostico.

O Janota, servindo de enfermeiro ao Carretas, foi acompanhando a evolução da doença, e ou por conhecer a gravidade do mal, ou por não confiar na efficacia da therapeutica, convenceu-se de que o doente não escaparia, e foi preparando o necrologio.

Sucedeu, porém, que o Carretas, a despeito de tudo, da doença e do tratamento, não morreu, e quiz Deus que elle assistisse, ainda convalescente, ao enterro do padre que o confessára *in extremis*. Um dia o Janota aparece em casa do Carretas, rapa d'um papel que tinha na algibeira do casaco, e pondo-lhe a mão no hombro, crusando as pernas, fez-lhe esta revelação extraordinaria: — Aqui, n'este papel, amigo Carretas, está o seu necrologio. Como você não morreu, apliquei-o ao padre Ameixas. Ora oiça lá . . .

É leu ao pobre homem . . . o seu proprio necrologio !

Os seus autores predilectos eram Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas, mas não desdenhava inteiramente os escritos de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. De cada um tirava o que lhe convinha na ocasião, e chronicas ha d'elle em que os quatro collaboraram, resultando de tal mistiforio uma verdadeira salada russa, que elle mexia de tal modo, que dir-se-ia uma peça literaria urdida em Rilhafolles por algum doido letrado . . . ou por algum letrado doido.

\*

Andava sempre n'uma roda viva, esbodegado, consumindo uma actividade enorme... para não fazer nada. Percorria a cidade umas poucas de vezes por dia, aparecendo quasi ao mesmo tempo em toda a parte. Entrava em todas as lojas e boticas, ouvindo aqui e contando além, informando-se de tudo por mero espirito de soalheiro, sem intuitos de prejudicar quem quer que fosse

— Sei tudo o que se passa em Evora, na casa dos ricos e dos pobres — dizia elle com embofia.

E sabia. Tinha a especialidade de abrir causticos e ministrar purgantes, além de aparar calos e fazer barbas, e isso lhe abria todas as portas. Nunca pediu remuneração pelos seus serviços medicos ou de enfermagem, e sempre se mostrou satisfeito com o que lhe davam, os ricos pagando-lhe com alguma generosidade, os pobres, geralmente, pagando-lhe com muitos agradecimentos.

Fazia as receitas como fazia as cronicas, como fazia os necrologios — copiando-as, só com a differença de lhes não pôr a assignatura. Não tinha um formulario, o classico Chernoviz, que mais não fosse, e cultivando, desde muito novo, a arte de curar, já-mais lhe passára pela cabeça ter um *vade-mecum* de pathologia.

D'uma vez o Chico Vieira, burguez rico da cidade, teve repugnancia em tomar uma purga que lhe recebeu o Alves Branco.

— Parece-me que o remedio não está bom.

Vai então o Janota, pondo a garrafa á boca, enguliu o purgante sem fazer caretas, inculindo assim no paciente a confiança de que elle necessitava para tomar um remedio que não se recomendava pelo bom gosto.

\*

Acompanhando a clinica de todos os medicos, a respeito de todos elles sabia contar historias, umas em seu abono, outras em seu desfavor.

— Veio aqui uma vez um homem de Reguengos consultar o Rollo. Estava cego d'um olho, completamente cego, e do outro pouco mais via que nada. O Rollo disse-lhe que tinha cataratas.

— Isto é doença que não tem remedio, sr. doutor?  
O remedio é tiral-as.

Sujeitou-se o homem á operação, mas pagando adiantado, que o Rollo logo lhe disse que, sem primeiro receber o dinheiro, não o operava.

— E o homem, depois de operado, ficou a vêr?

— A ultima coisa que viu foram quinze libras que deu pela operação.

Este dr. Rollo, a dar consultas, em sua casa a seis vintens, e a fazer visitas, na cidade, a tres tostões, arranjou uma fortuna de trezentos contos que legou, por testamento, a parentes que do seu dinheiro não precisavam. Quiz ser generoso, depois de morto, para com a terra em que enriquecera, e para que a toda a hora fosse lembrada a sua generosidade, testou a verba necessaria para que na torre de Santo Antão, á Praça do Geraldo, fosse colocado um relógio que batêsse as horas e os quartos.

Dizia o Janota, a desferrar-se do Rollo se não ter lembrado d'elle em suas disposições testamentarias:

— Emquanto vivo nunca deu nada; depois de morto... dá horas.

\*

Fazia gosto ver o Janota por entre os porcos gordos, nos mercados da terça-feira, quasi sempre em companhia dos lavradores, os mais ricos lavradores da cidade e do concelho, alguns dos concelhos proximos.

O espectáculo, na verdade, era interessante, sobretudo no mercado em que a Ramalha, como diziam os homens do campo, apresentava a sua vara de luxo — cincoenta porcos da melhor raça alemtejana, pesando cada um de catorze arrobas para cima.

O Janota via tudo, parava junto de cada peara, informava-se com todos os maioraes, por fórma que á hora do almoço já elle estava habilitado a ir dizer em todas as lojas e boticas o que o mercado era e o que valia.

— Uma rica fazenda, a do Zé Franco. Tem lá porcos que não ficam a dever nada aos do Barahona.

A' noite dava conta das transações mais importantes que se tinham feito, dos preços mais altos da carne arrobada, dos preços medios da venda á perna, como se tivesse encargo official de fazer a respectiva estatística.

Lá comprar não comprava, porque todos o presenteavam, remunerando-lhe serviços, em termos que a mana Ignacia enchia a salgadeira como se tivesse feito matança.

Tratando-se de dizer mal d'alguem, ajudava á missa como qualquer devoto, tendo o cuidado de não sair dos limites para além dos quaes a maledicencia é calúmnia. O odio, que tantas vezes é um sentimento nobre, não lhe agitou nunca a alma em fremitos de revolta; mas a pura e santa amisade foi perfume que nunca impregnou o seu espirito seco e arido.

Se d'alguem foi amigo, verdadeiramente amigo, foi da *Mana Ignacia*. Ao menos tinha por ella um grande respeito, que se afirmava perante o publico, sem espalhafatos hypocritas, do mesmo modo que na vida íntima, sem maneirismos de comedia. E o orgulho que ella tinha do seu Luiz, ainda barbeiro e já homem do mundo, saindo pela manhã com o estojo na algibeira, para ir escanhoar um conego, e á noite en-

fiando a casaca para ir fazer um pé de dança em casa do sr. conde da Serra!... *Veiu o sr. dr. Barahona procural-o, ha bocadinho*, dizia a mana Ignacia, a rebentar de satisfação, com dois fios de baba escorrendo-lhe dos cantos da boca, e os olhos a quererem saltar-lhe das orbitas, n'um frenesi d'alegria juvenil. A's vezes o Luiz estava tres dias sem sair de casa, constipadote, e então a mana Ignacia gritava a quem via, que *a senhora D. Ignacia mandou cá saber se o Luiz está melhorsinho*. Se lhe acontecia ficar na cama até mais tarde que de costume, por preguiça, a mana Ignacia explicava que o Luiz recolhera tarde de casa do sr. arcebispo, onde estivera passando o serão. Bôa mulher, de resto, a mana Ignacia, não deitando agua no leite, dando quasi tudo quanto tinha para vender — a este umas folhas de couve, áquelle um mólho de coentros, a outro uma mancheia de batatas ou feijão verde. Nunca saindo de casa, não visitando ninguem, girando entre o balcão e a porta da rua, enjaulada na sua baiuca de palmo e meio, a mana Ignacia tinha artes de saber tudo quanto se dizia e fazia na cidade, não havendo escandalo publico ou particular, acontecimento da rua ou puramente caseiro de que ella não fosse informada miudamente.

Era o seu fraco — saber *o que ha de novo*. E quando nada havia de novo, resuscitavam-se as coisas velhas, com mólho de ocasião.

Pouca gente conhecia, e toda a gente a cumprimentava com um grande ar de familiaridade respeitosa. — *Boas tardes, tia Ignacia!*... *Ora viva a tia Ignacia!*... E ella correspondia galhardamente a todos os cumprimentos, sem curar de saber donde lhe vinham tantos *sobrinhos e sobrinhas*, alguns tão velhos como ella. Nunca teve ensejos de casar, não obstante a sua mocidade florida, e as promessas d'um

corpinho rechonchudo, com exuberancias appetitosas.

Tambem o Luiz ficou sempre solteiro, incorrigivelmente solteiro, *vieux garçon* requestado por todas as moças ladinhas, em busca d'um marido docil. E, contudo, elle podia ter casado rico, muito rico mesmo, se tivesse querido fazer de tapa-culpas ou tira-nodoas, recompondo virgindades perdidas, ou rehabilitando, n'uma união legitima, á face da Santa Madre Igreja, reputações inteiramente estragadas.

A mana Ignacia!

Se me pedissem um epitaphio para o seu tumulo, escreveria estas palavras singelas, mas verdadeiras: — *Passou a vida a fazer bem e a dizer mal.*

Antes assim, que o contrario.

Nunca o tempo lhe chegava para ir á missa, e só uma vez, a grandes instancias do Luiz, fôra ao theatro. representava o Valle.

Todos os artistas, homens e mulheres que passavam por Evora, representando no Garcia de Resende, eram amigos do Janota, porque a todos elle prestava serviços, a todos elle fazia os maximos elogios nas suas cronicas de retalhos. Tinha um pequenino museu de bugigangas offerecidas por actores de nomeada, retratos com dedicatorias muito affectuosas, que elle fazia ler, desvanecido.

Um dia passando por Evora e sabendo que o Janota estava de cama, muito mal, não quiz deixar de visital-o. Fez-me pena. Muito magro, quasi transparente; o olhar já sem brilho, a boca contraida n'um *rictus* doloroso, o pobre Janota era bem outro do que fôra, o corpo, por assim dizer, espiritualisado n'uma magreza esqueletica, e o espirito bruxuleando apenas, como uma lampada sem oleo, no interior d'um sarcophago. — *Isto está acabado, meu doutor, e ainda bem, porque soffro horriavelmente.*

Não tornei a vel-o.

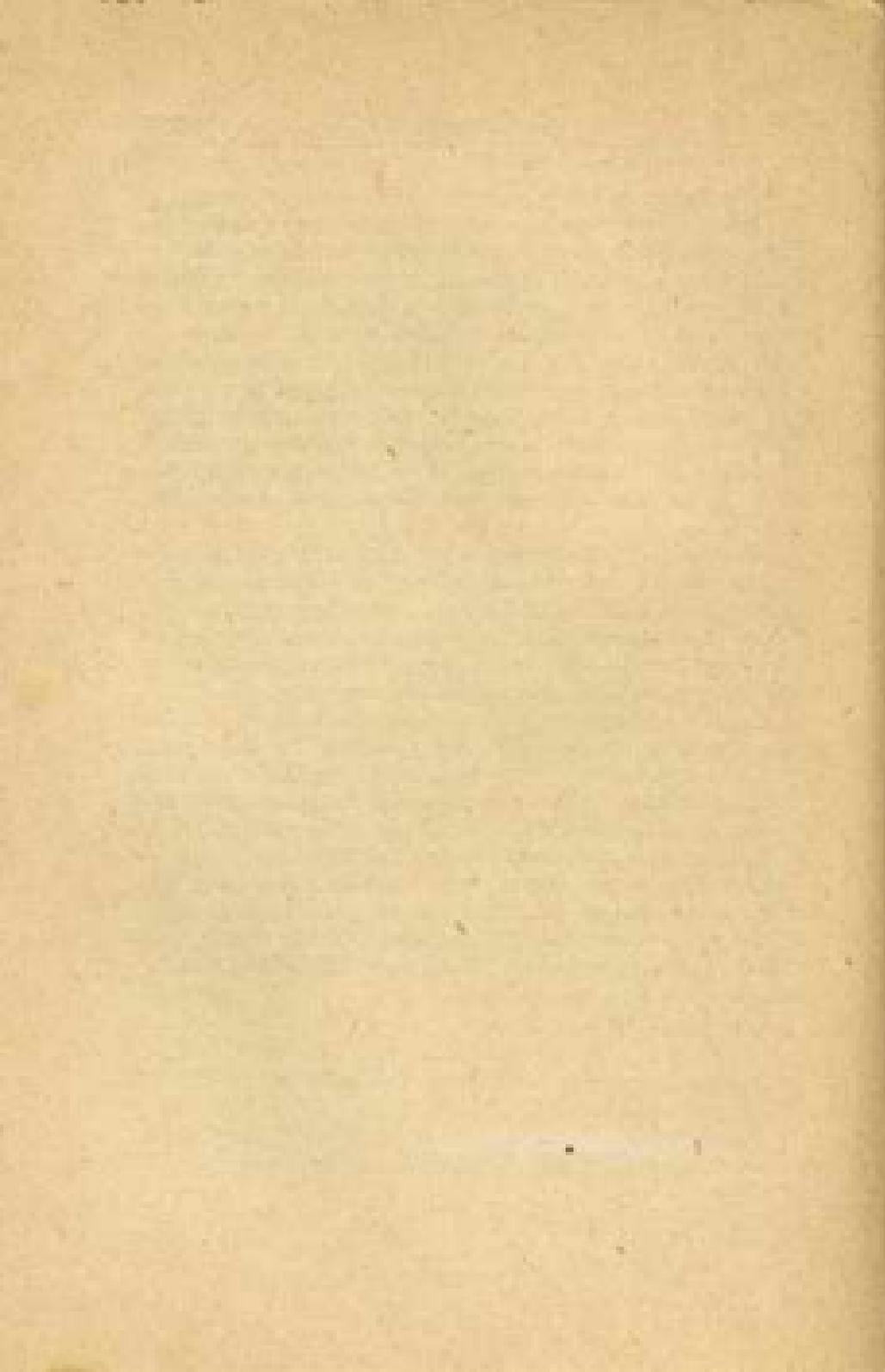
Disseram-me que o seu enterro fizera reunir no cemiterio, junto da sua cova, todas as classes da sociedade eborense, largamente representadas. E assim devia ser. Evora perdia com o Janota um dos seus typos mais caracteristicos e populares. De resto, o Janota acompanhava todos os enterros, muitos era elle quem os dirigia, e se não chorava com todas as familias enlutadas, a todas significava o seu grande pezar pelo infausto acontecimento. A dois tostões por cabeça, dizia elle muitas vezes, já se arranja um enterro como o da mãe do conde da Serra, que deixou nomeada.

Morreu puro de qualquer consagração official—um pouco contra sua vontade. Não foi vereador da camara; nem administrador do concelho; nem governador civil; nem par do reino ou deputado da nação; nem beneficiado da Sé, membro da commissão dos azeites, ou medico dos caminhos de ferro.

Foi-lhe impossivel alcançar o habito de S. Thiago, não obstante ter provado, com milhares de chronicas, que era um literato tão boçal como a grande maioria dos agraciados. Nem ao menos o fizeram commendador da Conceição, cavaleiro da ordem de Christo ou qualquer outra coisa assim insignificante . . .

E' verdade que elle morreu quando a sua terra começava a afidalgar-se. Mais uns tantos mezes de vida, e não teria escapado ao contagio. Então a sua felicidade seria completa, e atingiria o cumulo o desvanecimento da mana Ignacia.

Pobre Janota!



## O tio Rosa

---

Quando meu pae se zangava com elle, por qual-quer motivo, em vendo que se entroviscavam os ares, não fosse dar-se alguma scena violenta, de que resultasse ser despedido, encolhendo os hombros e tomando o caminho da sua obrigação, atirava sempre esta bujarrona, como somatorio de boas razões: — *Olhe, sabe que mais, sr. compadre? Quando voce-mecê nasceu já eu cá estava.*

E era verdade.

Considerando-o, por assim dizer, como seu irmão colaço, meu pae, logo que tomou a direcção da casa, elevou o compadre Rosa á categoria de feitor. Consagrava, d'esta fórma, uma amisade que vinha quasi do berço, e aproveitava as superiores qualidades de mando que o tio Rosa possuia.

Não tinha soldada muito superior á dos outros creados; mas certos trabalhos era dispensado de os fazer, sobretudo na ausencia do patrão, para melhor exercer o seu papel de olheiro, e favores que os outros nem se lembravam de pedir, ele obtinha-os sem a menor sollicitação.

Naquele tempo ainda o lavrador era uma especie de patriarca, respeitado de todos, querido do maior

numero, exceto quando abusava do que Deus lhe dera, soberbo e egoista, para fazer sentir aos pobres, com dureza, os caprichos da fortuna.

Minha mãe gostava muito que os filhos, quando pequenos, dessem a esmola aos pobres, e todos elles a pediam com respeito — *uma esmola ao pobresinho, pelas almas que tiver no outro mundo*. Beijavam o pão que lhes davam, e alguns, geralmente as mulheres, e dos homens os que eram velhos, metiam a esmola no taleigo ou no alforge, e ali mesmo, á porta do Monte, resavam um padre-nosso e uma avé-maria por intensão dos seus bemfeitores — *Deus lhes dê muito para fazerem bem á pobreza*.

A gente valida, os homens sobretudo, quasi pediam trabalho como se pedia esmola, nos mesmos termos de humildade respeitosa, e longe de invejarem a fortuna alheia, o que desejavam era que os ricos fossem de cada vez mais ricos, em termos que nunca lhes faltassem com o trabalho na validez, e com a esmola na arruinada velhice. — *Deus lhes acrescente o que tem para repartirem com os pobres*, e o trabalho remunerado já eles o consideravam como que uma coparticipação, a unica a que vagamente se reputavam com direito na simplicidade rudimentar, primitiva, do seu espirito.

A que infinita distancia este tempo me fica!

Era ele, o tio Rosa, quem falava aos homens para todos os serviços; mas era meu pae quem os ajustava e quem os despedia, excepto os jornaleiros, porque esses, gente de entrar e sair, com o feitor é que se entendiam.

Fossem lá dizer-lhe que a preguiça é um protesto legitimo contra a exiguidade dos salarios, uma arma que o trabalho tem direito de empregar contra o capital, não podendo forçal-o a uma remuneração justa

ou equitativa — *Vocês imaginam que o patrão vae roubar o dinheiro com que paga á gente?*

No inverno, quando meu pae gritava ás creadas — *ó raparigas, toca a levantar, que são horas!* — já ele tinha dado uma volta á roda do Monte, a ver os ares, e os mais apegados á cama, antes de qualquer advertencia, tratavam de sair do quente, cada qual preparando-se para o papel que lhe competia na faina quotidiana.

— Hoje vamos ter molho a valer.

Quando o compadre Rosa assim profetisava, era certo que chovia a cantaros.

A sua colher era sempre a primeira a entrar no tacho das papas, ao almoço, ainda noite, umas ricas papas de milho, que eram feitas depois da ceia, o ultimo serviço da cosinha, ficando o tacho metido em farelos, para conservar o calor, tapado com mantas de lã, para o mesmo efeito.

O que eu gostava de almoçar com os creados, quando o almôço era de papas, e como eles ficavam satisfeitos quando me viam á roda do tacho, armado de colher, como se tambem fôsse um ganhão!

— Isto com umas gotinhas de mel aqui por cima, era dos anjos as comerem, lambendo os beiços.

Se minha mãe ainda se não tinha levantado, o que raramente acontecia, e se as creadas prometiam não dar á lingua, eu ia buscar uma tigela de mel, de que todos se serviam irmãmente.

Saudosos tempos!

Se em tais dias, fugido de casa e da escola, apparecia na lavoura, logo cada qual me oferecia o seu arado para botar um rego, requestado como se levasse mel . . . nas algibeiras!

— Isto é só amparar o arado, e deixar ir.

A melhor junta, naturalmente, era a do feitor, bois valentes e mansos, puxando muito certo, virando no

fim da torna, logo que sentiam erguer o arado, excepto se a terra estava mole e era necessario limpar o dente e as aivecas, porque então paravam até se fazer essa limpeza. O arado do feitor era, naturalmente, o que eu preferia, umas vezes para dar três ou quatro regos, outras vezes para andar, rego acima, rego abaixo, montado na garganta, de frente ou de costas para o gado, conforme a fantasia de momento.

Tinha fama o compadre Rosa de ser um embelgador de primeira ordem, não havendo em toda a redondeza da freguezia quem o fizesse ruim nesse trabalho. Os regos, quando embalgava, eram linhas rectas e paralelas, tiradas a esquadro, talhando mãos perfeitamente iguais.

O que eu gostava de embelgar.

Quando o serviço era feito proximo d'alguma estrada, o compadre Rosa não me deixava embelgar, no justificado receio de que eu lhe borrasse a pintura, isto é, abrisse alguns regos com inflexões, torto aqui, torto além, afirmando impericia técnica. Mas fóra desse caso, quando a embelgação era no meio da folha ou em sitio por onde se não fazia transitto de pessoas, o compadre Rosa cedia-me o arado para talhar tres ou quatro mãos, o que me enchia de contentamento . . . e de vaidade. Mas ele tinha o cuidado de me balisar o terreno, e para isso servia-se de pedras ou varas, se por ali havia estevas ou lentisqueiras, de modo que um rego muito comprido não era mais do que a sucessão, em linha recta, sem o menor sinal de descontinuidade, de muitos e pequenos regos.

— Sim, senhor; ninguem o fazia mais bem feito.

Quando chovia muito, a potes, os homens abrigavam-se com o gado, enrolados nas mantas, muitos deles sem botas altas, de modo que ficavam encharcados para todo o dia, e á noite recolhendo ao Monte,

não tinham outro recurso senão enxugar no corpo, ao lume, a copa molhada. Bois e muares encolhiam-se, vergastados pela chuva, como que a reduzirem a superfície exposta, sem um oleado que os cobrisse, e eu pensava que sendo eles de carne e osso, pres-tadios ao ultimo ponto, tinham direito a mais atenções e cuidados.

O compadre Rosa, em dias assim diluvianos, mandava levar um bocadinho mais cedo, antes do sol posto, e mal chegava ao Monte, antecipando-se o mais possivel a todos os camaradas, dava ordem para se fazer um grande lume na cosinha, o que nem sempre era coisa facil, por não estar seca a lenha.

Depois da ceia, enxutos e confortados, os ganhões sentavam-se ao lume, uns em bancos ou cêpos, outros na tarimba, e era então que o tio Rosa puxava da sua loja, contando anedoctas e historias que andavam na tradição... das casinhas, ou improvisando episodios, ora terriveis, ora galhofeiros.

As coisas que ele contava, santo nome de Deus!

— D'uma vez appareceu na Torre um homem baixote, magro, pobrememente vestido, e pediu ao lavrador que lhe emprestasse um carro e uma junta de bois.

— Para quê?

— E' para carregar terra e pedra para uma Igreja a S. Romão, ali em baixo, ao pé da Ribeira, no sitio onde ela alarga, formando o pego do linho.

O lavrador, que era levado de mil diabos, e andava quasi sempre borracho, disse-lhe que sim, que lhe emprestava os bois e o carro, mas que havia de ir buscal-os no dia seguinte.

No outro dia, logo de manhã, lá estava o homem, e já o lavrador o esperava, tendo mandado reunir nas proximidades do Monte todo o gado vacuum que possuía, obra d'umas duzentas cabeças. Dirigiram-se para

o rebanho, acompanhados de toda a creadagem, porque o patrão dera ordem para ninguem ir trabalhar naquele dia.

— Os bois que lhe empresto são aqueles dois, o bragado, que está agora voltado para nós, e o amarelo, que está ao pé d'ele, baixo da corna, e com uma estrella na testa.

O homem tirou uma corda que trazia enrolada á cintura, e dirigiu-se para os bois que o lavrador lhe indicára, e que eram, justamente, os mais bravos que havia no rebanho. De tal raça era o bragado, que mesmo no campo se fazia ás pessoas, e o amarelo não lhe ficava a dever nada.

Estavam todos a vêr o triste fim do pobre homem, e se isso a uns causava tristeza, a outros dava satisfação. O certo é que ele prendeu os dois bois á corda, e como se fossem burros ou carneiros, trouxe-os á arreata até aonde estava a familia.

— Muito obrigado pela esmola que me faz, sr. lavrador. Quando a obra estiver acabada, virei entregar-lhe os bois e o carro.

O lavrador caiu ali, redondo, com uma coisa que lhe deu, e o vaqueiro desatou aos guinchos e aos pinotes, como se tivesse o diabo no corpo. A' tarde veio o prior de Colos benzer o gado, ainda o lavrador não dava acordo de si, parecendo que estava morto.

A Igreja ficou pronta em menos de tres semanas, sem nunca se saber quem tinha ali trabalhado, a não ser o homem que fôra á Torre pedir o carro e os bois. Houve grande festa, a que acudiu gente de toda a parte, até de Beja, e o lavrador da Torre, já então restabelecido, mandou matar os dois bois que tinham servido para carretear os materiaes da Igreja, distribuindo-se a carne por todos os pobres que compareceram. No altar-mór estava S. Romão, e disse-

ram os creados da Torre, os que assistiram á festa, que ele era o mesmo homem, sem fírar nem pôr, que tinha pedido ao patrão os bois e o carro.

— E isso foi ha muito tempo, ó tio Rosa ?

— Lá se foi ha muito, se foi ha pouco tempo, não sei. Das pessoas velhas que eu conheci, ainda rapazote, nenhuma se lembrava do caso ; mas o mestre José Ignacio, que era homem de muitas letras, dizia que ele vinha nos livros, e devia ter sucedido, se não lhe erravam os calculos, ainda Nosso Senhor Jesus Cristo andava por este mundo, a aturar alarves como tu.

\*

Nunca fôra militar, o compadre Rosa, e quando se jurou a convenção de Evora Monte, deveria ele ter uns quinze anos escassos. Mas sabia muito da vida dos quarteis ; possuia quasi todo o calão dos soldados, e isso lhe tornava facil, nas assembleias a que presidia, armar em veterano da liberdade, com cicatrises, que nunca mostrava, a autenticarem a sua vida de combates.

— A acção de Cóiros foi a coisa mais terrivel a que assistí. Tinha chegado a Aljustrel, logó de manhã, a guerrilha do doutor de Beringel, e assim que chegou, fez deitar bando de que haveria, na villa, duas horas de saque. A guerrilha acampára numas terras que eram do José Maria Coxo, á entrada da povoação, vindo pela estrada de Beja. Comandava-a o proprio doutor de Beringel, que era o homem peor de que resam as Escripturas. Muita gente fugiu da vila, levando comsigo o que podia levar ; mas nem todos podiam fugir, e os que ficavam, por um motivo ou por outro, trataram de se barricar em casa, dispostos a resistirem até á ultima. O doutor de Beringel, vendo passar um homem ainda novo,

com um saco em cima dum burro, perguntou-lhe se era casado, e como ele respondesse que sim, ordenou-lhe que fosse buscar a mulher. O homem não quiz, e vae ele matou-o com um tiro, e cortou-lhe as orelhas, dizendo que era para as comer assadas. Vocês calculam como estaria aquela pobre gente da vila, o tempo a passar, e os soldados, de cada vez mais atrevidos, á espera que batesse a hora de começar o saque. Senão quando aparece um maltez, vindo dos lados de Messejana, e diz ao doutor de Beringel que vinha ali a gente do Galamba. Mandou logo tocar a reunir, quem apareceu, appareceu, e vá de fugir como se levassem fogo no rabo. Nós chegamos daí a pouco...

— Mas então o tio Rosa tambem andou nas guerrilhas?...

— Pois já se vê que andei... Na vila contaramos o que era passado, e disseram que eles pareciam ir feitos a Cóiros. Aqui vamos nós, pezorrosos de não termos chegado mais cedo, seguindo-lhes o rasto, como numa caçada de javardos. Ainda o sol não tinha acabado de se pôr, já nós estavamos a contas com eles, e ainda não era noite cerrada, mandava o nosso comandante fazer o toque de cessar fogo, porque já não havia inimigo a combater. Dos que não tinham fugido, nem um só tinha escapado. No dia seguinte, mal clareou a manhã, cahimos-lhes novamente em cima...

— Mas, ó tio Rosa, se nenhum tinha escapado...

— Não tinha escapado nenhum dos que tinham morrido, meu pedaço d'asno...

Este doutor de Beringel era padre, formado em teologia, e foi um dos mais facinorosos guerrilheiros

do Alemtejo ladrão por necessidade de sustentar a sua quadrilha, e assassino para cevar odios que lhe referviam nalma. A meu pae ouvi muitas vezes falar deste guerrilheiro, encarecendo os seus crimes, em que havia sempre requintes de ferocidade.

— Isso é que eram tempos, ó tio Rosa ! . . .

— Vocês fazem lá ideia do que eram aqueles tempos ! Não havia paes por filhos, nem irmãos por irmãos, e o amigo d'hoje, era o inimigo d'ámanhã, sem motivo nem razão. Chegava uma guerrilha a casa de um lavrador, comia do bom e do melhor, pedia quanto lhe dava na gana, e se adregava estarem os criados á mesa, mandavam-nos sair um por um, e á maneira que eles iam saindo, fuzilavam-nos. A's vezes os patrões tinham sorte igual á dos creados.

— Mas então isso de guerrilhas . . .

— Havia umas que andavam naquilo por causa dos partidos, e havia outras que andavam só para roubar e matar. A do Galamba era a melhor. Não fazia mal a pessoas desarmadas, mesmo sabendo que eram do partido contrario. E pagava todas as requisições que fazia, o ponto era não lhe faltar o dinheiro.

\*

O compadre Rosa unca fôra á escola ; mas gostava muito de ouvir ler, e como tinha uma memoria extraordinaria, quanto ouvia, quanto lhe ficava.

Assim, ele sabia a maior parte da *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* e gostava imenso de contar alguns dos seus episodios mais impressionantes, de feição mais heroica ou mais tragica. A's vezes limitava se a reproduzir, deturpando horriavelmente os nomes ; mas na maior parte dos casos enfeitava a narrativa com obra da sua loja.

— O' tio Rosa, aquela do gigante que tinha um corno na testa, conte lá. . .

E o tio Rosa, sem muito se fazer rogado contava :

— Pois o gigante vivia num castelo defendido por muralhas muito grossas e muito altas, e fazia a policia do rio, que passava rente ao castelo, montado num cavallo marinho, que tanto se desembaraçava na agua como em terra. Dum lado do rio ficavam os mouros, dô outro lado os cristãos. O rio era muito largo, muito fundo, e as suas aguas da côr do sangue pisado, parecia que vinham do inferno, vomitadas pelo diabo, fervendo por ali abaixo. . . O gigante era mais alto que o castelo de Beja e tinha um corno no meio da testa. Em ele tocando a busina que trazia á cintura, atroavam os montes cinco leguas em redor.

Chegaram os Pares de França, que iam adeantados do exercito, e logo appareceu o gigante, montado no cavallo marinho, a perguntar-lhes quem eram e o que procuravam. Responderam-lhe que eram os Pares de França, e que o exercito de Carlos Magno, a que pertenciam, se destinava a ir combater a mou-rama. Como ali não havia ponte nem barca, tinha ele que emprestar-lhes o cavallo para atravessarem o rio. Ouvindo isto, o gigante arremeteu contra eles, travando-se grande combate. O cavallo, á dentada e aos coices, fazia mais damno que o cavaleiro, de modo que já estavam por terra, cobertos de feridas, quasi todos os Pares, quando Roldão, conseguindo meter a espada por baixo dos queixos do gigante, pregou com ele no chão, e logo acabou de o matar. Foi tão grande o urro que o gigante deu, sentindo a morte na garganta, que o Imperador o ouviu, ainda vinha a mais de tres leguas de distancia. Poz-se de tal modo rijo o cadaver, que os Pares resolveram atravessal-o no rio, a servir de ponte. Foi assim que os cristãos puderam entrar na Moirama e dar cabo dos turcos

em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu para nos salvar a todos.

\*

O compadre Rosa, por disciplina, não frequentava a casinha dos maltezes; mas a garraizada, os moços que ainda não punham a navalha na cara, esses preferiam, geralmente, aquela assembléa ao seu cenáculo.

Tambem eu gostava de ouvir esses vagabundos, alguns dos quais contavam os roubos que tinham feito, astuciosos ou violentos, com a rudimentar precaução de trocarem o nome dos personagens. Muitos deles tinham corrido Seca e Meca, e relatavam os seus erros com um pitoresco de linguagem que muito cativava a minha infantil curiosidade.

Nos Montes que davam agasalho, e os que davam agasalho tambem davam a ceia, em noites de inverno frequentemente se ajuntavam para cima de trinta maltezes, homens, mulheres e crianças, gente nova e gente velha, uns chegados d'aqui, outros chegados d'além, reunidos ali quasi á mesma hora, como obedecendo a um *rendez-vous*.

— Louvado e adorado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! A senhora lavradora fará a esmola de dar agasalho a um pobresinho, pelo amor de Deus?

Todos faziam o mesmo pedido, aproximadamente nos mesmos termos, e a todos era dada a mesma resposta: *Vá para a casinha. Lá irá a ceia.*

Nem sempre era possivel repartir com eles a ceia dos criados; mas então recorria-se ao expediente da açorda, o que era quasi sempre motivo e ocasião de rumores e protestos.

— Farto de açorda estou eu até aos olhos...

Muitos d'aqueles pilhos, o maior numero, tinham

sido gerados na promiscuidade das casinhas, frutos do acaso, produto duma impulsão bestial que aproxima, sem os ligar, dois individuos de sexo diferente.

Laços de familia, eles não os conheciam, e o pacto social, implicando direitos e deveres, elles viam-no atravez da sua indigencia esfarrapada, bohemios a quem se negaria trabalho, se eles o pedissem, parias que morreriam de fome se o medo não compellesse á caridade.

Cerro os olhos á plena luz que enche o gabinete em que estou escrevendo, e na translucidez das palpebras, como num *écran*, por um esforço quasi doloroso de evocação, vejo todos esses detritos humanos, velhos que nunca tiveram mocidade, rapazes que chegaram, pela degradação parasitaria na miseria, a uma velhice precoce, e vou chamando a cada um pelo seu nome, isto é, pela sua alcunha — o Almodovar, o Franganito, a Senhorinha, o Alvalade, os Morgados, o Arranca-Pinheiros, criaturas sujas, pio-lhosas, esfarrapadas, femeas que nunca deram um beijo casto, machos que nunca realizaram um trabalho honrado.

Havia, entre os maltezes, alguns que exerciam um pequeno commercio — os tendeiros, e outros que praticavam uma pequena industria — os deita-gatos. Todos pediam esmola; mas os tendeiros formavam, por assim dizer, a aristocracia da classe, e os deita-gatos constituíam uma especie de burguezia média n'essa sociedade mal diferenciada.

\*

Em principiando as mondas, o compadre Rosa deixava a lavoura para guardar as mondadeiras.

Era um serviço que ele sempre fazia de má vontade, embora fosse mais comodo, menos fatigante,

passar o dia a ouvir tagarelar o mulhierío, encostado a um bordão, algumas vezes sentado, do que passal-o a picar os bois, lavrando, embora lavar, na Primavera, seja um trabalho relativamente descansado.

— Quero antes aturar um cento d'homens que uma duzia de mulheres.

O sacho é um instrumento leve, e o trabalho que fazem com ele as mondadeiras não demanda o emprego de muita força, limitando-se a respectiva mecanica a um jogo quasi ritmico da articulação do punho. Não obstante, a mondadeira é, de todos os trabalhadores do campo, o que emprega mais artificios para não dar em trabalho o que recebe em dinheiro.

Não se lhes deve querer mal por isso, coitadas!

A atitudé em que trabalham é extremamente incomoda, dobradas para a frente, em angulo recto, e isso explica a necessidade que teem de frequentemente endireitarem o corpo, não vá o macaco que trazem ferrado nas costas partil-as pelo meio. D'aqui o *truc* do lagarto, que ninguem vê, e põe todo o rancho em alvoroço; o *truc* da herva exquisita, que não é como as outras hervas, e que vae passando de mão em mão, a vê se algum d'aqueles Broteros com saias é capaz de a classificar; o *truc* da pedra, que parece mesmo das minas, e que talvez seja indício de que ali ha jazigo rico a explorar. Momentos ha, muito breves, em que não se vê uma unica mondadeira de corpo direito, e o que se ouve é a musica dos sachos, em tom grave ou agudo, conforme a terra está mais ou menos sêca, escassa ou abundante de pedras.

Não é que elas estejam caladas; mas é que se debate, em surdina, num sector do rancho, uma grave questão de moral, e as preopinantes não querem que o feitor as oiça. De repente levanta-se uma, bran-

dindo o sacho, e grita para a outra, ainda a colher hervas: — *Se você tivesse vergonha nessa cara, grandissima porca, não murmurava da vida de ninguém.* A outra endireita-se, larga o sacho, e cresce para ela, vociferando: — *Ah! sua zoupeira, sua velhaca, que a racho de meio a meio!...*

O compadre Rosa, naturalmente, conhecia todos os *trucs*, e como estava ali de má vontade, quando as admoestava, era com rispidez.

— Vocês não se deixam de antigas, sempre a engonhar, e eu depeço-as todas, que o patrão já me deu ordem para isso, e vou buscar familia a Messerjana.

Sob esta ameaça, que poderia vir a realizar-se, elas tomavam o trabalho com gana, murmurando os seus protestos, e sempre havia uma no rancho que desabafava por todas.

— Vocemecê, também, tio Rosa, parece que tem parte na seara.

— Não é ter parte na seara; é cada um fazer a sua obrigação, nem mais nem menos. Se o patrão descontasse cinco réis que fosse na jorna das que engonham, em vez de trabalharem, eram capazes de o comer vivo.

— Também era só o que faltava, os ricos a roubarem os pobres.

— Já se vê que não podia ser. Mas se é crime os ricos roubarem os pobres, será virtude os pobres roubarem os ricos? Isto de duas medidas...

— O tio Rosa é pobre como a gente, e o lavrador, por muito que os creados lhe acareiem, não lhes dá mais do que o ajuste.

Entretanto, agora uma, logo outra, tinham-se endireitado todas, para seguirem o debate, o qual, nos seus resultados praticos, nada mais era, no fim de contas, de que um *truc* de mondadeiras!

— Está bem, está bem; vocês o que querem é paleio. No sabado despeço-as todas.

Pobres mulheres!

Algumas, para chegarem ao serviço, faziam uma caminhada de quatro e cinco quilometros, e depois dum longo dia de trabalho, ao sol posto, regressavam a casa fazendo o mesmo percurso. Tinham almoçado um bocadinho de pão, tinham comido ao meio dia o que lhes sobejára do almoço, e por felizes se davam as que á noite, voltando do trabalho, encontravam uma tijela de caldo quente e uma prada de xixaros com selcas. Ganhavam, geralmente, um tostão, as que trabalhavam o dia inteiro, e tres vintens as que faziam meio dia.

A verdade é que eu nunca vi as mondadeiras chegarem ao serviço com ar de aborrecidas, largarem o trabalho com ar de fatigadas.

Pelo contrario.

O repouso da noite dispunha-as bem para a faina do dia, e assim elas saiam de casa a cantar, e cantando levavam todo o caminho. A' tarde, mal se ouvia a frase consagrada, para largar — *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo* — saltavam como estudantes ou como cabritos, e mal se apanhavam na estrada, organisava-se o côro, rompendo a tiple a cantoria, e seguindo-se-lhe as outras vozes, em escala musical, segundo as leis da tonalidade, como num orfeon.

\*

A poesia do trabalho!

Sim, ha por certo uma poesia do trabalho; mas d'ela não se apercebem os que labutam de manhã á noite, queimando os musculos na febre d'uma produção que nunca é suficiente, maquinas que se esgotam por conta alheia, em regimen de salariato.

Os que lavram, patinhando lama um dia inteiro, sem um fio enxuto no corpo, nunca se aperceberam da poesia da lavoura, e os que ceifam, sob um céu de fogo, mordidos pelo sol, de manhã á noite, não se aperceberam nunca da poesia das ceifas. Embotam a sensibilidade os rigores do tempo, e ainda bem, porque assim aumenta a resistencia á dor, e o trabalho que fatiga, pelo exagerado consumo de forças físicas, não deixa que se formem as emoções estéticas, que espiritualisam e perfumam a vida.

Conservo nitidas, como se fossem de hontem, as impressões que foram gravando na minha alma de creança os multiplos aspectos da vida campesina, tão nitidas que reproduzo á minha vontade as variadissimas scenas que presenciei, pondo dentro de cada uma d'elas os respectivos personagens.

Estou a vêr além, no cerro que fica em frente do Monte, debaixo d'um sol que queima, os ceifeiros entregues á sua labuta, suando como num banho quente, sem colete, sem jaqueta, a camisa numa sopa, capaz de se torcer, e o chapéo desabado, como uma sombrinha de boneca a proteger-lhes a cabeça. Ha na atmosfera uma tremulina, como á boca d'um forno aceso, mas eu abalo com o bagageiro, iludindo a vigilancia materna, e só por não ter garfo é que não janto com eles.

— Hoje caem os passarinhos torrados, diz-me o compadre Rosa, e aconselha-me a que me vá embora, não apanhe alguma camada de sezões.

O trigo, de ressequido, não dá atilho, e mesmo a junça precisa ser molhada de quando em quando, para não partir.

Por isso mesmo, no rigor da canicula, os trabalhos da ceifa principiavam muito cedo, antes de nascer o sol, por forma que uma certa humidade da manhã tornasse a palha menos quebradiça, ás vezes

tão quebradiça como se fosse de vidro em hastes delgadas.

— Está um calmasio de respeito, ó tio Joaquim!...

— Até o ar treme, patrão...

Comido o jantar, umas vezes de carne, outras vezes de azeite, conforme os dias, o moço fazia distribuição d'agua por aqueles que lh'a pediam, o maior numero dispensando-o desse serviço para se despacharem mais depressa. Se o trabalho era perto do poço, raramente o feitor deixava de mandar buscar agua fresca, para depois da comida, agua em cantaros de cobre, que a não conservavam fresca por muito tempo, apesar de os preservarem da ação directa do sol, pondo-lhes em cima molhos de trigo. Mas acabada de chegar do poço, bebida pelo cocharro, ela sabia-lhes como as carapinhadas e as salsas com gelo, nos cafés lisboetas.

Acabado o jantar, fartos como giboias, os ceifeiros ageitavam-se para uma boa somneca, alguns fazendo sombra com a manta estendida em molhos empinados, como um toldo, outros apenas cobrindo a cabeça com a jaqueta, e os mais pimpões, geralmente os mais brutos, inteiramente expostos ao sol, a cabeça e o corpo, para ali estendidos na herva, quente como a chapa de um fogão aceso, e o sol a cair-lhes em cima como se fosse ouro derretido!

Insolações?

Apontavam-se os casos, muito raros, um aqui, outro além, em anos diferentes, de morte subita por um golpe de sol, tão pouco impressionantes, que não ficavam na memoria de ninguem. Os ceifeiros suam, como n'uma estufa; mas esse suor evapora-se, e assim eles refrescam no meio do seu banho de fogo.

Quantos eu via, descarapuçados, á hora de mais intenso calôr, galgando margens como se não lhe pe-

zasse o pé uma onça, ás vezes em desafio, o que não era muito do aprazimento do compadre Rosa, porque em tais condições o trabalho era sempre mal feito — ou cortavam o pão muito alto, ou não ligavam as mancheias, de modo que ficava muita espiga no restolho.

— Deixe lá, tio Rosa. O que não vai á eira, vai á feira.

Vem nas Escrituras: — *Manassés, marido de Judith, achando-se proximo dos que ligavam os feixes nos campos, deu-lhe o calôr na cabeça, caiu enfermo, deitou-se na cama e morreu.*

Dias havia em que o sol aquecia tanto ao pôr-se como ao nascer, e pelo dia adiante, no mais intenso da sua radiação, obrigava o mercurio do termometro, guardado á sombra, a subir na respectiva coluna até aos quarenta graus. Pois mesmo nestes dias só por excepção adoecia um ceifeiro, e tão pouco os incomodava esse esbrazamento de fornalha, que ao deixarem o trabalho, recolhendo ao Monte, saltavam como pirolitos, e sem pressa de se deitarem, engulida a ceia, entregavam-se a toda a especie de folia.

As cigarras, verdes e bojudas, como se o excessivo calôr produzisse nelas uma excitação alegre, cantavam debaixo das foices, e parecia-me, ás vezes, que havia uma certa concordancia, uma vaga harmonia entre o seu canto, o ruído, quasi metalico, das foices cortando a palha, e o estralejar das dedeiras de cana umas contra as outras e contra o cabo da foice, como se fôssem castanholas.

Saudosos tempos!

Ainda que eu vivesse a longa e fecunda vida de Mathusalem, o qual tendo vivido cento e oitenta e sete anos gerou a Lamech, e depois de ter gerado a Lamech viveu setecentos e oitenta e dois anos, gerando filhos e filhas, ainda que eu vivesse esta eter-

nidade, não se apagariam da minha memoria, tão fundamentalmente aí se gravaram, as impressões que me ficaram de animal rustico, não apenas durante o tempo em que vivi plenamente a vida do campo, filho de lavrador com alguma coisa de seu, mas ainda durante o tempo em que fui estudante, sobretudo durante a minha fase liceal, que abrangeu cinco anos compridos.

\*

Geralmente o trabalho das eiras, em minha casa, durava dos meados de julho aos fins de agosto, ás vezes durava até mais tarde, o que nos impedia de irmos a banhos para Vila Nova de Mil Fontes, pequenina praia na foz do Mira, onde ha, onde havia, naquelle tempo, as ruinas dum Castello do genero das torres de D. Diniz, de que é perfeito modelo a de Beja. Debulhava-se com bois e vacas, formando cobras, e debulhava-se tambem com os trilhos, que precederam de muito longe as máquinas.

Logo de manhã, a hora variavel, conforme a temperatura, o gado vinha para o pé do Monte, e já o compadre Rosa o esperava, com os outros creados, para se fazerem as cobras e começar a debulha. Numa das cobras entravam os bois da lavoura, já mansos, intermeando-se com eles algum novillo, que era preciso amansar. O feitor dava o primeiro giro, e competia-lhe a cobra dos bois, como categoria mais elevada.

O que eu gostava de chegar os bois á tomadia — primeiro o Gafanhoto, depois o Marmelo, agora o Farrusco — de aguilhada em punho, como um campino, a dar-me ares de grande pimpão, coleando por entre rezes em magote, mansas como borregos!

Tal havia, dentre os novillos, que em o rebanho se aproximando da eira, já sem duvidas sobre a sorte

que o esperava, debaixo da aguilhada um dia inteiro, punha-se nas pernas com uma ligeireza de gamo, e só parava lá muito longe, a ver que direção tomava o gado sem trabalho, para se lhe ajuntar. Estes tunantes, de começo, só entravam na ordem trazidos á cobra debaixo da baba do cavallo; mas, depois, repetida inutilmente a fuga durante alguns dias, bastava a presença do cavallo para lhes tolher as pernas.

Se assim procediam os novilhos bravios, por espirito de independencia selvagem, um ou outro dos bois matraqueados no trabalho, assim que dava umas voltas no calcadouro, deixava-se cair de golpe, como uma grande massa inerte, e o dono, se queria o trigo debulhado, que o debulhasse ele mais a sua cara. Acudia então o compadre Rosa — *O' Narciso, vae lá a casa buscar um gato*. Vinha um gato, que ás vezes era uma gata, metido num sacco; parava toda a faina; juntava-se a malta á roda do boi preguiçoso, e o compadre Rosa, com grandes cautelas, não fosse o gato escapulir-se, metia o focinho do boi dentro do sacco e ordenava que apertassem o rabo do bichano, que prontamente, enraivecido, desatava a morder e a arranhar o focinho do boi. A scena divertia muito a familia, mas durava pouco tempo, porque o boi, ponderando bem as coisas, reconhecia que melhor era trabalhar como os outros, do que sofrer as injurias e as incomodidades dum gato a tripudiar-lhe no focinho, como um macaco danado.

Os animaes domesticos teem muitos dos vicios e defeitos do homem, adquiridos talvez por imitação inconsciente no decorrer dos seculos. Dizia-me uma vez o compadre Rosa, admirado do esforço prodigioso que fizera a sua junta para arrancar o arado, metido na raiz duma daroeira: — *O' sr. compadre,*

*os bois, se soubessem a força que teem, não trabalhavam.*

Trabalhar ou não trabalhar, eis a questão, diria o compadre Rosã, se lhe ocorresse, como ao Shakspeare, meter dentro duma formula a equação da vida. Quantas vezes, considerando a sorte desse boi de trabalho, que é o Proletariado, detentor da mais poderosa força do mundo social, força potencial, como se diz em mecanica, quantas vezes eu tenho pensado no dito sentencioso do compadre Rosa, e fico a scismar no que sucederá quando ele tiver a plena consciencia do que *póde*, sem ter adquirido a consciencia plena do que *deve*, parcela dum todo em que a força de cohesão se chama solidariedade.

O giro do meio dia, com o sol em pino, competia ao vaqueiro e ao moço da agua. Os ganhões, assim que se levantavam da meza, dirigia-se cada qual para o seu forcado, se o trigo ainda estava em rama, ou para a sua forquilha, se o trigo já estava em palha, e toca a dar volta ao calcadoiro. Alguns faziam-no sem nada que lhes resguardasse a cabeça, largamente aberta a camisa no peito, os braços nús, deixando vêr, em relevo, musculos de bem temperado aço. Calcados pelos bois, em giros de tres quartos d'hora, os molhos ás vezes como que soldavam numa grande massa pastosa, que dois homens, peito a pecto, voltavam com os forcados, servindo-se deles como alavancas. Debaixo dessas leivas de trigo em rama, formando pasta consistente, vinha um bafo escaldante como se fosse a expiração dum ciclope, em cujos pulmões revolteassem labaredas. Não bolia uma folha nas arvores proximas; a terra núa parecia gretar á vista, escaldante como se fosse uma chapa de metal aquecido ao rubro sombrio; os passaritos, ofegantes, dyspneicos, os pardaes, as cotovias, procuravam a sombra, sem muito se arrecea-

rem das pessoas, o bico aberto, como se lhes faltasse o ar, e as pequeninas azas afastadas do corpo, em ligeira e graciosa curvatura.

—Hoje está de respeito!

Assim que rompia a maré, umas vezes mais cedo, outras vezes mais tarde, geralmente ahi por volta das tres horas da tarde, estilo antigo, o compadre Rosa, já com a forquilha ao hombro, dava vaia aos ganhões por ali deitados, á sombra, uns em cima de uma gorpelha, servindo-lhes uma pedra de travesseiro, outros em cima da manta, a cabeça sobre a mão espalmada *vá, arriba, que são horas!*— e dirigia-se para o calcadoiro já debulhado, disposto para a limpeza.

Era um serviço que eu gostava de fazer, limpar o trigo da palha, e nem todos o faziam bem feito. Por isso o compadre Rosa, como feitor, punha sempre do lado para onde havia ir a palha, isto é, do lado direito, se a maré soprava do lado esquerdo, e do lado esquerdo, se a maré soprava do lado direito, os limpadores menos habeis, os que limpavam como dariam volta, não offerecendo a palha ao vento. Bem ou mal, todos se ágeitavam á tarefa; mas poucos eram capazes de trabalhar com a pá, ultima operação das eiras até o trigo ser passado ao arneiro.

— Aquelle, com uma pá nas unhas, ninguem o faz ruim.

Tambem o trabalho da arneiração, semelhante ao da siranda, não era para todos, sobretudo o ajuntar os otos a uma banda, e atirar com elles, sem parar o arneiro. O compadre Rosa aconhava, e ninguem como elle apresentava um monte de trigo, em cone regular, limpo de tudo quanto não devia ir á tulha.

Bem longe andavamos, n'aquelle tempo, das oito ou dez horas de trabalho, reivindicação com que

nunca sonhou o compadre Rosa, nem elle nem os homens da sua geração.

Raramente o sol, quer no verão, quer no inverno, apanhava os trabalhadores em descanso, quando nascia, e ainda mais raramente se punha, no verão principalmente, deixando-os longe do trabalho.

Quando o compadre Rosa dizia — *este calcadoiro tem de ficar hoje sem a palha* — os homens continuavam o seu trabalho, se a maré ajudava, muito para além do pôr do sol, os que queriam, mas não havia nenhum que não quizesse. Apenas um ou outro, tendo de ir a casa, por qualquer motivo, em se pondo o sol deixava o trabalho, prevenindo o feitor :

— O' tio Rosa, eu hoje tenho que ir a casa . . .

— Pois vai com Deus, rapaz.

Não se imagine que tenho saudades d'esse tempo porque elle era singularmente favoravel ao capital, porque elle consagrava uma desigualdade tal de condições sociaes, que permitia dividir em dois grupos a familia dos campos — o grupo dos amos e o grupo dos servos.

Não ; eu tenho saudades d'esse tempo, em primeiro logar porque elle era, para mim, já hoje para além do equador da vida, a mocidade forte, sádia, exuberante, e depois, tambem, porque havia então uma grande simplicidade de costumes grata ao meu feitio de espirito, usos patriarcaes traduzindo um conjuncto de ideias e de sentimentos que ainda hoje subsistem no fundo da minha alma, e constituem o meu paganismismo biblico, mais poetico do que philosophico, se me permitem o arrojado paradoxal.

A temporada das eiras!

Como se o trabalho não fatigasse os eirenhos, com frequencia elles se entragavam á folia, depois da ceia, algumas vezes realisando exercicios de força, como se tivessem na forte musculatura um excesso de ener-

gia reforçada. Era o atletismo de se ajudar um homem a dois sacos de cinco alqueires, pondo um em cada hombro, ao mesmo tempo, sem o auxilio de ninguem; era a façanha de erguer meio alqueire de trigo, pegando-lhe pela aza; era o acrobatismo, já meio *jonglerie* de circo, de pôr ás costas, sem nunca se servir das mãos, um sacco cheio.

O que mais divertia a malta, e os velhos chegavam a colaborar na força, era a caçada aos gramozilhos.

Vinham a ser os gramozilhos uns bicharocos phantasticos do tamanho da rapoza, optimos para comer assados, que em noites de luar escasso apareciam não muito longe do Monte, e se deixavam apanhar vivos, n'um sacco, que funcionava como ratoeira. A victima da brincadeira era sempre algum novato, salvo o caso de haver na ganharia algum parvajola de barbas na cara, porque então esse era o preferido.

Abalava a familia, uns por aqui, outros por além, a bater os gramozilhos, e o do sacco postava-se no logar que lhe designavam, abrindo-o como para receber trigo, tendo ali ao pé, acesa, uma candeia. Os gramozilhos, batidos de todos os lados, mal avistavam a luz, dirigiam-se para ella, e metiam se no sacco, como n'um refugio. Passado algum tempo, uma hora ou duas, vendo que os gramozilhos não iam ter com elle, e já sem faro dos companheiros, o pobre lórpa apagava a candeia, punha o sacco ao hombro e recolhia á eira, onde o aguardava uma troça monumental.

Quando já havia muita palha na eira, a meio da temporada, cheio o palheiro, ás vezes tambem cheia a arramada, principiava-se a construção da serra, e para mim nada mais divertido do que trepar lá acima, quando a construção já ia alta, e botar uma veada, se o compadre Rosa dava licença. Carregava-se a

palha em lençoes de estopa, feitos expressamente para aquelle fim, e nem todos conseguiam trepar a escada de madeira, encostada á serra, levando o lençol á cabeça, assente na mochila.

Lembro-me como se fosse hontem, e vai passada uma eternidade. . .

As eiras tinham acabado, mas havia ainda uma boa porção de palha para arrumar, de modo que meu pae ordenára que se fizesse mais uma serra, cheio o palheiro e a arramada que era costume destelhar, para o effeito. O gado pega bem na palha de chicanos, e essa, n'aquelle anno, abundava.

Ia a serra em mais de meio quando vieram dizer ao Monte que o lavrador Espada, meu avô materno, estava muito mal. Já tinha sido visto por um medico de Ferreira, que poucas esperanças dera.

Minha mãe foi logo para Jungeiros, e meu pai, quando soube do que se passava, tambem para lá foi.

Um dia andava eu ás cambalhotas em cima da serra, parou á porta do Monte um homem, typo de creado, que montava um macho, e viera pelo caminho de Jungeiros.

Não tardou que a comadre Narcisa, chegando ao pé da escada, dissesse ao tio Rosa :

— O' tio Rosa, diga ao sr. compadre que venha pra casa, que o avô morreu.

Todos se descarapuçaram resando um Padre-Nosso, e eu descí a escada, sem ter resado, e quiz á viva força que a comadre Narcisa me deixasse ir com o moço que viera trazer a infausta nova.

— O que havia dizer a senhora madrinha se lá o visse sem fato de luto!

Por aquelle tempo o luto carregado obrigava á camisa preta, mesmo para creanças, quando o parentesco era muito proximo.

Certo é que eu não fui a Jungeiros, assistir ao en-

tetro de meu avô e quiz a comadre Narcisa que durante o dia inteiro eu me conservasse em casa, no recolhimento d'uma paixão que não tinha, porque a ideia de morte me não suscitava pavores, e a consideração de que não tornaria a ver o meu avô, era coisa que não amargurava a minha infancia descuidada, nem sequer me lembrando já de que elle, uma vez, por ocasião d'uma festa a Santa Margarida, na Ribeira, me tinha dado um pataco.

\*

Se a gente pudesse arripiar caminho!

Noites calmas de estio, brancas de leite, como eu desejaria revivel-as deitado sobre a palha, no mez d'Agosto, sob um baldaquim azul cravejado de pedras raras, dando-me a volupia duma embriaguez com haschiche o vago perfume que embalsama a atmosfera, em pleno campo, exalando-se de mil plantas e flôres sem nome, todas as flôres e plantas aromaticas que o homem não cultiva, antes destroe, e são a garridice da Natureza nos seus anceios de sempre noiva!

... O peor é que eu já sinto os frios do meu inverno proximo, a quadra hiemal em que estagiam os que não morrem novos, e tortura-me a suspeita de que não irei encontrar-me com os grandes, os bons amigos da minha infancia, o compadre Rosa, a comadre Narcisa, o compadre João Catarino, santas creaturas perante as quaes se escancararam as portas do céu, e que talvez nem já se lembrem, bemaventurados para sempre, dos que ainda se conservam neste mundo, e os recordam com profunda, amarissima saudade!

---

## A Comadre Narcisa

---

O primeiro que a avistava, lá adeante, na curva da estrada onde principiam os sargaços, desatava n'uma berraria, a chamar os outros — *lá vem a comadre Narcisa! lá vem a comadre Narcisa!*

Abalavam todos, ladeira abaixo, n'uma corremaça doida, bebendo os ventos, este sem chapéu, aquella sem lenço, não lhes pesando o pé uma onça. Uns corriam mais que os outros, bem entendido, mas quasi chegavam todos ao mesmo tempo.

— Boas tardes, comadre Narcisa!

— Boas tardes, senhores compadrinhos!

Os presentes variavam, conforme as épocas do anno, mas era raro que ella não trouxesse debaixo do braço o seu taleigo de quadradinhos de chita com peros, maçãs, laranjas ou pepias, qualquer coisa que repartisse pelos seus compadrinhos, egoistas como todas as creanças, e só por egoismo, naturalmente, correndo ao encontro da santa mulher mal a avistavam, lá adeante, na curva da estrada onde principiam os sargaços, marchando na lentidão de quem traz ás costas uma bôa carga d'annos, o fardo d'uma vida cançada em que apenas, fugidamente, luziu aqui e além um tenue raio de alegria.

— Dorme cá hoje, comadre Narcisa?

A's vezes, infundiçada a roupa, voltava para a sua aldeia, já sol posto, e logo de madrugada, ainda não se adivinhava quando havia ser dia, abalava caminho do barranco, sósinha, enrolada na sua mantilha triangular, um chapéu velho na cabeça, sempre a falar alto, não para espantar o medo, mas por um habito quasi tão velho como ella, e como todos os velhos habitos, incorrigivel.

— Vae-se embora, comadre Narcisa ?

No verão a lavagem acabava cedo, á meia tarde, de modo que ella tinha tempo de estender roupa, jantar com todo o descanso, coser ou remendar uns saccos, e abalar para a sua casa ainda com um bocado de sol, sempre enrolada na sua mantilha de tres pontas, sem cadilhos, e o chapéu velho na cabeça, esburacado, d'abas caidas — um rico chapéu para fazer buchas, dizia o mariola do Figueiras, vendo passar a comadre Narcisa.

Quando ella morreu, já a filha era tão velha como ella, e porque uzasse a mesma mantilha sem cadilhos, as mesmas saias com remendos, os mesmos sapatos sem solas e o mesmo chapéu com buracos, quasi não demos pela sua falta. As creanças esquecem depressa, e ainda isso é uma fórma do seu egoismo, que alguns reputam feroz. A filha succedeu á mãe no seu mister de lavadeira, e como lhe herdasse aquelle taleigo de chita em que ella nos trazia presentes — laranjas, maçãs, peras ou pepias, conforme a epoca do anno, — nós então, como atrasadamente, quando ella assomava lá adeante, na curva da estrada onde principiam os sargaços, abalavamos ao seu encontro, ladeira abaixo, n'uma correria doida, bebendo os ventos, todos descarapuçados, e ainda antes de lhe chegarmos ao pé, gritando-lhe com toda a força — *boas tardes comadre Narcisa ! boas tardes comadre Narcisa !*

A que infinita distancia vejo esse tempo, e que saudade infinita me toma, quando olho para traz, e o vejo!

Nunca foi nova a comadre Narcisa, e talvez por isso, creio eu, é que não tem envelhecido. N'aquelle corpo engelhado nunca houve a frescura d'uma primavera, e o seu espirito exiguo, d'uma infantilidade inalteravel, bruxeleou sempre como uma luz morticã dentro d'uma panella de barro. Tudo n'ella é rudimentar, a intelligencia e a affectividade, tão incapaz d'um raciocinio complicado como d'um sentimento violento, creatura meramente instinctiva, naturalmente boa, d'uma bondade que trouxe do berço e levará para a cova, sem a diminuir ou acrescentar.

No seu ar quieto de mulher arabe, olhando vagamente para longe, á porta da sua tenda, alguem que a não conhecesse poderia suspeitar a visão poetica, o sonho empolgante d'uma vida ulterior, n'um paraizo ideal, que a murta e o jasmim intensamente perfumassem. Mas não; aquella quietude é estagnação; aquella alheimento não é sonho, mas inercia; aquella aparente scismar é justamente a ausencia de todo o pensamento.

— Em Lisboa haverá tanto moço como em Reide-Moinhos, sr. compadre?

Há perto de Aljustrel uma represa, para uso das Minas, modesto repositario d'aguas chovediças e correntes, que pouco irá além de quinhentas mil metros cubicos, quando cheia a trasbordar. Levaram lá, um dia, a comadre Narcisa, para ver, e ella então, abismada diante d'aquella imensidade, como se a não tivesse, inteirinha, dentro dos olhos, perguntou a minha mãe, discretamente, em termos que a não ouvissem:

— O mar, senhora madrinha, será tão grande como isto?

Falta-lhe a noção do numero, o sentimento das proporções, primitiva como um selvagem que se fosse creando ao contacto da civilização, ficando sempre uma creatura rudimentar, credula e supersticiosa, incapaz de distinguir entre a verdade chã e a mentira grosseira.

— Dizem que o *arco da velha* tem uma panela de dinheiro em cada ponta. Será verdade, senhora madrinha?

Enleios de noiva, ternuras de esposa, caricias de mãe, a comadre Narcisa nunca soube o que isso era, magra de corpo e seca d'alma, mulher sem as impressionalidades do seu sexo, femea sem as impulsões affectivas da sua especie.

Ri e chora por uma especie de automatismo physiologico, mas nunca o seu rir é a expressão d'uma alegria trasbordante, nunca as suas lagrimas promanam d'uma dôr fundamente enraizada. Toda a sua vida é periferica, sensorial, monotona como um ruido surdo, incaracteristica como a mascara em gesso d'alguem que morresse em beatitude, sem convulsões agonicas — luz que afroixa gradualmente até que se apaga.

— Disse o sr. João Catharino que o rei é de ouro e a rainha de prata. Será verdade, sr. compadre?

\*

Sendo assim como é, simples até parecer nescia, que admiração é que a comadre Narcisa acredite em bruxas e lobishomens, sem receio de que lhe façam mal, porque as bruxas e os lobishomens não querem nada com a gente velha? O que ella não comprehende, é que eu não acredite n'essas coisas, nem na efficacia das rezas, nem tão pouco na sabedoria medica dos virtuosos e hervanarios.

Pois se ella tem factos da sua observação, que lhe demonstram a verdade irrefragavel das suas crenças! — D'uma vez o sr. padrinho adoeceu com uma grande dôr de cabeça. Veio o cirurgião, e receitou-lhe um remedio, que lhe não fez bem nenhum. Voltou, tornou a voltar, receitou uma purga, mandou tomar umas pilulas, e a dôr de cabeça, em vez de diminuir, parecia que augmentava. Já o desespero era tão grande como o sofrimento, sem comer, sem dormir, parecendo-lhe que tinha a cabeça sobre um madeiro, e lh'a batiam com um marrão.

Ella, bem entendido, não se atrevia a oferecer as suas benzeduras, sabendo que o sr. padrinho não acreditava n'ellas. Mas fazia pena vê-lo sofrer assim, e um dia, sentada ao pé da cama, sempre enrolada na sua mantilha, com uma caninha verde na mão, para enxotar as moscas, timidamente, com infinitas cautelas, foi dizendo que tambem o sr. Romão Cordeiro não acreditava em benzeduras, e quando foi d'aquella doença grande que o teve ás portas da morte, no verão passado, já farto de tomar remedios, mandou chamar a sr.<sup>a</sup> Francisca Alves para o benzer, e foi assim que se curou.

— Pois sim; benze para ahi á vontade.

O caso foi que logo n'essa noite o sr. padrinho descansou alguma coisa, e d'ahi a dois dias estava sem dores na cabeça, sem febres, sem coisa alguma que o incommodasse.

Quanto ás bruxas ...

— O sr. compadre tinha então dois annos. Adoeceu com as febres; mas o cirurgião mandou-lhe dar o sulfato, e as febres desapareceram. Lá curado não ficou. A's vezes parecia que estava dentro d'um forno; a pele escaldava. Tinha um fastio mortal. Só lhe sabia bem um bocadinho de marmelada. Agua não havia que o fartasse. Emagrecia

de hora para hora, a olhos vistos, a ponto de os ossos lhe furarem a pele. Ninguem sabia o que aquillo era.

O facultativo já não lhe receitava nada, porque tudo quanto lhe receitava, se não lhe fazia mal, bem não lhe fazia nenhum. O que havia de ser aquillo se não bruxaria? A sr.<sup>a</sup> madrinha fazia promessas aos santinhos, mas lá remedio contra as bruxas, como não acreditava n'ellas, não queria que se fizesse. Um dia veio recado de que a sr.<sup>a</sup> Annica da Boa Vista estava muito doente. Logo a sr.<sup>a</sup> madrinha mandou arranjar o carro, e abalou com uma das creadas, a Maria do Cerro, deixando recommendado o que se havia de fazer ao menino. E que voltaria no outro dia á tarde. O sr. padrinho, quando chegou a casa e soube do sucedido, abalou tambem para a Boa Vista. N'isto chegou ao Monte a sr.<sup>a</sup> Antonia Rufina, que ia saber como o menino estava.

— Que lhe parece, senhora Antonia? O menino assim não pôde resistir. Elle remedios não toma; o que come e nada, é tudo um. A agua não é que o ha de sustentar. O cirurgião vem ahi, toma-lhe o pulso, apalpa-lhe a barriguinha, e quando a gente lhe pergunta o que tem o menino, responde: — *Isto é um mal parvo! isto é um mal parvo!* Nosso Senhor me perdõe, senhora Antonia, mas parece-me que elle sabe tanto o que o menino tem, como vocemecê ou eu. Como os senhores padrinhos estão lá para a Boa Vista, e só voltam amanhã á tarde, se a senhora Antonia quizesse, nós iamos passar o menino pela toalha de Nossa Senhora. Que mal pôde isso fazer-lhe? O moço da Chica Amores esteve como este menino; dizia toda a gente que elle não escapava; o pae gastou com medico e botica o que tinha e o que não tinha, até que a mãe o foi passar pela toalha de Nossa Senhora, e o moço começou logo a

melhorar, como se lhe tirassem o diabo do corpo. Se a senhora Antonia quizesse. . .

A senhora Antonia quiz, e as duas abalaram por ali fóra, n'um carro com o Manuel André, levando o sr. compadre muito enrolado, não fosse apanhar algum golpesinho de vento, que lhe fizesse mal. Por felicidade o ermitão, habitualmente bebedor, estava em seu juizo perfeito n'aquella tarde, e promptamente condescendeu em abrir a porta da igreja e empregar a toalha branca, de rendas, que estava sobre o altar.

Tres vezes, conforme manda a liturgia cabalistica, foi o menino passado pela toalha, e n'essa cerimonia se houve com tanto proposito que até parecia uma pessoa grande.

— Quando voltou da Boa Vista, a senhora madrinha achou o menino muito melhor, e a senhora Antonia então disse o que tinhamos feito, que eu nem me atrevia a isso. Passados poucos dias já o sr. compadre brincava em cima d'uma esteira, e não havia comida que o fartasse, parecendo até — Nosso Senhor me perdõe — que tinha fome canina. O cirurgião veio d'ahi a dias, e ficou muito admirado de o encontrar já bom, correndo e saltando que nem um cabrito.

— Afinal, sr. doutor, o que seria que teve o menino ?

— Um mal parvo. Conforme veio, assim abalou.

A comadre Narcisa nunca percebeu que o mal fosse tão parvo como o doutor, como nunca percebeu que eu não acredite em bruxas, depois de me ter curado de bruxedo passando tres vezes pela toalha de Nossa Senhora.

Santa mulher !

Ainda hoje, quando estou no Monte, e a vejo despontar, lá adiante, na curva da estrada onde come-

çam os sargaços, dá-me vontade abalar ao seu encontro, ladeira abaixo, n'uma correria, gaforina ao vento, gritando-lhe como n'outro tempo, antes de lhe chegar ao pé:

— Boas tardes, comadre Narcisa! boas tardes, comadre Narcisa!

\*

Nunca balhou, a comadre Narcisa; mas em chegando o carnaval estava nas suas sete quintas, porque raro era o dia em que na aldeia não havia balho, ás vezes dois ou tres no mesmo dia, isto é, na mesma noite, e ella a nenhum faltava, a não ser aos que tinham logar nas vendas, porque não tragava gente que cheirasse a vinho.

— Com bebedos nem para o céu.

Muito forreta, muito sovina, nada querendo do que os outros tinham, mas do que era seu não dando fosse o que fosse, a comadre Narcisa jámais negou azeite para um balho, e a sua contribuição nunca era das mais somenos.

— Casa para o balho já nós arranjámos; mas o azeite está caro, e a tia Annica Fernandes diz que não pôde com tanta despeza. Se a senhora Maria Narcisa nos quizesse ajudar...

A senhora Maria Narcisa não se fazia rogada, e dava o azeite para o balho com tão boa vontade como o daria para a Senhora da Colla, que era a santa da sua particular devoção.

Tambem á noite, era ella das primeiras pessoas que entravam na casa do balho, sendo das ultimas a sair. Dormia os seus bocados, sentada na cadeira que levava de casa, mas dava conta de tudo, sempre ao corrente de todos os namoros, embora não frequentasse os soalheiros.

Gostava de ouvir cantar, e embalada n'aquella me-

lopeia, a lembrar festa de pretos, resvalava aos braços de Morpheu, e assim conseguia não perder a noite sem ir á cama. Balhos havia onde só entravam os convidados, abrindo-se uma outra excepção para algum moço de bom cômportamento, se lá tinha a namorada, e batia á porta, muito respeitoso, pedindo licença para entrar. N'esses balhos ninguem tinha o chapéu na cabeça, o que muito agradava á comadre Narcisa, instinctivamente delicada, e possuindo, por instincto, o sentimento da hierarquia.

— Hontem o balho foi em casa da Sebastiana. Uma cabreirada! . . Os homem entravam enrolados nas mantas, de chapéu na cabeça, e não tinham preceito nenhum a balhar.

Aos seus ouvidos de cortiça, tão rebeldes á musica que não fixavam as cantigas mais corriqueiras, incapaz de trautear a *Salsinha*, por exemplo, que era parte obrigada em todos os bailaricos, e os garotos assobiavam na rua a toda a hora e a todo o instante, aos seus ouvidos de cortiça não agradavam todas as vozes, e com muita severidade fazia a critica dos cantadores e das cantadeiras mais na ber-  
ra.

— O moço do Francisco Ignacio canta bem; mas o filho da senhora Zefa leva-lhe a palma, tem um cantar mais bem entoado, mais serio. A Chica Perdigota é a moça que na aldeia tem um moral mais bonito de cantar. Se tivesse mais voz, nem a Sophia, de Messejana, lhe ganhava.

Pelo S. João e pelo S. Pedro havia sempre mastros, e não só a comadre Narcisa emprestava a burra para irem ao junco e á ramagem, mas ainda se promptificava a contribuir com alguma frasca biscoitos, pèpias ou argolas para a respectiva ornamentação.

— O mastro estava muito bonito. A Amelia Zorra

é muito teslina, mas lá para enfeitar um mastro é uma pimpona.

Toda a santa noite, na vespera de S. João, a gente moça balhava, e a gente pacata, os casados e os velhos, sentados uns em cadeiras, sentados outros no chão, coberto de junco, tagarelavam ao começoda função, e acabavam pela noite adiante.

Os mastros, as fogueiras de S. João!

Um anno fez-se mastro no Monte, e a comadre Narcisa, por incumbencia de minha mãe, convidou algumas raparigas da aldeia, as mais sisudas, a irem lá passar a noite. Antes de começar o balho saltava-se a fogueira, uma grande fogueira de alecrim que todos alimentavam á porfia, atirando-lhe ramos. Cada um que saltava, cortando as chamas, não se esquecia de dizer: — *Em louvor de Nossa Senhora*. Ninguem se queimava passando pelo fogo, mas alguns estatelavam-se por não saberem saltar, e isso era motivo de grande risota, com forte batida de palmas.

A Mauricia, apagada a fogueira e já em ordem os primeiros pares para o balho, foi lá dentro fazer qualquer coisa, e por acaso eu fui andando atraz d'ella, vindo a encontrar-nos n'um quarto ás escuras.

Era tão simpatica, a Mauricia!

Tinha levissimos signaes de bexigas, um aqui outro além, e era loira, muito loira como uma mulher scandinava. Um bocadinho cheia sem que fosse gorda, não era necessario apalpal-a com as mãos para lhe sentir a rijesa elastica das carnes. Tinha uma voz linda, de entonações musicaes, e foi só a ouvil-a rir que eu compreendi o significado justo, a rigorosa propriedade da velha frase — gargalhadas de cristal.

Como estavamos ás escuras, facilmente encalhamos um no outro, sem que nos assustassemos.

Primeiro saiu ella, logo a seguir sai eu, e de mãos

dadas entrámos no baile, improvisando a Mauricia esta cantiga, que eu nunca precisei escrever para a recordar :

*Manoel foi o primeiro  
Que em meu peito poz a mão.  
Hade ser o derradeiro,  
Segundo a minha tenção*

A pobre Mauricia!

No verão do anno seguinte, tendo-lhe morrido a mãe, ella foi viver com o pai, tomando encargo dos irmãos mais novos, e como estivesse mimosa de uns poucos d'annos de trabalho caseiro, um bello dia, andando a ceifar, largou o trabalho a queixar-se de fortes dores na cabeça, aflições e vertigens, morrendo ao cabo de poucos dias, victima d'uma insolação, disse o medico de Ferreira, o dr. Sobral.

Faltei ás aulas no dia em que recebi a noticia da sua morte, e a maior parte do tempo, até anoitecer, passei-o a deambalar no trecho de muralha que ainda cingia Beja, do lado de Aljustrel, alongando a vista pela campina infinita, os olhos afogados em lagrimas.

*Beati qui lugent. . .*

— Não ha para mim dôres ineditas, e sempre que eu pude diluir o meu sofrer em pranto, elle tornou-se mais facil de suportar, chegando ás vezes a dar-me a impressão voluptuosa dos que abrem as veias no banho, como Petroneo.

Ia apostar que a comadre Narcisa quando soube da morte da Mauricia, tambem chorou. Gostava muito d'ella, tinha-a em grande conta, moça muito bem creada, fazendo tudo muito bem feito, nada responde, conversando com todos, mas não dando confiança a nenhum dos muitos que a requestavam.

— Nem parece rapariga d'este tempo. As outras são umas cabras. Tudo quanto lhe sae das mãos é

bem feito. Hoje em dia as moças o que querem é luxar; algumas nem meia sabem fazer.

A comadre Narcisa fazia bem todos os arranjos de casa; mas lá para os serviços de costura não a fadára Deus. Além de coser e remendar sacos, pouco mais fazia com a agulha do que espetal-a nos dedos. Passaria um dia inteiro, contente, a peneirar trigo, a peneirar farinha, a cramear lã para encher colchões; mas não remendava a roupa do marido, e nem sequer as suas meias fazia, sempre a cahirem-lhe as malhas.

Quando ficava na posse da casa, senhora de tudo, envelhecia a ralar-se, sempre a julgar que os ganhões comiam agora mais, nada havendo que os fartasse.

— O que dirá a senhora madrinha? O toicinho está no fim e o pote das azeitonas parece que tem um buraco no fundo.

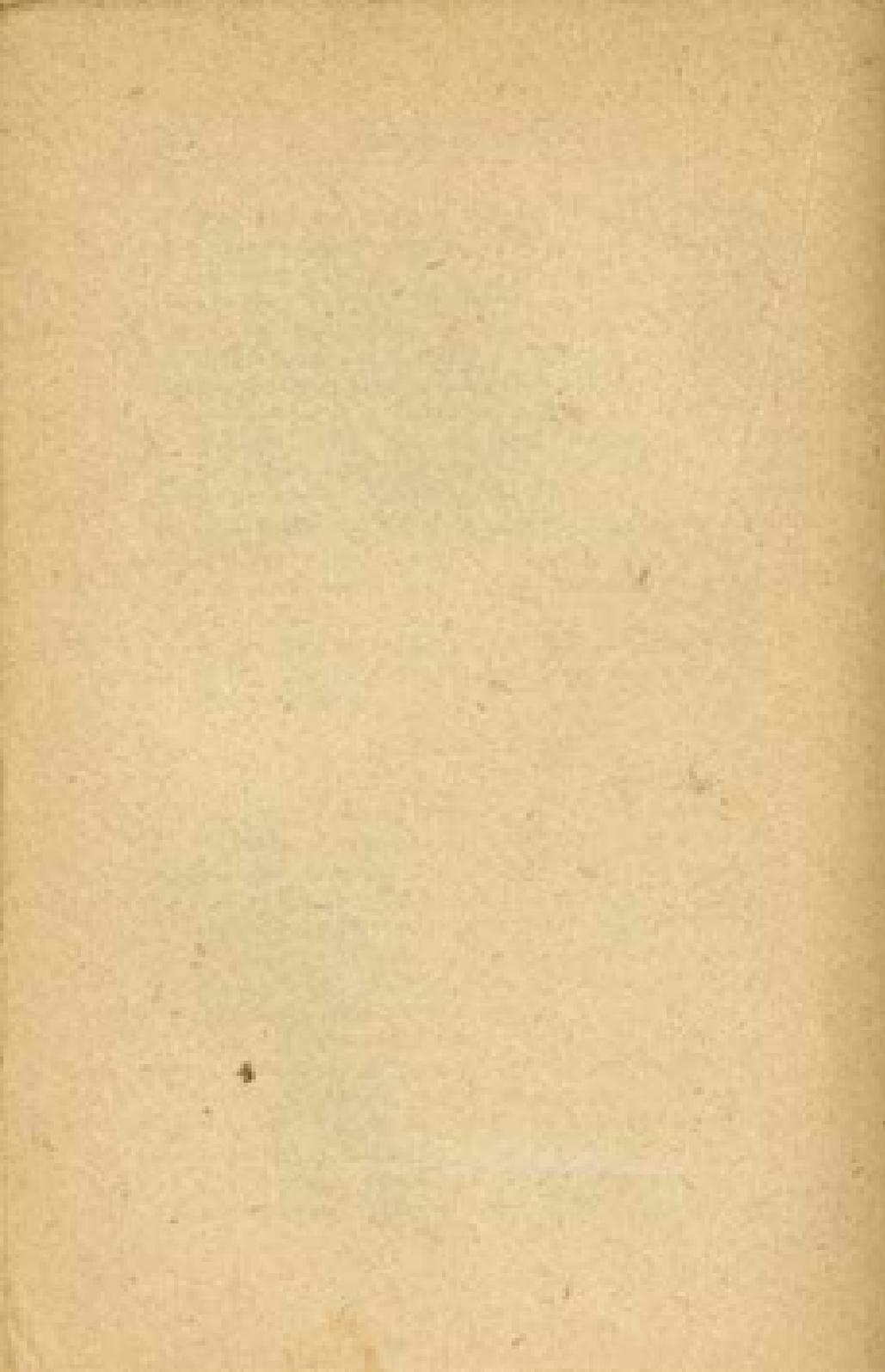
\*

Os que marcham na vida sem pontos de referencia, os filhos a crescerem, lembrando-lhes a cada hora, a cada instante, á medida que se afastam do berço, que elles se aproximam do tumulo, que se perdem a noção do tempo, e sentem-se ainda creanças, mesmo que lhes branqueje o cabello, quando se encontram com os velhos que os trouxeram ao collo, já velhos ainda elles eram meninos.

Por isso eu me sinto novo, ainda hoje, ao pé da comadre Narcisa, tão novo como no tempo em que ella me dava laranjas, maçãs ou pepias, conforme a época do anno, e me ia passar, ás escondidas, pela toalha de Nossa Senhora, embruxado como o moço da Chica Amores, que fizera gastar ao pai, com remedios e botica, tudo o que tinha e não tinha,

só vindo a curar-se quando o passaram pela toalha da Senhora do Castello, minha madrinha de baptismo.

Quizera assistir á sua morte para lhe dizer, no momento supremo, se ainda pudesse ver-me e pudesse ouvir-me, que minha mãe, a sua madrinha, por quem ella teria dado a vida, a esperava no céo, eleita d'entre os escolhidos, sentando-a ao seu lado direito, como fazia quando ouviam missa. Pela primeira vez uma forte comoção sacudiria os seus nervos froixos, e essa virtude prometida, seria a maior, a unica verdadeira felicidade de toda a sua vida.



## O Amorecos

---

Ha quantos annos isto foi!

Olho para traz, com immensa saudade, mal divi-  
sando ao longe, lá muito longe, essa época feliz da  
minha vida, e fico-me triste, a pensar que ella não  
voltará mais, como as almas que abalam, essa moci-  
dade perdida...

Ha quantos annos!

Tinham-me levado á força para os estudos, que-  
brando a minha grande vocação para a vida do  
campo, sempre alegre em plena Natureza, amando  
as terras, as arvores e os rebanhos com um amor  
quasi enternecido, em que punha toda a affectuosidade da minha alma de creança...

Como isso vae já longe!

Viera ao mundo, decididamente, para andar ao sol  
e á chuva, calejando as mãos com a foice ou com a  
enxada, tiritando, no inverno, mal abrigado dentro da  
cabana, e no verão roncando sobre a palha do cal-  
cadoiro, debaixo d'um lindo céo azul, muito alto,  
muito luminoso...

Que bom!

Dias inteiros por fóra de casa, na layoura, mon-  
tado na charrua, a picar os bois, ou então enrolado na

manta, de safões, como um ajuda do maioral, guardando as ovelhas ou os porcos, o magro farnel n'um taleigo de chita, lançando pontes arrojadas sobre regatos estreitos, ou armando com tanganhos e hervas, verdadeiros palacios de fadas.

Ha quantos annos!...

Recolhiam os bois á noite, pesados e lentos, cansados d'um longo dia de trabalho, e lá ia eu esperal-os na arramada, a coçar-lhes a testa, a meter-lhes na boca o centeio verde, gostando de me vêr reirratado nos seus grandes olhos, a trasbordar de ternura.

Que bom tempo aquelle!...

Pela meia tarde, na época da ordenha, a horas certas, ainda vinha longe o alavão, logo eu corria para o aprisco, sem chapéu, e punha-me a tocar o buzio com muita força, até que o roupeiro chegasse, quasi sempre furioso por o terem chamado antes do tempo.

Que feliz eu era então!...

Horrorisava-me a escola, onde tinha de estar quieto, com o preceito d'uma pessoa grande, decorando coisas que não percebia, datas e nomes que nada significavam para a minha intelligencia mal desperta, e de quando em quando apanhando com uma regoa na cabeça, ou meia duzia de palmatoadas, que me punham as mãos a chiar.

Um horror!

Coisas bem mais interessantes aprendia eu com as mulheres da monda, palreiras e maldizentes, descobrindo os namoros umas das outras, entremeando historias com orações, e a proposito de tudo e a proposito de nada erguendo-se o rancho inteiro, cabeça no ar, como um bando de cegonhas, a maior parte de perna vermelha, como essas pernaltas bemfazejas.

Como vae longe esse tempo!

Rememoro-o a proposito do retrato do sr. *Manuel Amores*, que hontem encontrei, por acaso, a revolver papeis.

Elle era o typo acabado do *cabreiro alemtejano*, cheio de simplicidade e rudeza, d'uma força mental pouco superior á do seu gado, mas faiscando ás vezes de bom senso.

Lembra-me como se fosse hontem...

Uma creada foi dizer que vinham ali uns senhores da vila, alguns de penante, e logo meu pae saiu de casa, a recebel-os. Tratava-se de eleições. Lourenço Malheiro propunha-se por ali, e era portador de uma carta do sr. Julio Vilhena, já ao tempo ministeriavel.

— Conto com a sua influencia.

— Não conte. Resolvi não entrar na eleição.

— Ao menos os votos dos seus creados...

— Não lh'os peço; elles votarão como quizerem.

— Mas consente que nós lhes falemos...

— Pois não!

Vinha pela estrada, do lado do Cabeço, o sr. *Manuel Amores*.

— E' seu creado?

— E' o cabreiro.

Lourenço Malheiro avança para elle, e como se o onhecesse de ha muito, familiarmente:

— Ora viva o sr. *Manuel Amores*.

— Salve-o Deus.

— Talvez não saiba ao que aqui venho?...

— Não sou bruxo, para adivinhar...

— Pois venho pedir o seu voto.

— Se o patrão mandar...

— O patrão não manda, mas deixa-o ir no domingo á vila, meter a sua lista. Vae pela manhã e volta á tarde.

— E você é que me guarda as cabras ?

Não acreditava em bruxas, o sr. Manuel Amores ; mas acreditava em labishomes, e gabava-se de ter pactos com o Diabo para fazer coisas extraordinarias.

Se eu quizesse, dizia elle, ceifava a seara do patrão em menos d'um dia. Simplesmente o trigo assim ceifado não semea para deitar á terra, porque não grêla.

Sabia encomendar a *moste e ferro*, mas escusava-se sempre a fazel-o, alegando qualquer pretexto. D'uma vez, sendo cabreiro nos Escanchados, o ajuda perdeu uma navalha que tinha comprado na feira de Santo Antonio, uma rica navalha de duas folhas, e cabo de unicornê, que lhe tinha custado seis tostões.

Como elle não lh'a quizesse encomendar, o moço entrou a dizer que elle sabia tanto de encomendações como elle de lagar de azeite. Estavam na casa dos ganhões, á roda do lume, com a porta fechada. Todos riram do sr. Manuel Amores, e um diabo muito esturdio, que era de Messejana, e fôra militar, desfechou-lhe esta : — O' tio Manel, faça favor encomende-me a minha avó, que eu perdi ha vinte annos. Gostava tanto de tornar a vê-la, coitadinha ! . . .

Redobrou a galhofa, e o sr. Manuel Amores, recomendendo que apagassem a luz e o fogo, retirou-se para um canto, a cabeça coberta com a manta, pedindo que estivessem quedos e calados. Ouviram-n'o gemer, a principiô, altercar depois, e eis se não quando batem á porta com muita força, uma pancada seca, ficando todos gelados de terror. Nova pancada, passados alguns minutos, mais forte agora, e elle então ordenou que abrissem a porta, apenas uma grelinha. Só o de Messejana teve coragem para executar a ordem do sr. Manuel Amores, e apenas descerrou a porta sentiu passar-lhe rente á cara um

objecto que atirára de longe um homem montado n'um cavallo preto, que logo desapareceu, n'uma correria doida, das patas do cavallo saindo faiscas, que eram como chamas.

E' claro que ninguem abonava a verdade d'esta facanha; mas o sr. Manuel Amores jurava pela salvação da sua alma que as coisas se tinham passado como elle as contava, acreditando a propria mentira.

Não viveu o tempo bastante para saber que o filho, n'um acesso de loucura erotica, assassinára uma rapariga que inutilmente requestava, violando-a depois de morta. Preso como assassino, foi algum tempo depois internado em Rilhafolles, como idiota.

Dizia a irmã, pouco mais nova do que elle: — Ainda que eu gaste um quartinho, o meu irmão não hade ir para a Africa.

E não foi.

Nos recuados tempos da minha infancia, os creados tiravam o chapéu quando falavam com o patrão, e nunca se deixavam ficar sentados quando o patrão chegava. Era uma disciplina como na tropa, só com a differença de não ter sanções regulamentares.

Quer-me parecer que o sr. Manel Amores nunca se desbarretou para cumprimentar o patrão — *salvé-o Deus* — e para com os outros creados dispensava-se elle de toda a cerimonia — a maior parte das vezes não os cumprimentava ou não correspondia ao seu cumprimento.

Dizia meu pae:

— E' muito cuidadoso com a sua obrigação; mas a brutalidade chegou ali e fez ponto.

Fumava cachimbo e usava matacões, uma suissa que ia até ao meio da bochecha, feita de barbas curtas e ralas.

O compadre Seroula, emquanto não enrolou o officio, tinha avença com meu pae, na sua qualidade

de barbeiro, e uma vez por semana, montado na sua burrinha, ia ao Monte, levando geralmente a espingarda, aproveitando a ocasião para dar umas voltas no Cabeço, onde se fartava de haver caça. Raramente, se fazia bom tempo, o compadre Seroula deixava de ir aos arados, offerecer os seus serviços aos creados, muitos dos quaes os aproveitavam, ficando assim dispensados de ir á villa, no domingo, para fazerem a barba ou cortarem o cabello. Sentava-se o freguez no timão do arado, e ás vezes, se a quarta não tinha agua, aproveitava-se a d'alguma poça que houvesse ali proximo.

Combinaram os creados, um dia, pelo entrudo, que o mestre Seroula fizesse só metade da barba ao Amorecos, fingindo que se zangava com elle a meio da operação capilar.

Bem dito, bem feito.

O demonio foi que o Amorecos tomou a brincadeira a serio, e se o José das Moças não acode depressa, agarrando-o pelas costas, o mestre Seroula tinha ido fazer barbas para o outro mundo, porque elle rachava-lhe a cabeça com a arrelhada.

— Ainda que eu tivesse de andar com a barba por fazer, toda a vida, nunca mais aquelle filho d'uma gran. . . . . me punha as mãos na cara.

Estou em dizer que os cabreiros formam uma variedade ethnica, mal conhecida, por insufficientemente estudada.

\*

Francisco Raposo, tambem cabreiro alemtejano, do velho tipo, só por mero acaso nascera debaixo de telha. A mãe fôra, naquelle dia, como habitualmente, levar a roupa ao marido, e andando a ajudal-o, muito pançuda, no trabalho de embarbelar os chibos, sentiu de repente a barriga metida num tórno — *ai que*

*eu arrebento ! ai que eu rebento !* — e desatou a correr em direcção a casa, onde chegou coberta de suores, quasi a desmaiar, explicando-se d'ahi a pouco, mal tinha posto a cabeça no travesseiro, com um moço que nem um novillo, no dizer da comadre parteira.

Aos sete annos o Raposo era ajuda do pae, sem ganhar soldada, um cascabulho que mal se via por traz duma cabra, com a sua pequenina samarra quasi enteiriça, feita da pele dum borrego, os seus sa-fões, debruados de trancelim azul, as suas botas forradas, de cano ao meio da perna, e uma cinta encarnada, que parecia, pela côr e pela largura, uma fita de S. Romão. Sabia o nome de todas as cabras, e considerava os chibos como seus irmãos mais novos, falando-lhes como falaria a creanças que pudessem entendel-o, e brincava com eles, á roda do craveiro, como brincaria com garotos da sua idade.

Gostava immenso de mamar nas cabras, estendido no chão, de barriga para o ar, muito pouco em cada uma, para não prejudicar os chibos, coitadinhos !

Quando se apartava um atalho, para as feiras, o Raposo agarrava-se ao pae, abraçando-o pelos joelhos, a pedir-lhe que deixasse ficar aquelas de que ele mais gostava, a Serrana, a Malhada, a Gravita, todas as que ocupavam um lugar áparte nos seus affectos de cabreiro. O patrão é que mandava, de modo que o pae, ainda que sinceramente o quizesse, não poderia satisfazer completamente o filho, pondo de banda, para não irem á feira, as cabras da sua predileção.

— Deixa lá rapaz, não te apoquentes. Vão-se umas, ficam outras.

Era assim mesmo, na verdade ; mas o Raposo é que não via, sem as lagrimas nos olhos, abalarem as que ele mais gostava, para não tornarem ao rebanho. Foi crescendo, foi medrando, sempre atraz do gado,

só de longe em longe indo passar um dia na aldeia, para lhe remendarem a copa, pequenino selvagem creado á lei da Natureza, mal compreendendo as pessoas, mas entendendo maravilhosamente as coisas, na linguagem muda que elas falam.

Aprendeu a resar, ensinado pela mãe, e aos doze anos foi á confissão, levado por ela, que o pai, desde que se casára, nunca mais pensou em dar conta dos seus pecados, conforme manda a Santa Madre Igreja. Estreou, por essa ocasião, uma fatiota de saragoça, com que pavoneou, muito sécio, a caminho da Misericórdia, admirado de tudo o que via, o pensamento a fugir-lhe para onde estavam as cabras, e os olhos bailando-lhe na cara, exprimindo ao mesmo tempo curiosidade e timidez.

Quando o padre lhe poz sobre a lingua a hostia — *corpus domine Jesus Christus* — e o sacristão se aproximou, saracoteando-se, para lhe dar o sorvo d'agua necessario para a engulir, o Raposo desatou aos espirros como um bode quando adivinha mudança de tempo, e não houve maneira de lhe fazer chegar ao estomago a sagrada particula.

Nunca mais o levaram á Igreja, a não ser uma vez, pelas Endoenças, em companhia do pae, tão selvagem como ele, curioso todavia, de assistir ao enterro do Senhor, de que lhe tinham dito maravilhas.

— Então, Francisco, gostaste da festa ?

Só tinha gostado das amendoas ; mas fizera-lhe grande impressão um homem a berrar dentro dum cortiço — um pulpito — e toda a familia que estava na Igreja escutando-o sem dizer nada, parecendo que tinha medo dele.

A sua malhada era o mais lindo palacio do mundo, e a sua cama de mato, com agua a correr-lhe por baixo, no inverno, era um leito fofo, em que ele dormia como um justo. No tempo quente a manta ser-

via-lhe de colchão, deitando-se onde calhava, e o luar servia-lhe de cobertor, adornado de estrelas.

Morreu-lhe o pae no ano em que entrou nas sortes, e como tirasse um numero alto, o mais alto que havia na urna, livrou-se de ir servir o rei, deixando a mãe ao desamparo. Disse-lhe o patrão que ele passava a maioral, com mais soldada, e tamanho foi o seu contentamento, que mal se apanhou ao pé das cabras desatou aos pulos e aos gritos, com gana de as beijar uma por uma.

Ainda não tinha passado um ano, morria-lhe a mãe com uma camada de bexigas negras, e o Raposo via-se sem ninguem, tão abandonado como se fosse exposto, quasi não considerando parentes uns vagos tios e uns vagos primos que tinha no termo de Mertola.

Foi então que lhe appareceu, uma tarde, a senhora Maria Segunda, andava ele com as cabras num matinho ralo, que ia bater na estrada, amargurado pela sua orfandade, sentindo uma coisa que lhe apertava a garganta, ao mesmo tempo que lhe roia o coração.

— Boas tardes, senhor Francisco.

— Boas tardes, senhora Maria.

Tinha fama, a senhora Maria Segunda, de ser a mais habil casamenteira da vila e termo, vivendo do que lhe rendia essa industria e dalguma coisa que lhe davam pelo amor de Deus. Fôra muito libertina nos seus tempos de rapariga, e ainda agora acendia a sua velasita no tabernaculo de Venus, quando se lhe offerecia a ocasião.

Aproximava-se a noite, mas a senhora Maria Segunda já não tinha muito caminho a fazer para chegar a casa, e apetecia-lhe tagarelar com aquele moço triste, porventura incapaz de fazer uma distincção clara entre os seus vagos desejos e as suas amargas saudades. Poisou no chão o taleigo que trazia á cabeça, e enrolando na cintura o vestido de chita, para o não

sujar de terra, foi sentar-se ao pé do Raposo, que nunca tinha visto junto de si uma mulher, a não ser a mãe.

— Quem é que lhe trata da roupa, sr. Francisco?

Desde que lhe morrera a mãe, era a senhora Maria Felicia quem lhe tratava da roupa; mas como ela tinha uma casa de familia, tudo gente meuda, esquecia-se dele no meio da sua lida, de modo que passava quinze dias e mais sempre com a mesma roupa no corpo.

— Isto de não ter ninguem de obrigação, senhora Maria, é uma grande desgraça.

Concordou a senhora Maria Segunda em que, efectivamente, era uma grande desgraça para um homem não ter mulher que dele se occupasse, por obrigação, e como se adivinhasse o seu intimo pensamento, o seu envergonhado desejo, aconselhou-o ternamente, pondo-lhe a mão no joelho, e envolvendo-o num olhar acariciador:

— Vocemecê o que deve fazer, sr. Francisco, é casar-se.

Ergueu-se, silencioso como se nada tivesse ouvido, e constatando que eram horas de recolher o gado, ageitando a manta no hombro esquerdo, depois de assobiar ás cabras, para as ajuntar, meteu-se aoματο, volteando o cajado no ar, seguro pela ponta.

A senhora Maria Segunda não se deu por desconsiderada, e quando o Raposo, sem olhar para ela, lhe disse o classico — *fique-se vocemecê com Deus* — mal se conteve que lhe não puxasse pela manta, obrigando-o a ficar ali, junto dela, por mais algum tempo.

Achou melhor deixal-o ir, levando nos olhos uma impressão de mulher, e levando nos ouvidos o som duma palavra magica, que era todo um mundo de adoraveis promessas, de gosos indefinidos.

— Até á outra vez, senhor Francisco.

Naquella noite o Raposo mal poudo conciliar o somno, inquieto, sempre ás voltas, parecendo-lhe que a senhora Maria Segunda estava ali, sentada ao pé dele, erguendo descuidadamente as saias até ao meio da perna, tomando o ar com força, em meio da conversa, para dar evidencia ás suas rotundidades peitoraes.

O amor livre, em plena Natureza, o amor que ele observava por toda a parte, ainda não tinha acordado os seus sentimentos de macho, parecendo-lhe que ele nada mais era do que uma lei da vida, a indispensavel condição para as especies se conservarem. Nunca estremecera ao contacto duma femea, bicho do mato que só de longe em longe descia ao povoado, demorando-se aí por breves horas, sem que as pessoas o interessassem.

Uma vez a Chica Soldada, que era o descaro feito mulher, encontrando-o no caminho do barranco, em dia de lavagem, poz-se a tental-o com todas as seduções que concorriam na sua pessoa miudinha e rochonchuda, os labios vermelhos como os bagos da romã, os olhos negros como as amoras bem maduras. O Raposo, muito enleado, respondia-lhe quasi sem olhar para ella, em monossilabos, e só por timidez lhe não voltava as costas, pondo termo a uma conversa que o não interessava. Senão quando a Chica, levando a mão ao peito — *ai que dor! ai que dor!* — desabotou a bata e o colete, pondo diante dos olhos aparvalhados do Raposo, rijos como limões verdes, dois monticulos nevados, que eram, na linguagem biblica, dois cabritinhos montezez, brincando num campo de assucenas.

Refeito prontamente da surpresa, o Raposo não se iludiu com o estratagemma, e como se fosse o Pudor na transfiguração de cabreiro, derrubando

um pouco o chapéu para os olhos, e agarrando com força a volta do cajado, intrepido, resoluto, abalou murmurando por entre os dentes — *Grandissima cabra!* Mas logo emendou, como arrependido da injúria feita ao seu gado: *Grandissima porca!*

Já ia longe, quasi a desaparecer n'uma curva da estrada, e ainda aos seus ouvidos chegavam as gargalhadas da Chica, saracoteando-se debaixo do alguidar da roupa, a caminho do lavadouro.

\*

Era voz corrente nos soalheiros da Aldeia que a Joana dos Aivados, nos desesperos d'amante abandonada, jurára que casaria com o primeiro homem que lhe apparecesse. Com ela se fez encontrada a senhora Maria Segunda, e sem grandes preambulos, como quem deseja chegar depressa ao seu fito, aconselhou-a, como tinha feito ao Raposo:

— Tu o que deves é casar-te, rapariga.

— Ninguem me quer!...

— Lá isso... Ainda outro dia eu falei com um rapaz que te gabou, e que se daria por feliz casando contigo.

— A senhora Maria está a mangar!...

— Não estou a mangar, não; foi o Raposo, o filho da Constança Agostinha.

— Credo! O homem nem sequer me conhece!...

— Pois diz-lhe que não conhece... Ainda a ultima vez que estive na Aldeia, ha coisa de tres semanas, se encontrou contigo em casa da senhora Joana do Montinho, sua madrinha, tinhas tu ido lá pedir manteiga sem sal, para uma nascida.

— Agora me lembro, sim, senhora. Mas a gente lá por se ver uma vez...

— Pois sim ; mas ele simpatisa contigo, e se amanhã eu lhe fôsse dizer que tu engraças com ele, estava logo ahi a rondar-te a porta.

— E eu que me havia de ralar ! Não quero metter-me a freira, nem desejo ficar para tia.

Esta conversa habilitou a senhora Maria Segunda a procurar o Raposo, isto é, a fazer-se novamente encontrada com ele numa das suas peregrinações, á esmola, pelos Montes.

Avistou-o de longe, recolhendo o gado, e para lá se dirigiu, já sol pôsto, na boa intenção de lhe aceitar a hospedagem, se ele lh'a oferecesse.

— Esteja com Deus, senhor Francisco.

— Venha com Deus, senhora Maria.

Ficava ali perto a Aldeia, a uns dois quilometros, de modo que o Raposo não estranhou que ela tomasse atitudes de quem não tem pressa, arrumando o taleigo para o fundo da malhada, e sentando-se na sua cama de mato.

E logo ela, como reatando uma conversa de ha pouco interrompida :

— Pois é verdade, sr. Francisco ; vocemecê precisa casar-se.

— Não lhe digo que não. Mas a bem dizer eu não conheço ninguem ; é uma citula ir onde haja gente, e cá pelo mato só andam cabras, com sua licença.

— Cabreiro era seu pae, como vocemecê, e não ficou solteiro. Em havendo vontade . . .

— Lá a vontade não me falta, para que hei de dizer o contrario ? Vejo-me só, com a casa fechada, lá na Aldeia, mal cosido e mal alinhavado, como se me tratassem dá roupa pelo amor de Deus. Ainda emquanto a gente tem saude, bem vae ; mas se uma pessoa adoce, e tem de recolher á cama, não ha de ir meter-se entre quatro paredes, sem ter quem o trate.

Assim inteirada dos intimos desejos do Raposo, a senhora Maria Segunda contou-lhe a conversa que tivera com a Joana dos Aivados, uma rapariga perfeita em todo o sentido da palavra, sabendo de todos os trabalhos do campo, e nos arranjos da casa não havendo na Aldeia quem a fizesse ruim.

— Ela queria lá casar comigo!

De quando em quando parecia que as cabras davam pancada no curral de mato, e os cães, dois rafeiros e um goso, punham-se a ladrar furiosamente, como se algum perigo ameaçasse o rebanho.

— Será bicho, sr. Francisco?

A estrada, uma larga carreteira, ficava ali pertinho, mas a senhora Maria Segunda mostrava-se cheia de medo, e tudo era ageitar-se para ali passar a noite, fingindo não perceber que o Raposo o que desejava era vel-a pelas costas.

— Se vocemecê não se importa, sr. Francisco, eu para aqui me acomodo até romper a manhã.

— Lá isso não, senhora Maria. Eu acompanho-a até fóra do mato, e depois já póde ir sem medo. Antes de amanhecer tenho eu que repastar o gado, e vocemecê não ha de aqui ficar sósinha.

Não houve remedio senão fazer como o Raposo queria.

A escuridão não era perfeita; mas na vasta charneca, silenciosa como uma catedral deserta, não se distinguiam as arvores sobrelevando as estevas, como se aquela imensidade fosse um mar sem ondas, misterioso e apocalíptico.

Chegando á orla do mato, o Raposo não se ofereceu para acompanhar um pouco mais adiante a senhora Maria Segunda, nem ela se mostrou grandemente receosa de fazer o resto do caminho sem companhia.

— Ora o incomodo que eu lhe dei, sr. Francisco!

Mas sempre lhe digo que não perdia o casamento se me tem deixado ficar na malhada até nascer a lua.

Resmungava o Raposo, de volta á sua cabana, e recordando o sem numero de vezes que a senhora Maria Segunda se agarrára a ele, para não cair — *não vê a gente onde põe os pés...* — embora a carreteira fosse quasi uma estrada a macadam: — *Velhas e moças são todas a mesma coisa — umas porcas.*

Com tal arte se houve a senhora Maria Segunda, que ao cabo de dois mezes estava justo o casamento do Raposo com a Joana dos Aivados e fixado o dia para a boda. Queria ella que fosse no dia da Senhora da Encarnação, queria elle que fosse no dia de S. Luiz, que é, de todos os santos e santas da côrte celestial, o que mais sollicitamente se occupa da saude dos animaes, curando-os de variadissimas doenças.

Como a corda quebra sempre pelo mais fraco, venceu a teimosia do Raposo, e assentou-se em que no dia de S. Luiz teria logar a bôda.

A noiva só tinha de seu o que trazia vestido; mas o Raposo tinha um bom arranjo de casa, tudo o que é dado a um casal, além duma courelita que o pai comprára, terra para cinco alqueires, pouco antes de morrer.

No dia em que foram ás perguntas, a Ana teve uma agastura — se não a amparassem tinha caído redonda no chão.

— Ha de ser flato, sentenciou a mulher da pouxada, e disse ao Raposo que fosse á loja do Silvestre comprar uma quarta de chá e uma quarta de assucar.

O Raposo foi; mas parecendo-lhe que talvez o achassem sumitico comprando tão pequenas porções, com um grande ar de pessoa que tem, e é capaz de gastar, pediu meio alqueire de chá e um alqueire de assucar.

Ofereceu todo o dinheiro que fosse necessario para as despesas do casorio, não querendo que faltasse coisissima nenhuma. — Um dia não são dias, e em um homem morrendo já de nada precisa.

Uma semana andou a senhora Maria Segunda pelos montes a comprar mel e ovos, e tres dias levou a senhora Tereza Rodrigues a frasquejar, muito empenhada em que a fogaça da noiva não fosse inferior á da madrinha.

No dia do casamento o Raposo apareceu tarde, estava tudo danado por almoçar, e milagre foi que apparecesse, porquanto tinha-se-lhe sumido uma cabra, e ele abalára, cortando os matos, á procura dela, jurando que havia de a encontrar, ainda que tivesse de ir procural-a ás profundas do inferno — a menos que a fivesse mamado algum lobo.

— Então, Francisco, a estas horas? A noiva já cuidava que tu tinhas fugido com outra...

— Primeiro está a obrigação.

Quando o acompanhamento chegou á vila, já o padre estava farto de esperar na igreja, e como facilmente desespera quem muito espera, mandou dizer ao Raposo que só por muita consideração pelos padrinhos esperaria ainda meia hora, passada a qual iria para sua casa, não se realisando o casamento senão no dia seguinte.

Todos reconheceram que o padre tinha razão, menos o Raposo, não obstante ser ele o unico culpado do que sucedia, horas e horas a procurar no mato uma cabra que se tinha afastado das outras sem dizer para onde ia.

A noiva, muito garrida no seu vestido de lã, com folhos, um veu preto caindo-lhe graciosamente sobre os hombros, uma flôr de laranjeira perfumando o seu cabelo negro, e dois grossos cordões, em oiro macisso, adornando-lhe o pescoço, via-se bem que só

por um esforço de vontade não gritava a toda a gente a sua grande, a sua imensa ventura.

Ele, o noivo, muito correcto no seu fato de casimira, o seu chapéu redondo, sem borla, uma cinta de lã fina dando-lhe umas poucas de voltas á cintura, a camisa de pano bretanha, passada a ferro, sua gravata preta, em laço feito, via-se bem que alguma coisa o mortificava, dando-lhe á fisionomia acentos duros, quasi aggressivos.

Quando o padre lhe perguntou, conforme as praes rituaes: *E' do seu gosto e da sua vontade casar com a senhora Ana dos Aivados?*, ele encarou-o com um riso desdenhoso, e envolvendo o adjunto num olhar, com a sobrancelha satisfeita de quem dá um quinau, respondeu-lhe: — *Olha que pergunta essa! Se não fosse do meu gosto e da minha vontade casar com ella, quem podia-me obrigar?*

Correra a noticia de que o Raposo comprára todos os confeitos e amendoas que havia nas lojas da villa, para atirar á moçada, á porta da Igreja, já casado, dizendo-se tambem que a madrinha, rica e opiniosa, só para argolas e pepias destinára tres alqueires de farinha. De modo que não houve gaiato que não acorresse ao casamento do Raposo, e tantos como os gaiatos eram os homens e as mulheres que se apinhavam á porta da pousada, gulosos da frasca prometida.

\*

Bem servido mal servido o copo d'agua, ahi se põe a familia em marcha, uns de carro, outros de burro, o noivo e a noiva no carro da madrinha, ella fresca e apetitosa como as melanciaa vermelhas, elle seco e aspero como os cardos que picam.

A pouca distancia da aldeia, no logar denominado

o Monte Janeiro, onde as estradas se cruzam, estavam as raparigas do arco esperando a função, endomingadas, sem lenço na cabeça, todas a quererem ver a noiva, como se nunca a tivessem visto!

O que ganhou a fogaça ofereceu-a á madrinha, e ahí vae o cortejo, engrossado agora de todo o rapazio da aldeia, a caminho de casa do Raposo, porque ahí é que haveria o jantar e o balho.

O pae da noiva tinha convidado a aldeia em peso, devidamente auctorizado pelo Raposo — *convide quem quizer* — de modo que houve necessidade de converter as arcas em mezas, fazendo de cada compartimento, excepto aquelle em que estava a cama dos noivos, uma casa de jantar.

Dizia o Carias, factor constante em todas as funções da aldeia — *O' rapazes, não se alambazem muito com as primeiras coisas que o melhor vem no fim.*

A frasca teve um successo doido, sobretudo as queijadas e o pão-leve, não desfazendo nos bolos folhados, que eram dignos dos anjos os comerem.

A senhora madrinha não quiz retirar-se sem ter começado o balho, e como lhe dissessem que a afilhada tinha uma linda voz, era a melhor cantadeira da aldeia, quiz á viva força ouvil-a cantar.

— Vá lá, senhora afilhada, faça-me esse gosto. Não é coisa que lhe fique mal. Eu não tinha voz, e no dia do meu casamento, a minha mãe, que Deus haja, fez gosto em que eu cantasse, e eu cantei.

A Anica rendeu-se a este argumento e cantou:

*Não canto por bem cantar  
Nem por ter falla bastante;  
Canto por fazer o gosto  
A quem me pede que cante.*

O Raposo saiu do balho, e d'aí a pouco andava toda a gente a procural-o, e ele sem aparecer.

Averiguou-se que tinha despido a fatiota com que casára, e disse a sogra que a roupa com que ele chegára a casa, pela manhã, vindo do mato, o seu uniforme de cabreiro, desaparecera com ele.

— Foi pr'as cabras, disse o Carias, rindo como um damnado.

Todos lhe acharam graça, e como por fim todos lhe achassem razão, abalou o Camisas, num macho, á procura do Raposo, dando-se por acabada a função.

Não teve que se cansar muito a procural-o para o encontrar. Lá estava, dentro do curral, no meio das cabras, verificando se faltaria alguma, porque não tinha confiança no homem que ficára a guardal-as.

— Então tu perdeste a cabeça, Raposo?

— Tanto a não perdi, que aqui a tenho no seu lugar.

— Pois sim, mas uma coisa destas! A tua mulher chora que nem uma Magdalena; o teu sogro está capaz de te engulir, e toda a familia da Aldeia se mostra escandalisada com o teu feito.

— Primeiro está a obrigação.

— Isso é verdade; mas a obrigação de um homem que casa, no dia do seu casamento, é ficar ao pé de sua mulher, e obsequiar as pessoas que convidou. O mal feito já não tem remedio, mas tu agora vens comigo e tudo acabará em bem.

Alegrou o Raposo que não podia deixar para ali o gado só, uma noite inteira, e o outro, tendo-se ajustado por um dia, assim que meteu as cabras no curral, abalou sem esperar que ele chegasse.

Não ia, e que dissesse lá á sua Anica que no domingo lhe fosse levar a roupa.

Abalou o Camisas, e dahi a pouco o Raposo, estendido na sua cama de mato, tendo em consideração as peripecias daquele dia, invejava a sorte das suas cabras e dos seus bodes, maridando-se á face

de Deus, no altar da Natureza, sem nenhuma especie de cerimonia.

Logo em toda a Aldeia, mal foi dia, se soube do que se passára, o que o Raposo dissera ao Camisas, recusando-se a acompanhá-lo.

Quasi tomada de remorsos, no vago presentimento duma grande desgraça, de que a acusava a consciencia, a senhora Maria Segunda, vendo passar a Ana dos Aivados, em companhia da mãe, montada numa burra, dizia de si para si :

Raios me partam se aquele homem é como os mais.

Dias passados o cabreiro, com o tarro enfiado no braço, a manta ás costas, passava pelo feitor e saudava-o.

— Boas tardes, tio André.

— Olá, Raposo, adeus ! Com que então, casado ?

— E' verdade, casado. E' como se tivesse mais uma cabra no pevolhal.

E o tio André, por entre dentes, já afastando-se :

— Roga a Deus que o patrão não tenha mais um bode no rebanho.

\*

Que saudades eu tenho do tempo que me evoca o retrato que hontem encontrei, do Manoel Amores, a revolver papeis !

Quantos anos passados !

Estou a ver o sr. Manoel Amores, já velho mas desempenado, pousando diante da maquina fotografica, importante como quem sabe que alguma coisa ficará de si quando o levar a morte.

— Isto é coisa para durar muito tempo, ó Joséinho ?

— Isto dura até ao dia de juizo, se o não estragarem.

Tantas vezes eu almoçava com elle, depois de

limpa a arramada, quando era boieiro, e com elle ia até aos arados, subornando-o com um cigarrinho para que me deixasse lavrar com o seu arado.

Raramente elle comia o pão da merenda, e com a ponta da navalha, pachorrentamente, fazia-lhe um signal inconfundivel, que era sempre um desenho complicado.

A' hora de ceiar, era elle o primeiro a soltar a sua junta, indo entregar a apeiragem a um almocreve, visto elle não seguir d'ali para o Monte, levando os bois á agua. Por aquelle tempo os bois de trabalho não passavam a noite debaixo de telha; em sendo dez horas iam para o mato, ainda que chovesse a cantaros, e recolhiam pela madrugada.

O campo! A Natureza! A ingenua rusticidade!

Nunca me tivessem levado para os estudos, querendo a minha grande vocação para a vida campestina, sempre alegre em plena Natureza, amando as terras, as arvores e os rebanhos com um amor quasi enternecido, em que punha toda a affectuosidade da minha alma de creança.

Como isso vae já longe!

Como eu tenho envelhecido!



## O sr. Joaquim Pereira

---

Ninguém diria, ao vel-o forte e desempenado, com musculos d'aço, capaz de afrontar os maiores perigos reaes, que estava ali o mais ridiculo dos cagarolas, ante perigos imaginarios.

O medo que elle tinha das bruxas!

Nunca hesitou um momento em se atirar para a cabeça d'um boi, se era preciso pegal-o para o metter na canga, para lhe avivar o ferro, para lhe fazer um tratamento doloroso, como no caso de perneira, ou para lhe rebentar uma bolha, que tem o nome de *mã*, na veterinaria dos boieiros. Se a rez era brava, e corria á ponta da corda, elle esperava-a sem arredar pé, e logo se lhe enganchava nos cornos, apertando-lhe o focinho entre os joelhos, sacudido como um ramo verde, mas não largando a presa nem á mão direita de Deus Padre. Passava-lhe lá pela cabeça que podia ser esmagado d'encontro ás pedras do curral, ou enfiado nas hastes ponteagudas do bicho, volteado no ar com as tripas de fóra?

Por mais d'uma vez, na charneca, muito perto da feichinha, viu luzir na escuridade da noite os olhos de lobos esfomeados, brilhando como brasas, e no seu brilho estranho retratando toda a ancia de carne

viva que lhes alanceava as entranhas. Pois nunca os cabelos se lhes puzeram em pé, nunca lhe bateu mais forte o coração vendo muito perto de si, a menos d'um tiro de pedra, esses apaches de chameca. Erguia-se, dava-lhes vaia — eh! bichos do diabo! — e tornava a estender-se em cima das estevas tão socego e tranquilo como se estivesse debaixo de telha, com trancas de ferro nas portas.

Lá quanto ao gado estava elle tranquilo, porque sabia que tinha ali todas as cabeças juntas, e os bois defendem-se lindamente dos lobos, formando um quadrado . . . redondo, em termos de espetarem o inimigo na ponta das hastes. O diabo é se algum se tresmalha, afastada das outras por qualquer motivo — ás vezes porque coxeou, e não pode marchar levemente, outras vezes porque é guloso, e foi pastar n'uma seara visinha, tendo o cuidado de não dar muito á cabeça para não fazer ouvir o chocalho. Resgalha assim perdida, se ha lobos pelo sitio, arisca-se a ter um mau encontro, a ser pelo menos anavahada, se tiver a boa fortuna de não ser morta.

D'uma vez, contava elle, foi assistir a uma d'essas luctas titanicas entre uma rez e dois lobos, n'uma pequena pelada que havia no mato, perto da carreteira. O boi era um animal de cinco annos, do tamanho d'uma muralha, e valente como as armas. Chamava-se o Perdigotó. Não havia outro que lhe desse canga, e era esse o seu unico defeito — ser bom de mais. Elle proprio o tinha amansado, dos dois para os tres annos, pondo-o a trabalhar com um boi já feito, muito manso e pesado, não mudando uma pata sem pedir 'licença á outra. — *Se tivesse um parceiro como elle, era uma junta de cem moedas.*

N'aquella noite, quando ia a pegar no somno, ouviu o som distante d'um pequeno chocalho, precisa-

mente um chocalhito como o do Perdigoto, com o seu badalo de pau, suspenso d'uma corréa com fivela, que elle comprára na feira de Garvão, por doze vintens e meio. O frio era de rachar, e a nevoa chovediça alagava tudo, parecendo que não molhava. Deixou-se ficar na cama, muito enrolado na manta, a cabeça metida dentro do barrete preto, com borla, as mãos nos sovacos, por baixo da samarra, que tinha forro de baetilha rôxa e debrum d'ourela azul.

Senão quando, ouve o gado dar pancada, e o gazopo desata n'uma inferneira, ladrando desesperadamente, como se tivesse o rabo entalado. Ergueu-se d'um salto, desenrolando-se da manta, deitou a mão ao cajado, fez ir ao pé de si o cão, chamando-o com intimativa — anda aqui, Farrusco! — e dirigiu-se para onde os bois estavam amalhadados. Deu logo pela falta do Perdigoto, e percebeu do que se tratava. O boi afastara-se dos companheiros, e estavam os lobos a contas com elle, talvez uma alcatéa — bichos do diabo! Poz-se d'ouvido á espreita, e não tardou muito que não distinguisse por entre os sons confusos d'aquella noite invernosa, dominando o ramalhar das estevas, o badalar d'um chocalho, que devia ser o do Perdigoto — *raios o partam!* Abalou, guiado pelo som, furando como um javardo, aqui saltando uma tojeira, além metendo os pés dentro d'uma poça, e o cachorro agarrando-se-lhe quasi ás pernas, todo encolhido, já sem ladrar.

Não se enganára -- o Perdigoto fôra atacado por dois lobos, e defendia-se como um barra. Era curioso aquelle espectáculo, tão curioso que elle ficou-se um grande bocado a vel-o, todo olhos, sem pensar no risco que o boi corria se as forças lhe faltassem. Um dos lobos atacava pela frente, o outro pela retaguarda. Era preciso defender-se dos dois

ao mesmo tempo, e n'essa defesa realisava o Perdigoto verdadeiros prodigios de agilidade. Até parecia impossivel, com aquelle enorme corpo, que elle podesse virar-se com tanta presteza, evitando que o lobo da frente se lhe pegasse ao focinho, ou que o da rectaguarda se lhe agarrasse ao rabo.

A lucta era desigual, e não poderia continuar por muito tempos em o Perdigoto ser vencido, pois já principiava a fraquejar. Arrancando-se ao seu extasi, o sr. Joaquim Pereira abaixa-se por um calhau, faz pontaria a um dos bichos, e prega-lhe com elle no meio da testa. Ao mesmo tempo urra uma praga furibunda, e salta no meio da clareira, disposto a um *corps á corps*, de cajado no ar, e o Farrusco a ladrar-lhe quasi debaixo das botas. Os bichos, está bem de ver, meteram-se pelo mato, desapontados, não lhes pesando o pé uma onça. O Perdigoto é que não escapou sem duas cajadadas — boi d'um filho da... — e se mais não apanhou, foi porque teve o cuidado de marchar lesto, pondo-se fóra do alcance do cajado.

Pois este homem valente, incapaz de trepidar entre leões, se fosse caçal-os em Africa, tinha um medo phobico das bruxas, e tremia como um canavial só de pensar em lobishomes. Elle bem sabia que o achavam ridiculo por acreditar em bruxas; mas como não havia elle acreditar no que ouvia com os seus proprios ouvidos, no que via com os seus proprios olhos, tão realmente e tão perfeitamente como via os seus bois comendo herva da coutada, ou como via os seus filhos a definharem-se progressivamente, roidos por molestias que ninguem sabia o que fossem, e que até o proprio facultativo era incapaz de classificar?

Que não acreditasse em tolices, diziam-lhe, e elle bem queria achar razão ás pessoas que assim o

aconselhavam. Mas ainda na vespera, a horas altas da noite, estando elle sentado n'um marco, a fumar o seu cachimbo, ouvira por cima da sua cabeça um côro de vozes femininas, tagarelando e rindo, citando nomes que elle conhecia e relatando casos que elle ignorava.

— Vocês não imaginam o susto que eu apanhei. Tinha ido a Santo Aleixo, ao pé de Barrancos, quasi na Hespanha, e demorára-me mais do que contava em casa do freguez. A recomendação era para não sair enquanto elle dêsse signaes de vida, e o estafermo do homem não atava nem desatava; tão depressa dava mostras de estar morto, como dava signaes de vida. Ahi por voltas da madrugada, seriam umas quatro a cinco horas, apertei-lhe deveras o torniquete, e foi então que elle, arregalando muito os olhos, coberto de suores frios, gritando que lhe partiam os ossos todos do peito, entrou definitivamente em agonia, a familia a pranteal-o, e eu espreitando que a alma lhe saisse do corpo, n'uma aflicção, porque tinha de me pôr a caminho antes de ser dia claro. Durou uma eternidade aquelle tormento, o meu e o d'elle.

Quando cheguei fóra da aldeia, muito desconsolado, porque via a impossibilidade de estar em casa a horas convenientes, appareceu-me um cavaleiro, que eu não vira chegar, montado n'um cavalo preto, muito grande, e disse-me que montasse sem perda de tempo, que elle me poria em casa antes que tivessem dado pela minha ausencia. O cavalo não corria, voava, e n'um dado momento eu sentia que elle batia em qualquer coisa, talvez alguma arvore, talvez algum moinho, e receei que nos succedesse algum mal. O meu companheiro explicou, tranquilizando-me — O cavalo bateu com uma das patas no ponto mais alto do castello de Beja.

Muito antes de nascer o sol chegavamos a Messajana, tendo gasto na viagem pouco mais de meia hora.

Que não acreditasse em tolices!

Mas toda a gente sabia que o pai do sr. Manoel da Amendoeira, um dos homens mais serios da freguezia, indo uma noite, montado na sua egua, da villa para o Monte, ahi pelas alturas da Chamusca sentiu o animal parar, estremecendo como varas verdes. Ainda se lembrou que a egua teria visto ou presentindo lobo; mas o mato, ali perto da estrada, era curto como saragaço, e os rafeiros das ovelhas davam signal de si, a pequena distancia, ladrando ás sombras da noite, por instinto de defeza. De resto os cabellos não se lhe tinham erguido debaixo do chapéo, e isso era a prova, certa de que não andavam os lobos ali perto, tão perto que d'elles tivesse faro a egua.

Relanceou a vista pelo matinho curto, a um lado e outro da estrada; deu vaia aos cães, que se tinham aproximado, sempre ladrando, e meteu esporas á egua, que deixára de tremer, mas se conservava parada.

Sucedeu então que o animal, sentindo novamente o ferro nas ilhargas, se poz a andar como se estivesse peada. Vae então o lavrador, achando o caso muito estranho, saltou da egua abaixo, e poz-se a examinar-lhe as mãos e as patas.

Qual peia, nem qual demonio!

Tornou a montar, já desconfiado do caso, e novamente a egua se poz a andar um pouco á maneira dos kangurus, que é exactamente como andam as cavalgaduras peadas.

Estariam as bruxas a contas com elle?

Novamente se apeou, de navalha em punho, e tanto anavalhou a ar, entre as mãos da egua, que

n'um dado momento se ouviu um grito de pessoa ferida, e logo um vulto de mulher, escorrendo sangue, appareceu rebolando-se no chão, diante dos seus olhos pasmados.

— Perdão, sr. compadre, não me desgrace.

Que não acreditasse em bruxas!

Mas se elle as ouvia, por mal dos seus pecados, tão distintamente como ouvia os chocalhos dos seus bois, d'uma tranquillidade biblica, comendo a herva espessa das alvercas, onde coaxavam rãs; estava tão seguro de as ouvir, chamando umas pelas outras — ainda aqui falta fulana — concertando abominações, como estava seguro de ter ouvido no domingo, quando fôra a casa mudar de roupa, o seu Manuel queixar-se de dôres em todo o corpo, ardendo em febre, magro como se o chupassem as carochas — o triste pequenino!

O que havia de ser aquillo senão bruxedo, rebelde como era o mal a todo o tratamento, não simplesmente ao tratamento que o medico, prescrevia, mas ainda rebelde ao tratamento que lhe aconselhára o Virtuoso, e que fôra executado com tanto escrupulo e seguido com tanta fé como se o aconselhára a propria Senhora da Assumpção?

E o peor de tudo — vejam a tragica fatalidade! — é que elle surpreendera n'uma conversa de bruxas o nome da que lhe matava os filhos. Essa creatura sem entranhas — quem lh'o havia de dizer! — era a sua propria sogra. Tinham-no dito outras bruxas, uma noite, estando a lavar roupa n'um tanque da Figueira Brava, sem darem por elle, escondido por traz d'uma rocha, mais pequenino que uma pulga, com medo de respirar, não fôssem ellas sentir-lhe o bafo.

No momento, não acreditou; mas no dia seguinte, indo para o Monte, quasi sol posto, a manta ás costas e o tarro na mão, em busca da ceia, avistou a so-

gra que vinha do lado da aldeia, andando desembarçada como se não lhe pezassem em cima uns sessenta e tantos invernos. Correu, entrou na arramada, pegou n'um martello e n'um prego, e foi pôr-se á esquina do Monte, esperando que a sogra passasse. Não esperou muito. A velha passou, não dando por elle, e elle deixou-a passar, sem lhe dizer palavra. Cravou os olhos n'um dos pontos onde ella tinha assentado o pé esquerdo, e ahi mesmo cravou, batendo-o a martelo, o prego d'aiveca que tinha na mão.

No dia seguinte recommendou ao maioral dos porcos que lhe olhasse pelo gado, e foi de longada até á vila, para ver. . . A velha lá estava, coxa do pé esquerdo, queixando-se de dôres infernaes. — Parece que tenho aqui metido um prego.

Passou-lhe uma coisa pela cabeça, e tanta pancada deu na pobre, que logo á noite teve de ser ungida, por já não poder confessar-se.

Se elle não havia de acreditar em bruxas, depois d'aquella prova decisiva, e se não havia de tremer quando as ouvia passar, altas horas da noite, por cima da sua cabeça, rindo e tagarelando, a concertarem abominações, e algumas indo d'ali, imperceptiveis na vaporosidade das suas fórmas, fazer mal ás creanças, torturar os innocentes, a uns queimando-os em febre, como ao seu Manuel, e a outros chupando-lhes o sangue, como se fôsem bichas descommunaes, applicadas ás duzias sobre cada veia.

Um homem que elle conhecera de Trigaches, honrado em toda a extensão da palavra, matou-se porque um filho se metera a lobishome. O rapaz nascera com aquella sina, o ultimo de sete irmãos, todos filhos do mesmo pai e da mesma mãe, ella tão honrada como elle; mas ninguem foge á sua sorte. O caso foi que um dia o rapaz, indo com o pai, sosinhos, chegaram a um ponto em que se crusavam tres es-

tradas. O rapaz, sem dizer nada ao pai, muito afflicto, parecendo que o coração lhe saltava pela boca, parou no ponto em que se fazia o cruzamento dos tres caminhos, e tudo era fazer signaes ao pai, quasi tão afflicto como elle, para que se fosse embora. Abalou o homem, não sabendo o que fizesse, mas abalou parecendo-lhe que seria peor contrariar o rapaz. Não se teve, ao cabo de pouco tempo, uns minutos, que não olhasse para traz. Viu então o filho a espojar-se na encruzilhada, como um animal, e de repente, transformado em burro, dar um salto tão grande, em direção contraria á sua, que não tornou mais a vê-lo. Com as mãos na cabeça, aparvalhado, rompeu a corta-matos, e quando chegou á Ribeira do Rôxo, n'um sitio onde ella alarga em pego, atirou-se á agua, morrendo afogado.

— Então vocemecê acredita que uma pessoa se mude n'um burro ?

— Sim, senhor. As bruxas mudam-se em galinhas, e os lobishomes mudam-se em jumentos. O poder de Deus é grande, mas o Diabo tambem pode muito, e as pessoas que lhe vendem a alma, fazem tudo quanto querem, sendo para mal. Quer o camarada saber ? A velha Carocha era das que não acreditavam em bruxedos, e a Theresa Arranhada, que era uma refinadissima bruxa, jurou que a havia fazer acreditar. Entrou a fazer toda a qualidade de matraficios a uma neta da velhota, e quando a apanhou bem preparada, uma noite, em casa da viuva do Zé Dias, que tinha fama de ser feiticeira, na presença da avó, com gatimanhos e resas, fez com que a moça se erguesse no ar quasi um metro. A Carocha ia morrendo com um desmaio que lhe deu, e no outro dia foi passar a neta pela toalha de Nossa Senhora, nuasinha como tinha vindo a este mundo, e queimou todo o fato que ella trazia vestido na vespera.

O Joaquim Pereira!

Eu era, para elle, o camarada, talvez porque muitos dias, de manhã á noite, andava na sua companhia, principalmente no tempo dos ninhos, horas infinitas escondido por traz d'uma junqueira ou d'uma esteva, com a ponta d'um cordel na mão, á espera que o incauto passaro regressasse ao ninho, para o apanhar no laço. Conversava comigo como se eu fosse uma pessoa grande, e empregava todos os rigores da sua logica para me convencer de que havia quem fizesse mal como havia quem fizesse bem, e explicava que os bruxedos são os milagres do Diabo, que nunca pode fazer coisa boa.

— A gente não sabe nada. O Inimigo só tem poder nas creaturas que estão fóra da graça de Deus, umas vezes pelo que ellas fizeram, outras vezes pelo que fizeram os paes. Que mal fizeram os inocentes, ainda de mama, para as bruxas darem cabo d'elles, martirisando-os até os matarem? Eu, cá por mim, acredito nas artes e manhas do Diabo para fazer mal, que para fazer bem não tem poder nenhum.

— Não digo que não, senhor Joaquim Pereira; mas ha coisas que eu, só vendo...

— Pois bem, só vendo... Mas aquilo que se mete pelos olhos, caramba!... O meu rapaz estava a esperecer quando eu preguei uma sova na avó, e logo a creança entrou a melhorar, que era um louvar a Deus... Então vocêmecê acredita que seis homens, só com um dedo, possam erguer outro homem a toda a altura dos braços estendidos, se Nossa Senhora os não ajudar?

Este caso, que era uma *jonglerie* das eiras, fazia grande impressão no sr. Joaquim Pereira, em cujo espirito surgia muitas vezes a duvida sobre se a intervenção sobrenatural que n'elle se dava seria divina ou diabolica. — Um homem estendia-se ao

comprido, na palha, e seis ganhões, tres de cada lado, acororando-se, dispunham-se a erguel-o, empregando cada um dois dedos, apenas, de cada mão. O homem retesava o corpo, e os outros applicavam os dedos no angulo das omoplatas, nos quadris e na curva das pernas. Dava-se um sinal de atenção, e os seis homens resavam esta ladainha de pé quebrado, um verso cada um:

*Este homem está morto.  
Pesa como chumbo,  
E' leve como palha.  
Em nome de Nossa Senhora  
E do seu bendito Filho  
Vá este homem ao ar.*

Todos se descobriam, n'este momento, e dizia o sr. Joaquim Pereira que o corpo, mal se acabava a resa, parecia erguer-se por si, sendo mais pesado a descer que a subir.

\*

Quando o gado ia á ferra, no curral das Refroias, o sr. Joaquim Pereira, amigo do seu amigo, prevenia-me sempre de vespera.

— Olhe que amanhã vamos ás Refroias.

Por todos os motivos eu gostava de ir a essa ferra, sendo o principal de todos, este — a lavradora enchia-me as algibeiras de bolos, e dava-me um copinho de licor, que me regalava.

Adiante do gado iam os ganhões, um d'elles portador d'uma garrafa de aguardente para a matadela do bicho, acabada a faina. O curral era de pedra solta, e a porta fecha-se com um carro. Aqueciam-se os ferros ao rubro vermelho, n'um lume em que ardiavam bostas secas, e geralmente era meu pai que os applicava nos quartos trazeiros dos animaes. Havia

sempre episodios curiosos, um moço de cambalhota por ter agarrado mal um novilho, outro arrastado pela imundicie do curral agarrado á cauda d'um boi, como se fosse um bull-dog. Rez em que o meu camarada pegasse, era rez que se rendia pelo canção, porque elle não a largava senão depois de ferrada. Como o recinto era estreito, e o gado era muito, os bois ou vacas que marravam só por excepção arremetiam contra os homens, á força de perseguidos, calculando que os não queriam agarrar para lhes darem palha

Em dia de ferra a ganharia almoçava mais tarde, e se calhava haver em casa vinho que chegasse, a cada homem se dava um copazio, como por festas. O que o sr. Joaquim Pereira não podia levar á paciencia, era que meu pai não mandasse fazer um curral, e tanto azoinou para que elle o fizesse, que um bello dia, estando no Monte, e trabalhando de pedreiro, o sr. Manoel Barão, riscou-se o terreno em que o curral havia de ser feito, e logo se começou a carregar pedra e terra para elle.

Da mesma fórma que para o compadre João Catharino não havia animal como a ovelha, para o sr. Joaquim Pereira não havia animal como a vaca.

— Não se me consta que Nosso Senhor Jesus Christo nascesse n'uma rêde de ovelhas; mas diz a Escripura que elle nasceu n'uma arramada.

Algun senão havia de ter o sr. Joaquim Pereira, homem valente que nunca abusou da sua força, homem pobre e carregado de familia que nunca obedeceu ás sugestões da miseria para resvalar á pratica d'nm acto menos correcto.—Chorava-lhe a alma a um cantinho por uma massaroca de milho assado. Os outros creados pediam-me tudo — guloseimas e tabaco; o sr. Joaguim Pereira nada me pedia, a não ser massarocas de milho, quando elle, ainda em leite,

era proprio para assar. Todos lhe sabiam da balda, e por isso, quando havia descamisada meu pae dizia-lhe que dêsse uma volta ao gado em termos de vir á noite ao Monte, para descamisar.

Era uma festa, para a qual se convidavam as moças de Rio de Moinhos, que nunca faltavam. Dinheiro não ganhavam; mas dava-se-lhes a ceia e o almoço, e as que tinham na serenata os namorados, fartavam-se de ser apalpadas ás escondidas, e de ser beijadas ás claras. Estava assente que em aparecendo uma massaroca roxa, a pessoa que a encontrasse beijava toda a roda. Guardavam-se massarocas roxas d'um anno para outro, e mesmo que todos dêssem pela marosca, ninguem protestava. Sucedia, ás vezes, que uma ou outra Julieta, por imposições do respectivo Romeu, se escusava ao beijo da praxe, e então erguia-se uma pequena tempestade, que logo serenava.

— Olha a toleirona! Talvez imagine que por um beijo perde o casamento. . .

— Sempre é muito asna! Se fosse em sitio onde ninguem visse, dava logo o beijo, e chorava por mais.

A palha do milho é fresca, e eu, logo que principiava a descamisada, tratava de arranjar com ella a minha cama, sem lençoes nem cobertores, tendo o cuidado de pôr ali á mão uma vulgar manta alemtejana, contando já com o fresco da madrugada.

As camisas do milho fazem um ramalhar de tons quasi metallicos, e succedia, as vezes, servirem esses ruidos de acompanhamento a cantares dolentes como a poesia dos psalmos, e eu adormecia como se me embalassem mãos de fada, o céu azul, formando baldequim ao meu leito fôfo, tendo engastada a lua, branca e macia como a hostia consagrada, d'uma palidez chlorotica.

O meu camarada Joaquim Pereira!

...O peor é que elle andou comigo ao colo, ainda novo, e a sua velhice derreada faz-me ter saudades da minha mocidade perdida.

E' tão triste envelhecer!

## O Clemente

---

O que ganhava na Mina chegava para viverem os dois, ele e a irmã, sem olharem ás mãos de ninguém.

Aluguer de casa não pagavam, e isso representava uma economia consideravel, nunca inferior a um cruzado por mez. Servia-lhes de habitação o insignificante casinhoto que tinham herdado dos paes, mortos da mesma doença, com intervalo de poucas semanas. Mulher que fosse arranjada como a sua irmã Francisca, não a havia no povo, e isso era reconhecido por todos, mesmo pelas creaturas maldizentes que nunca se dispensam de attribuir aos outros os defeitos que reconhecem em si.

Ficava nos Altos a casita do Clemente, a meio duma pequenina rua que conduz á Senhora do Castelo, passagem obrigada de todas as procissões em que a Senhora toma parte, ou porque a Festa seja feita a ela, ou porque na Festa a incorporem, em obediencia a velhas tradições. Eram dois compartimentos, separados por uma delgada parede sem rebôco, feita de tijolos crus; parêde incompleta que a mana Francisca aproveitava, como um friso, para lhe pôr em cima frutas e burundangas, num proposito de ornamentação que logo dava nas vistas.

No quintal, murado com tojo em cima de pedras soltas, um poço fornecia a agua com que a mana Francisca regava a sua leira de coentros e de salsa, e ainda lhe sobejava para humedecer o pé duma roseira de todo o ano, muito alta, a debruçar-se na parede, sem medo aos tojos, talvez para espreitar quem passava, talvez para ostentar a sua garridice. A um canto, do lado da casa, ficava uma losna, de perfume intenso, desmaiada na sua côr cinzenta, e junto do poço uma pequenina oliveira, ali plantada no mesmo dia em que nasceu o Clemente, alongava os seus braços delgadinhos, pobres de rama, sempre ermos de fruto, como que a procurar na atmosfera a frescura, a humidade, que a terra lhe não fornecia.

Pouco mais velha era que o irmão, a senhora Francisca; mas ainda creança já tinha preceitos de mulher, e sendo inexcedível de perfeição nos arranjos caseiros, e nos trabalhos de campo, que ás mulheres competem, não havia quem a fizesse ruim. Logo que o pai morreu, viuvo de poucos dias, o Clemente disse á irmã que não queria andar concertado, e que fosse ela ajustar as contas com o amo, recebendo o que ele ainda tinha a dar-lhe, os restos da soldada.

— São tres quartinhos em dinheiro, meia canada de azeite e o pão duma semana.

A mana Francisca ouviu, poz-se a forcer o avental, olhou para o Clemente com o ar de quem interroga, evitando fazer perguntas.

— Vou pra Mina.

Foi admitido sem dificuldade, porque o capataz, um bom homem, conhecia-o de pequenino, amigo do pai desde a escola regia, que ambos tinham frequentado sem proveito, um mal ficando a ler soletrado, e o outro não conseguindo ler as palavras com mais de duas syllabas. Bom trabalhador, sendo

invariavelmente dos primeiros a chegar e dos ultimos a sair, o Clemente foi ganhando a simpatia dos superiores, tanto mais que nada lhes pedia, a não ser que o deixassem trabalhar um quarto mais, no relevo da noite, para ter melhor feria ao cabo da semana.

Ganhava bem; mas quanto ganhava, por muito que fôsse, ia-se-lhe na roupa e no calçado, porque a agua da Mina queimava o pano, o cabedal e a sola, como se fosse lume.

. — Aquilo é uma agua maldita; nada lhe resiste.

Quando ele, á noite ou pela manhã, conforme o relevo em que entrava, lhe aparecia em casa, sujo como um carvoeiro, o candil na mão; branquejando-lhe os dentes por detraz dos labios enegrecidos, a mana Francisca envolvia-o num olhar em que havia comiserção e censura.

— Quanto mais não valia trabalhares em casa dos lavradores!... Um dia acontece-te como a outros — cae-te uma barreira em cima, e para ahi ficas, se não morreres, aleijado para toda a vida.

O Clemente não gostava de trabalhar debaixo da terra, descendo ao fundo dos poços metido numa cuba, quando não tinha que descer por uma escada de madeira, levemente inclinada, duma tão ligeira inclinação que dir-se-hia colocada a prumo. Os accidentes graves não eram frequentes, mas ele não se furtava á preocupação de que um dia, no mais descuidado do seu trabalho, um pedregulho ou uma barreira desabava, e ele, como dizia a mana Francisca, se não ficasse morto debaixo dela, ficaria em condições de nunca mais ganhar a vida.

Foi, por isso, com grande satisfação que ele um dia, chamado á presença do chefe de secção, lhe ouviu dizer estas palavras carinhosas e protectoras:

— Ouve lá, Clemente. . . Tu agora passas a apontador, e ganhas mais dois tostões por dia.

Mandou erguer a parede que separava os dois compartimentos da sua casa, e com os adôbos que lhe sobejaram fez uma especie de tabique a dividir o do lado do quintal, arranjando assim cosinha e quarto de cama, sendo o quarto de cama destinado á mana Francisca. Quiz ela, mostrando nisso o maior empenho, que ele mandasse abrir uma janela na casa de fóra, uma janela com caixilhos. O Clemente disse logo que sim, e ficou resolvido que a madeira para a janela a compraria na feira de Santo Antonio, mandando vir de Beja as vidraças na primeira ocasião.

Dizia-se na visinhança :

— Mal empregados serem irmãos. Haviam fazer um casalinho santo.

O Clemente não era homem que frequentasse as tavernas, nem a mana Francisca era mulher que andasse pela casa alheia, algorandeando, ouvindo aqui para contar além, enleada nos mexericos da sua rua.

— A gente na sua casa é que está bem.

Um dia o Clemente, recolhendo á hora do costume, foi encontrar a irmã na cama, a gemer, com um frio de bater o queixo, uma barra de ferro a pesar-lhe na cabeça, grandes dôres nos rins a partirem-na pela cintura.

— Não te aflijas que isto passa. Uma sessão. . .

Foi logo a correr chamar o medico, que tinha ido para o campo, e só apareceu pela noite velha, encontrando o Clemente á porta de sua casa, numa aflicção torturante, pedindo-lhe quasi de joelhos que fosse ver a irmã, peorando a olhos vistos.

— Se não é sangria desatada, lá chego pela manhã. Os medicos tambem são de carne e osso, e eu já hoje fiz dez leguas de cavalaria. Vae para casa,

rapaz, e não te apoquentes, que isso não ha de ter duvida, Eu lá vou, eu lá vou pela manhã. Será a primeira visita. . .

Deu-lhe vontade de esganar aquele homem frio, insensível á dôr alheia, não querendo dispensar-se do repouso de alguns minutos para acudir a uma pobre doente que talvez no dia seguinte já não precisasse de socorro.

Entrou em casa no estonteamento dum homem embriagado, ruminando projetos criminosos para o caso da irmã morrer antes que o medico a visse.

— Estás melhorsinha ?

O frio tinha passado, mas a febre agora escaldava, e tinha a impressão de que lhe enterravam uma faca do lado do coração, quando respirava, uma dôr muito aguda, muito fina. . . Ele explicou-lhe, fazendo um enorme esforço para mentir, que o medico ainda não tinha vindo do campo, e que apenas chegasse, iria vel-a.

— Isto não ha de ser nada. Uma sessão. . . Vae-te deitar, que precisas dormir.

O caso foi que a mana Francisca, ao cabo de quinze dias, morreu, deixando-o n'uma orfandade que ele não tinha conhecido quando lhe morrera o pae, quando lhe morrera a mãe, os dois empreendendo a viagem de que se não torna com um intervalo de poucas semanas.

Despediu-se da Mina, e como lhe aborrecesse vêr gente, todos os rumores do povoado ecoando no ermo da sua vida interior como um toque funebre, tomou de fôro uma terra para vinha, e resolveu ir para lá viver, n'uma cabana.

A Rufina Maria, muito amiga da mana Francisca, foi a unica pessoa a quem ele deu parte dos seus projectos, recomendando-lhe segredo. Queria viver

fóra de vila e termo, onde ninguem o visse, esquecido de todos.

— Sósinho se veja o diabo no Inferno, sr. Clemente. Vocemecê aqui tem o seu arranjo, e, n'um caso de necessidade, sempre teria quem olhasse por si. Emquanto a gente tem saude, bem vae ela; mas uma pêssoa doente precisa de quem a trate, e voce-mecê, indo para o hospital tinha de lidar com gente, da mesma maneira.

Este arrazoado abalou o Clemente, sem o demover dos seus propositos, e vae então a Rufina, crendo-o em boa disposição, diz-lhe com intimativa :

— Olhe, sr. Clemente, sabe que mais? Vocemecê o que deve é casar-se. A sua irmã, se o visse amparado, havia de ficar satisfeita.

O Clemente nunca tinha pensado em casar-se, de modo que as palavras da Rufina foram como que uma revelação que o deixou aturdido.

— Casar-me! . . . Eu, já agora, fiz tenção de ir viver para o campo, e não mudo. Se casasse, tinha de ficar aqui, porque a mulher não havia querer sujeitar-se a morar n'uma cabana.

A Rufina, como que adivinhando n'ele um sentimento nascente, e proseguindo o seu fito, concebido desde que a Francisca déra a alma ao Creador, afirmou-lhe que se enganava, e que fizesse a experiencia, a vêr.

O certo é que d'ahi por algum tempo o sr. Clemente José e a senhora Rufina Maria davam o nó á face da Santa Madre Igreja, indo noivar para a Cabana que ele construira, o seu Palacio, na terra em que havia de plantar uma vinha.

Nunca o sol, madrugador no verão, lhe entrou na cabana apanhando-os a dormir, e nunca o ar do dia se apagou nas sombras da noite tendo ele já recolhido á cabana para gosar um repouso bem me-

recido. Para ele não havia domingos nem dias santos; se não trabalhava para si, trabalhava para os outros, á jorna, e era quando tinha a vida mais folgada, sem prejuizo dos seus creditos de bom trabalhador.

— Aquele, dizia meu pae, ganha bem o pão que come.

No pino do verão, ás horas em que o sol queima, o Clemente abancava a sua Terra, abundante de grama, e tinha ás vezes a impressão de que era em vidro que batia a enxada, instintivamente fechando os olhos, não fosse cegá-lo alguma estilha. Regada com o suor do seu rosto, sem nenhuma emfase retorica, aquela terra havia desentranhar-se em uvas, e ele já estava a namorar as cêpas, os olhos presos nos grandes cachos maduros.

Teve a bôa sorte de lhe pegarem todos os bace-los, e das estacas de oliveira, que metera, muito espaçadas, porque tinha a certeza de que elas haviam de fazer-se muito grandes, nem uma só falhára, re-ventando com força.

— Aquilo é um bocadinho de terra abençoada, dizia elle a minha mãe. Se Deus me der vida e saude, não preciso de mais nada para viver.

Um dia a Rufina entrou a queixar-se de muitas dôres no ventre, e como estivesse grávida de nove mezes, disse ao Clemente que o melhor seria irem para a vila, até nascer a creança.

Não esteve ele pelos ajustes, e como as dôres apertassem, dôres que lhe arrancavam gritos, foi ele chamar a senhora Ignacia Felicidade, parteira diplomada pela Faculdade de Rio de Moinhos, a mais insignificante aldeia da freguezia.

Nasceu a creança já sol fóra, uma rapariga, e a senhora Ignacia Felicidade, muito ilustrada pela experiencia, chamando o Clemente fóra da cabana, disse-lhe quasi ao ouvido :

— Olhe, sr. Clemente, a aua mulher está muito mal. Vocemecê deve ir buscar o facultativo, a ver se ele ensina alguma coisa. Eu, cá por mim, não sei o que lhe hei de fazer. Que morra, que viva, ela não póde crear a filha, e o melhor será eu leval-a para a Engeitada lhe dar mama, até que vocemecê tome algum governo.

A senhora Inacia Felicidade não exagerava, e o seu instincto de mulher experiente não lhe mentia. Chegou o facultativo, perto do sol posto, e foi o Clemente que ficou tomando conta na egua, emquanto elle observava a doente.

— Então que me diz, sr. doutor ?

— Digo que a tua mulher, está mal, está mesmo muito mal. Se ella estivesse na vila, por descargo de consciencia, mandava-a sangrar. Tem paciencia, rapaz, mas a tua mulher não escapa.

Como o dr. dissesse que ia ás Mezas, falar aos lavradores, o Clemente pediu-lhe que receiptasse lá, visto elle não ter ali, na Cabana, papel nem tinta, e meu pae faria a esmola de mandar um moço aviar a receita.

Pela noite adeante, ainda se não adivinhava o clarear da manhã, a Rufina morreu, já minha mãe tinha mandado para junto dela uma creada, a senhora Tereza de Jesus, para lhe fazer e dar caldos de galinha, para a servir no mais que fosse preciso, que os homens pouco habeis são para a enfermagem feminina.

Logo no dia seguinte ao do enterro o Clemente appareceu no Monte, levando a mesma camisa preta que lhe servira para o luto da mãe, para o luto do pae, para o luto da irmã, muito nova ainda, mas tendo já a maior parte do coração espalhada por sepulturas.

— A senhora Maria Antonia bem sabe. Eu nada te-

nho a que chame meu, a não ser a casinha e aquele bocadinho de terra, que só virá a ser minha se Deus me der vida e saúde. Pagar a criação da menina, não posso, e havia custar-me muito não a ter na minha companhia. Pensei então...

Corriam-lhe as lágrimas pela cara, em fio, e prendeu-se-lhe a voz na garganta, quasi a sufocal-o. A fingir que se assoava, enxugou os olhos, e num esforço supremo, reunindo todas as suas energias quebradas, aventurou um pedido:

— Se a senhora Maria Antonia fizesse a esmola de me emprestar uma cabra parida, eu ia buscar a menina, e criava-a na Cabana. As creanças pegam bem nas cabras; parece que o leite delas é tão bom como o das mulheres. Uma neta do tio Beringel é criada a leite de cabra; está perfeita, que é um louvar a Deus.

No dia seguinte o Clemente, tendo já a cabra na Cabana, a melhor cabra que tínhamos no rebanho, chamada Bocêta, foi buscar a filha a Rio de Moinhos, pagando á Engeitada a criação dum mez.

Um dia appareceu no Monte, com o seu thesouro, a filhita ao colo, e minha mãe perguntou-lhe se a pequena se ageitava a mamar na cabra.

— Muíto bem, senhora Maria Antonia. No primeiro dia ainda estranhou, e mesmo a cabra fez algum reparo. Mas agora a menina pega nas tetas da cabra como se fossem os peitos da mãe, Nosso Senhor me perdôe, e a cabra, coitadinha, até parece que gosta mais dela que do chibo.

Meu pae explicou, do lado:

— Não admira. Passando da Engeitada para a Bocêta, a pequena não fez mais que mudar de cabra.

\*

Era uma linda bacelada, a do Clemente. Não havia terra mais cuidadosamente amanhada que a sua, mas também não havia terra que melhor compensasse os cuidados que lhe davam. As oliveiras cresciam a olhos vistos, e um renque de marmeleiros que ele tinha plantado, quando metera a vinha, do lado do barranco, cresciam ao desafio com as oliveiras, realizando um caso de gigantismo arboreo. As proprias pitas que muravam a vinha, metidas no valado, enraizaram-se da noite para o dia, e o Clemente assinalou uma, a que lhe pareceu mais forte, para dela tirar a funda com que havia de espantar os passaros, dando estalos. Descaldeirava as cepas, na epoca propria, com muito cuidado, não fosse a enchada ferir alguma raiz, e quando deitava o estrume na caldeira, fazia-o quasi tão carinhosamente como metia a comida na boca da sua Maria, coitadinha!... Gabava-se de que na sua vinha não havia torrões, porque todos ele desfazia na cava rasa, e apostava dobrado contra singelo em que ninguem encontraria nela um pé de grama. Quando os bacelos já eram cresciditos, e as oliveiras, um pouco maiores do que eles, erguiam da terra um tronco de palmo e meio, o Clemente, sentado no meio da vinha, em noites calmosas dos fins de Maio, tinha a impressão de que era pae de numerosos filhos, e os traquinas andavam por ali brincando prestes a saltarem-lhe sobre os joelhos, enchendo-o de caricias. Beijou a primeira flor dos seus marmeleiros, e assinalou a primeira cepa em que encontrou um pequenino cacho maduro, chamando-lhe *Maria*, o nome da sua filha.

— Ha de ser o beijinho da vinha.

Quando a rapariga já era crescida, capaz de fazer um recado, pitorrta de cinco annos, em vindo o

dia de S. Lourenço o Clemente mandava-a a minha casa, ás Mezas, levar um cestinho de uvas, muito bem acondicionadas, as folhas da vinha servindo de tampa ao cesto.

— Diga á senhora Maria Antonia que são uvas da cepa Maria. E tenha muito juizo, ouviu ?

A pequena era engraçada, e andava sempre que nem um brinco. Roupinha que já não servisse ás minhas irmãs, era para a Maria Venancia e tinha artes o Clemente de preparar a sua morgada, de modo que tudo nela parecia novo, e nada punha em cima que não fosse limpo.

Era quasi certo meu pae dizer, quando aparecia a Maria Venancia :

— O Clemente é a melhor mãe cá do sitio.

Quando já a vinha produzia em abundancia, o Clemente fez-se dum burro, resolvido a vender aos quilos a uva de meza, boa para guardar, em pendura, vendendo a outra ás arrobas, para vinho. Sentava a pequena entre as canastras, e vá de andar de Monte em Monte, de Aldeia em Aldeia, apregoando a sua mercadoria.

— Compra uvas lavradora ?... Quem quer uvas grandes e dôces ?

Como a estrada ficava perto do mato, os coelhos e as lebres, sobretudo as lebres, eram freguezes que ele tinha certos, logo que as uvas amadureciam. Os espantalhos não lhes metiam medo, e aos estalos da funda habituavam-se elas, acabando por ver que eram inofensivos.

— Fazem-me um prejuizo grande na vinha, aquellas malditas. E então parece que sabem escolher os melhores cachos, os bichos do diabo. As abelhas tambem fazem grande estrago ; mas as lebres são peores. Se vocemecê me emprestasse uma espingarda, eu desengava-as...

Meu pae disse-lhe que sim, que lhe emprestava uma espingarda, recomendando-lhe que tivesse muito cuidado, que não fosse acontecer algum desastre.

— Tira-lhe a escorva quando a tiveres na cabana, não seja caso que a Maria, pondo-se a brincar com ela, a faça disparar.

Habitou-se o Clemente a atirar ás lebres, em noites de luar, quando elas lhe assaltavam a vinha, e como se reconhecesse com geito para dar ao gatilho, dahi a pouco metia-se nas joldas, deixando a filha na cabana, e por lá andava, batendo mato, um dia inteiro.

Foi a Maria crescendo, rija e perfeitaça, de maneira que aos doze anos tinha proporções de mulher, as ancas largas, o peito alto, no labio superior uma penugem que fazia lembrar uma fitasinha de veludo com debrum de escarlata. Foi então que ele fez uma divisoria na cabana, prendendo-lhe ao tecto uma grande esteira algarvia.

Andava a rapariga nos olhos de todos, e vagamente o Clemente receiava que ela viesse a andar nas mãos de alguns. Fazia-lhe todas as vontades, mas advertia-a de que precisava ter muito juizo, senão punha-a a servir. A verdade é que ela o ajudava imenso; enchia-lhe a Cabana de ruido alegre; era todo o rancho que lhe apanhava a azeitona; era quasi todo o rancho que lhe fazia a vindima; era a mulher que lhe lavava e cosia a roupa, sendo ao mesmo tempo a creada que lhe fazia o comer. Nunca ele efectivaria a ameaça; mas repetia-a muitas vezes, e com intima alegria constatava que a rapariga nenhuma tendencia tinha para mudar de vida.

Apenas severo na apparencia, o Clemente adivinhava os pensamentos da filha; prescrutava a sua vontade para lh'a lisongear, os seus appetites e desejos para lh'os satisfazer.

— Gostava tanto de ver uma tourada!

No domingo seguinte era a festa de S. Luiz, em Aljustrel, uma festa que se fazia sempre com grande luzimento, porque todos os lavradores para ela contribuíam, fazendo jus a que o santinho olhasse pelos seus rebanhos, livrando-os de qualquer andaço. Haveria musica, haveria tourada, e o Clemente logo assentou em levar lá a filha.

Quando abalamos do Monte, em carro sem toldo, na azafama de quem vae para a festa, já o Clemente e a filha iam lá adeante, a desandar para o barranco de Braz da Gama, estugando o passo, talvez para se furtarem depressa ás ardencias do sol, mais provavelmente para nada perderem da festa, que prometia ser luzida.

— Bons dias, Clemente! Adeus Maria! . . .

Não tínhamos avançado meia duzia de metros, parou o carro, e minha mãe disse ao Clemente:

— A Maria tem aqui logar. Deixe-a vir.

Quando chegamos á porta da pousada já o Clemente lá estava, radiante de satisfação, tendo dito á comadre Antonia que a sua Maria vinha no carro do Monte com os meninos. . .

— Deixe ficar a pequena que a gente leva-a aos touros, e á tarde vae no carro até á vinha do Francisco da Lança.

As touradas da minha terra!

Dizia a comadre Antonia, definindo a minha paixão tauromaquica:

— Este, em ouvindo falar de touradas, fica tão alvoreado, que já não sabe onde tem a cabeça.

Sim, eu gostava muito das Festas; mas quando elas não meffam tourada, eram assim uma especie de comida insonsa, um espectáculo incompleto, faltando-lhe a parte mais interessante.

O Arco servia de touril, fechadas as duas abertu-

ras com agueiros, e na Travessa recolhia-se o gado já corrido, de mistura com os cabrestos. No adro da Misericórdia, e respectiva escadaria, apinhava-se a multidão dos espectadores cautelosos, as mulheres, os velhos e as creanças, os homens novos e validos formavam bastida do lado da casa do sr. Paula, armados de bordões ou de cajados, os mais tímidos procurando o logar mais seguro, arrimados á parede, e os mais audaciosos pavoneando-se na frente, dispostos a uma pega, se a isso fossem obrigados. O sr. Joaquim Pedro, duma severidade bíblica, em dias de tourada punha a sua varanda, por cima do Arco, á disposição do publico, e a sr.<sup>ta</sup> D. Francisca, sua esposa, recomendava ás creadas que regulassem aquele serviço por forma que os homens não firassem o logar ás mulheres.

Fechavam-se as bocadas das ruas com taboas ou carros, sendo preferidos os carros, em primeiro logar porque davam menos trabalho, em segundo logar porque era cada carro um camarote onde se acomodava muita gente, uns de pé, outros sentados.

Para a musica havia sempre um camarote, excepto quando os festeiros se viam em dificuldades para custearem todas as despezas, e não aparecia uma alma generosa, um particular devoto do santo festejado, que lhes dissesse, abrindo os cordões á bolsa — *Eu ponho o que faltar.*

A comadre Antonia nunca ia ás touradas, mas era sempre muito solícita em preparar tudo, de modo que, por causa dela, não perdessemos alguma coisa do espectáculo.

— Em a senhora comadre querendo, o jantar está pronto.

O que eu queria era andar na Praça, metido com os homens, de rostolhada com outros moços da minha idade, fugindo como um gamo mal a rez asso-

mava a cabeça á porta do touril, e acolhendo-me á bastida, quando não encontrava uma porta aberta. Mas quasi sempre o sr. Morgado mandava oferecer a sua casa, e minha mãe exigia que eu fosse com ela, para estar descansada.

A curiosidade com que eu seguia todos os movimentos do sr. Espertinha, emperezario de todas as touradas, sempre com um molho de foguetes na mão esquerda, e na direita um grande fição, com que incendiava a polvora! Ele dava ordens a toda a gente, como um *faz-tudo* do Coliseu, e se era certo que ninguem lhe obedecia, tambem era certo que todos lhe achavam graça.

Emse ouvindo um foguete, ahi por volta das tres horas, logo todos diziam, como se estivessem a vel-o : — *Lá está o Espertinha a chamar a familia para a tourada.*

Assim que os da Musica se acomodavam no camarote que lhes era destinado, logo de toda a parte se ouviam gritos — Musica! Musica! — e uma grande salva de palmas cobria as ultimas notas da primeira peça que executavam.

Formavam-se grupos na Praça, e por entre eles uma chusma de garotos brincava aos touros, alguns fazendo ouvidos de mercador aos gritos que vinham d'aquem ou d'além, chamando-os: — O' Antonio! O' Francisco! O' Joaquim! — Ah! moços do diabo! — receosas as mães de que esguichasse um boi ou uma vaca do touril, e eles fossem apanhados com uma cornada. Lembro-me do aspecto alegre do Adro da Misericordia, coalhado de gente, as raparigas em cabello, com os seus fatos domingueiros, chilreantes como um bando de passaros, as que tinham os namorados na Praça sem os perderem de vista, inquietas umas, pelo vago risco que os ameaçava, orgulhosas outras pelo ar de valentia que elles affectavam.

O cornetim dava o signal de touro á praça, e logo os grupos se desfaziam, os da bastida punham os cacetes em riste, e os outros trepavam aos carros, a menos que se metessem nas casas que conservavam a porta aberta, algumas protegidas por uma vaga trincheira de taboas presas a dois barrotes.

A's vezes o gado era bravo; mas por via de regra era apenas espantadiço, e se arremetia contra as pessoas, era para se defender, aturdido com o barulho da multidão, querendo sair dali, fosse como fosse, arremetendo contra tudo e contra todos que lhe atravancavam a passagem.

Bandarilheiros não havia; os toureiros mais pimpões, alguns revelando grande vocação para a Arte, colavam papeis besuntados de mel na testa do animal, executando verdadeiros cambios, dosembarçados e elegantes. Se aparecia um animal bravo, dos que limpam a Praça, gritava-se de toda a parte: — *A' unha! Vá p'rá fita!* — e raramente estas incitações deixavam de espevitar o brio da rapaziada audaciosa.

Obrigava-se o animal a umas correrias que o fatissem; passava-se de capote, isto é, de jaqueta, para o estontear, e no momento propicio saltava-lhe á frente, batendo as palmas, um diabo que o animal atirava de cangalhas, vindo a ser dominado por uma chusma que lhe caia em cima, todos a quererem as honras duma péga.

— *Toca a musica! toca a musica!* e logo acudia o sr. Espartinha com as fitas, geralmente verdes e encarnadas, com que havia de ser enfeitada a rez, umas na cabeça, outras no rabo.

Não faltavam os bebedos no meio da Praça e de quando em quando aparecia a mulher de um deles, afrontando todos os perigos, a querer leval-o dali, para onde os touros lhe não chegassem. — *Vem mais*

*eu, Antonio. Isto não é divertimento para homens que teem mulher e filhos. Se te acontecer alguma desgraça, o mal é para ti, mas os teus filhos para ahí ficariam ao desamparo.*

Os bebedos são geralmente teimosos, e algumas vezes a auctoridade tinha de intervir para obrigar um ou outro, mais renitente, a abandonar a Praça.

Naquele dia o gado era bravissimo, vacas e novilhos da Defeza, a todos excedendo em bravura um baixelho, que saiu do touril a mugir, espumando raivas. Num abrir e fechar d'olhos a Praça ficou limpa, e os da bastida encolhiam-se como se fossem de borracha, cada qual procurando ter na sua frente o maior numero de barrigas.

Escarvava o boi no meio da Praça, a tremer, escorrendo-lhe da boca fios de baba, a cabeça erguida, as ventas muito abertas, nas pupilas incendiadas a revoltarem chamas, em que havia laivos de sangue.

De repente fez-se um grande silencio na Praça ; emudecem todas as bocas ; batem mais apressados todos os corações ; os olhares de toda aquella gente convergem para um mesmo ponto, e como que se estendem mãos tremulas para dar auxilio, ou para implorar socôrro.

Dir-se-ia que o boi, espantado de tanta audacia, não quer arremeter contra o homem que o desafia, postado na sua frente, e recua, soltando mugidos que atroam os ares. Mas eis que um lenço encarnado, o conhecido lenço dos paneiros, seguro por duas pontas, como se fosse uma capa, se desenrola diante dos seus olhos, quasi a tocar-lhe na testa, e então a rez avança, n'um salto do tigre, o homem cai-lhe sobre o jugo, entre os cornos, apertando-lhe o focinho entre os joelhos, e numa carreira doida, procurando inutilmente, a sacudir a cabeça, desembaraçar-se do valente pegador, o boi vai esbarrar com elle no mais grosso

da bastida onde mãos sem conta lhe pegam por onde calha, obrigando-o a estar quieto.

Fôra uma pega real.

O Espertinha acudiu logo com um molho de fitas; a musica poz-se a executar a melhor peça do seu repertorio, e os foguetes que ainda restavam subiram ao ar, como que a gritarem a quem estava longe o successo daquella tarde.

—A comadre Antonia, se tivesse ido, havia de gostar.

— Eu ?... ainda que lá estivesse a minha salvação, deixava-me ficar em casa.

O Clemente só fôra á tourada para fazer o gosto á sua Maria, avesso áquelles espectaculos em que ha mais bruteza do que Arte, se é permitido falar em Arte num espectaculo assim grosseiro e primitivo.

Exprimia assim com grande convicção, o seu pensar com respeito á pega real que comovera toda a gente que a presenceara :

— Todo o homem que se atira para a cabeça dum boi, é mais bruto que elle.

\*

Os pastores rondavam a Cabana, e sempre algum deles, por acaso, se encontrava no caminho que seguia a Maria Venancia, quando ia ao poço, ás vezes levando duas quartas, uma á cabeça, outra ao quadril. Ela gostava muito de tagarelar com os homens, e o pobre Clemente, sem o saber, era a demonstração cabal da verdade contida no famoso ditado hespanhol — *Viñas e niñas son my malas a guardar*.

Um dia, indo caçar para o Cerro Queimado, a espingarda ao hombro, os cães a saltarem na minha frente, o compadre João Catarino, tendo-se aproximado para me cumprimentar, disse-me com a mais velhaca intenção deste mundo :

— Aí para os lados da Cabana do Clemente anda uma lebre amalhadica que se farta de mangar com os caçadores. Se o sr. compadre fôr contra o vento, ella deixa-o chegar a tiro.

O certo foi que antes de chegar ao Cerro, esgui-chou uma lebre do meio dos tojos, e os cães enfiaram atraz dela, a Andorinha na frente, o Verdugo logo a seguir, atraz de todos o Pirolito — lape! lape! — e eu a vêr, cá de longe, que o demonio da lebre, não tendo podido acolher-se ao mato, se ia meter nas vinhas. Mesmo ao saír do barranco, a dois passos da Cabana do Clemente, o Verdugo deu-lhe uma trombada, que a enrolou, e antes que ella se pudesse endireitar, a Andorinha ferrava-lhe os dentes.

Quando eu cheguei, a Maria dispunha-se a dar agua aos cães, estendidos a guardar a lebre, ofegantes, a lingua traçada, manifestamente satisfeitos por terem ganho o seu dia.

— Não lhe ofereço para entrar porque a casa não é officiente...

O demonio da rapariga nunca me tinha parecido tão bonita, sem a mais leve garridice do vestuario, os peitos a tufarem-lhe debaixo da bata, os cabelos, muito negros, fazendo-lhe redemoinho no pescoço, os labios, gordos e vermelhos, circunscrevendo uma boca admiravelmente desenhada, os olhos, muito ramalhudos, de pestanas sedosas, movendo-se numa inquietação, a envolverem-nos em ondas de appetite sensual.

Estava habituado a vel-a passar, de tarde, a caminho do poço, muito direita, muito desempenada, bamboleando os quadris como numa dança lasciva, á moda oriental. De longe, com a quarta á cabeça, elegante como uma amfora etrusca dava-me a impressão duma divindade mitologica que andasse por ali, disfarçada em camponeza, a tentar Pan, o grande Deus...

Iam-se-me os olhos presos á graça dos seus me-  
neios e sabe Deus com que heroismo eu resistia ao im-  
pulso de a agarrar pela cintura, delgada sem artificio,  
colando a minha boca á sua, para que não gritasse.

— No barranco ha coelhos, e as lebres andam tão  
desaforadas, que chegam quasi á porta da cabana.

\*

Quando a sombra indicou meio-dia, sem me dar  
ao trabalho de consultar o relógio, para verificar se  
assim era, peguei na espingarda e chamei os cães,  
resolvido a comer o jantar á hora da ceia, quando  
voltasse da caça. A jolda tinha passado, havia quasi  
uma hora, e já no Cabeço se ouviam tiros, muitos ti-  
ros, que os coelhos abundavam ali — são tantos como  
as arreigotas, dizia o Manuel Amores, nos seus exa-  
geros de caçarreta.

Resolvi procurar as lebres na terra limpa ou de  
mato curto, e não tive de me arrepender, porque  
nada menos de tres me apanharam os cães, ainda o  
sol andava alto, e um valente coelho matei eu, um  
mitra que se fizera muito pequenino, alapardado nu-  
ma lentisqueira, á passagem dos cães.

Sentei-me a comer o farnel, repartindo com os  
cães, bocado a um, bocado a outro, o maior bocado  
para o Verdugo, que era o chefe da matilha.

Descaia a tarda numa lentidão que amadorrava, e  
talvez por sugestão dos trajicos acontecimentos que  
evocava aquele dia, Sexta-feira da Paixão, quiz-me  
parecer que em tudo havia um certo recolhimento  
mystico, feito de tristeza e sofrimento. Pareciam-me  
pingos de cera amarela, derretida ao calor de tochas  
mortuarias, as florinhas do tojo, e o rosmaninho, em  
grandes manchas, fazia-me lembrar pelo tom arro-  
xeado, a tunica do Senhor dos Passos.

Gorgolejava, ali perto, um burdo que me deu a vaga impressão dum choro convulsivo, e a grande altura, crucitando, um corvo passava, em vôo sereno, como que a irradiar da sua plumagem negra e luzidia efluvios duma tristeza infinita.

— Estava a dormir ?

Nada me restava do *farnel*, que pudesse oferecer-lhe ; mas ainda tinha na algibeira, intacto, um pequeno cartucho de amendoas com que me presenteára o compadre Rabino.

— Gosto muito.

Já naquele tempo o gesso entrava na confecção das amendoas ; mas aquelas eram das boas, amendoas de cruzado o quilo, sorteadas, uma especialidade que o sr. Antonio Severino tinha mandado vir de Lisboa, por encomenda do Alonso, que era o reitor honorario das Endoenças, naquele ano.

— Não come ? . . .

Deliciava-me a vê-la trincar as amendoas, encarecendo a excelencia de cada uma delas, as brancas, as encarnadas, as de riço, muito melhores que os rebuçados, que se pegavam aos dentes, e se vendiam caros, a três por um vintem.

— Ha de comer esta . . .

— Só metade.

Os seus dentes de felino, muito brancos, muito bem plantados, seguravam a amendoa, de forma ovoide, metida na bôca, no sentido do seu maior diametro. — Era como se num grande morango bem maduro incrustassem um torrão de neve condensada.

— Devagarinho, sim ? . . .

Deitou a cabeça no rosmaninho de que eu tinha feito travesseiro, e colhendo uma porção de flôres, poz-se a aspirar com delicia o seu perfume intenso.

— Cheira a Endoenças.

Ha uma correlação entre todos os sentidos, o que

não admira, visto como todos eles são fórmãs de actividade dos mesmos elementos primordiaes de que se geram, por diferenciação, os tecidos. Tal ha em quem os sons, determinados sons, produzindo-se em especiaes circumstancias, despertam sensações de côr, e sei eu de individuos que transformam as suas impressões de olfato em sensações auditivas.

Disse-o Baudelaire, o admiravel poeta das «Flores do Mal»:

*Les parfums, les couleurs, et les sons se répendent.*

Vão-se enchendo de sombra os vales, dum silencio magestoso, e na fimbria do horisonte, do lado do mar, desdobrava-se uma tela maravilhosa, que dir-se-hia pintada, numa hora de inspiração febril, por todos os grandes mestres da côr.

Assobio, chamando os cães, e por um grande bocado fico-me a vel-a caminhar por entre as estevas num carreiro sinuoso, muito desempenada, saracoteando os quadris, como numa dança lasciva, e quer-me parecer que das moitas proximas faunos espreitam, babando-se de luxuria, a arfarem no rythmo dos seus peitos, dois filhinhos gemeos de cabra montez que se apascentam entre as assucenas, conforme da da Sulamita se diz na divina concupiscencia do Cantico dos Canticos.

\*

Naquele tempo ainda havia muita fé nas aguas de S. João do Deserto, de modo que as festas da Degoção do Baptista, em 28 de Agosto, se faziam com muito enthusiasmo, no meio duma viva alegria campesina, vindo gente de muito longe, de fóra do conselho, mesmo de fóra do distrito, para ali passar uma noite.

A Igreja, muito insignificante, ficava no vale da

Mina, e junto dela, paredes-meias, ficavam os quartos de banho e a piscina ou tanque em que se banhavam os que não podiam pagar. No vestibulo do templo, em bancos de pedra, havia uma fonte, cuja agua era duma tal fortidão, que não se empregava senão temperada.

Pelo meio da tarde começavam a chegar os romeiros, muitos a pé, a grande maioria em carro, formando um arraial muito pitoresco, duma alegria ruidosa e comunicativa. Geralmente armava-se um mastro no pequeno adro da Igreja, por ali sentadas em cadeiras as pessoas de maior consideração, mas banhava-se em toda a parte, desde a tarde até pela manhã, já sol fóra, raparigas e rapazes indo duns balhos para outros, fazendo-se notar as cantadeiras e os cantadores que além de terem melhor voz, cantavam mais a preceito.

O fogo de vistas queimava-se a meio do cerro do Moinho, um lindo fogo em que se revelava a imaginação artistica e pirotécnica do Justo, muito dado a folguedos dionisianos, com uma habilidade tão grande, que já lhe haviam sido feitas propostas para ser fogueteiro da Casa Real.

Paravam todos os balhos quando começava o fogo, e nas peças de mais efeito — dois homens trabalhando á serra; uma velha e um velho requebrando-se em denguiques amorosas — de toda a parte erguiam-se vozes de aplauso — *Bem feita, seu Justo! Bem feita!* — sucedendo ás vezes que uma indiscreta luz, brilhando de repente, denunciava brejeirices de Cupido, a saltar, por ali, de grupo em grupo.

Era doutrina estabelecida que o banho, naquela noite, valia por sete, e assim era que alguns doentes se metiam duas e tres vezes á agua, nos quartos particulares ou no tanque para todos, retirando no outro dia muito contentes, como se tivessem feito uma estação de aguas. Tudo era milagre do Santo,

e do seu grande poder milagrento falavam eloquentemente os numerosos bonequinhos de cêra que ornamentavam as paredes da Igreja, presos a laços ou filinhas de seda, duma largura e qualidade que variavam com a intensidade das crenças. . . e os recursos monetarios dos crentes.

Os milagres de S. João!

Tal havia, festeiro devoto, que tendo resado ao santo no dia ou na noite da sua Degolação, passados mezes se encontrava avô, com as filhas ainda solteiras.

O Clemente, desde que a vinha entrára a produzir em abundancia, todos os anos ia á Degolação, e algumas vezes acontecia vender as suas uvas pelo decorrer da tarde, regressando á Cabana satisfeito, para nada se importando com os folguedos da noite.

Sucedeu, naquele ano, estava ele a pôr as canastras em cima do burro, quasi ao pôr do sol, naturalmente satisfeito por ter vendido o seu peixe, isto é, as suas uvas, succedeu apparecer-lhe o Antonio de Mertola, com dois grãos numa aza, a propôr-lhe a venda da terra que tinha pegada á dele, e que tambem aforára, com destino a vinha.

— Vocemecê fala a sério, ó tio Antonio?

Sempre o Clemente olhára para aquele bocado de terra, do outro lado do barranco, com olhos cubiçosos, e como se deu o caso do Mertola não meter o bacelo, calculava ele que mais hoje, mais amanhã, tirando pouco resultado das searas, o homem se dispuzesse a vendel-a, sendo elle, de todos que poderiam compral-a, justamente aquelle a quem ela mais convinha. Quando tivesse dez milheiros de vinha em plena produção, livre da molestia, ainda não seria um homem rico; mas poderia construir uma casa onde tinha a cabana; já poderia fabricar o seu vinho, que seria o melhor do concelho!

Não eram castelos em Hespanha que elle edificava; mas era uma pequena adega que tencionava construir na Vila, maior do que seria necessario para a sua produção, pois tencionava comprar as uvas que lhe quizessem vender e ele podesse comprar, anexando á sua Adega uma caldeira para aguardente. As talhas iria comprá-las a Beringel, e a lagariça seria uma que fôra do Prior da Pena, sufficiente para a sua azafama, mas demasiadamente exigua para a labuta que o padre tinha. No meio da Adega, muito bem labrilhada, ficaria o ladrão, de tampa movel sobre gonzos, com uma argola ao meio, servindo de puxador. A's vezes pensava que talvez fosse luxo demasiado, o ladrão, visto as adegas pequenas que conhecia o não terem. Mas logo lhe ocorria a possibilidade duma talha rebentar, e era pela certa que um tal accidente lhe custaria mais que o ladrão, arrependendo-se tardiamente de tão falsa economia. Por força que o seu vinho, o puro sumo da uva, havia de ser o melhor do concelho, porque não empregaria em fazelo senão uva bem madura, rigorosamente escolhida. Ele bem sabia como os outros faziam, alguns deles, e dos mais ricos, deitando agua do poço nas talhas, quando trasfegavam os môstos, para terem muitos almudes de vinho.

Dissera-lhe um dia o Romão Jorge :

— Tu não sabes que no talho só ha vaca, ainda que se mate boi ? Pois nas talhas só ha vinho, mesmo que se lhes deite agua.

Ele bem o sabia ; mas semelhante falcatrua repugnava ao seu character honrado, incapaz de roubar na quantidade, quando vendia as uvas a pêso ; incapaz de roubar na qualidade, quando vendesse o vinho aos almudes.

Bebia como os outros, quando calhava, sem nunca se embebedar ; mas como a maior parte do tempo a

passava na Cabana, entretido com os trabalhos da Estação, só muito de longe em longe é que bebia vinho.

Dizia muitas vezes, aos amigos, a falar-lhes da sua projectada Adega :

— O primeiro vinho a sair-me das talhas será para mim. Nesse dia apanho uma carraspana.

Sabia toda a gente, na redondeza da paróquia, que o Clemente pretendia aforar mais terra para a vinha, mas terra que lhe ficasse ali á mão de semear, na vizinhança mais proxima, não sendo possivel obtel-a pegada á sua.

Foi por isso que o Antonio de Mertola, sabendo que ele estava na Degolação, o procurou, já com dois grãos numa aza, para lhe fazer venda da sua propriedade, sem dinheiro para a meter de vinha, e já farto das ruins searas que ela lhe dava.

— Vocemecê fala a serio, ó tio Antonio ?

— Pois já se vê que falo a serio, alma do diabo ! Eu, assim como assim, já não planto vinha, e a respeito de seara, temos conversado.

Entraram em ajustes, e fecharam o negocio. O Clemente pagaria os fóros em atrazo, pagaria o laudemio e daria quinze moedas.

— Vamos lá beber a molhadura.

Copo vae, copo vem, um pagava porque tinha vendido, o outro pagava porque tinha comprado, o caso foi que dentro em pouco o Mertola estava que não se podia lamber, e o Clemente, sem o habito de beber, parecia estar quasi tão bebedo como ele.

— Uma destas nunca me aconteceu . . .

Providencialmente apareceu ali o feitor do Almo, que deu vaia ao Clemente, perguntando-lhe se passava a noite na Degolação.

— Se quizeres vir comigo, é para já.

Abalaram, os dois, a pé, o burrinho adiante, sob

um luar de prata que punha nas coisas proximas vagos tons de suave melancolia.

Mal podia o Clemente com as pernas, e a lingua entaramelada, como se lhe enchesse a boca, não o deixava manifestar ao companheiro a imensa satisfação que lhe ia na alma pelo negocio que fizera.

— Comprei ao Mertola... bocado de terra... Abanco ainda este verão... Meto bachelos... Uma grande vinha... Adega, um ladrão... está bem visto. A's vezes rebenta uma talha... Pois já se vê — uma caldeira para aguardente... O primeiro vinho... Nesse dia apanho uma carraspana que não me endireito com ela...

Não houve remedio senão pôl-o em cima do burro, e quando chegaram perto da cabana, ao apartar das estradas, o outro, seguindo o seu caminho, recomendou ao Clemente :

— Toma cuidado não caias. Deixa ir o burro á vontade

Parou o animal á porta da cabana, e o Clemente, como poudo, lá se desenvencilhou do meio das canastras, escorregando pelo pescoço do burro até bater com os pés no chão.

— Ele não foge...

Entrou na Cabana, dividida ao meio, no sentido longitudinal, por uma esteira algarvia presa no tecto, e atirou-se para cima da cama, vestido como estava.

Ao delirio da embriaguez, meramente episodico, veiu somar-se o delirio, já de feição cronica, mas intermitente, dos seus ambiciosos sonhos, e dahi a pouco, em frases mascadas de bebedo, como **que** a continuar a sua conversa com o outro, o feitor do Almo, estava a falar da sua Adega com ladrão, vinho sem agua, a melhor pinga do termo, uma caldeira para distilar as balsas, fazendo aguardente, uma rica aguardente que não escaldasse as guelas, capaz de matar o bicho á gente fina.

O contacto duma pessoa, deitada ao lado dele, não lhe causou estranheza, mas deu um novo curso ao seu delirio, partindo duma realidade para as mais extravagantes fantasias.

— Não é verdade, Rufina? . . . Fazemos uma casa onde está a Cabana, uma casa de ladrilhos e com vidraças, como queria a minha mana Francisca . . . O melhor quarto ha de ser para nossa filha . . . Que ela, pica-lhe um dia a mosca, e manda os velhos á tabua . . . Tambem . . . a gente não a quer para freira . . . Está bem visto . . . lá com um diabo que não a mereça, não a deixo casar . . . Antes queria vel-a morta que na posse dum estupor que não soubesse dar-lhe estimação . . . Tu lembras-te do nosso casamento, ó Rufina? . . .

As suas mãos sem força, tacteando por baixo da roupa, era como se procurassem joias escondidas.

Fez-se um grande silencio na cabana, o silencio em que se geram os crimes e os misterios, silencio a que dentro em pouco succedia o resonar amplo dum animal farto, mergulhado no somno mais profundo.

Quando já a manhã purpurejava no horisonte, cantando os melros nas figueiras proximas, o Clemente acordou, moido como se tivesse levado uma sova, e poz-se a refazer a sua identidade, ligando dois instantes, dois breves instantes da sua vida.

Sim; fôra á Degolação; propuzeram-lhe um negocio; desafiaram-no para beber; voltou para a Cabana não sabe como, em companhia dum homem, não sabe quem. Pela noite adiante, a sonhar, a desvairar, crendo ter ali, deitada na mesma cama, a mulher que perdera havia muitos anos, as suas mãos sem força tacteando debaixo das roupas . . . Depois, instinctivamente, dominado por um apetite que a sua inteligencia perturbada não podia reaciocinar, a sua

vontade extinta não podia reprimir, sem resistencias a vencer, um proposito consciente vindo em auxilio da sua ataxia de bebedo. . .

Ergueu-se dum salto, como se distende uma mola, recuperando todas as suas energias, e ficou por instantes, que foram seculos, a olhar a filha, profundamente adormecida.

Era lá possivel a sombra duma duvida! . . .

Parecia que lhe saltavam os olhos, no espanto duma visão sinistra, e todo o corpo lhe tremia como nos paroxismos duma catastrophe sem remedio.

Pegou na espingarda que tinha a um canto, verificando se estava carregada, e abalou sem procurar caminho, mudo e resolute, maldito perante a sua consciencia, para sempre deshonorado.

Não via onde punha os pés, mas avançava sempre, a escorrerem-lhe da testa grandes bagas de suor frio, como na fase agonica duma sessão perniciososa.

Vinha gente, lá adiante, um pequeno rancho de maltezes, e ele desatou a correr, não sentindo os tojos que lhe picavam as pernas, segurando com a mão o chapéu, para que não lhe voasse da cabeça. Só parou quando lhe faltaram por completo as forças, e como não visse ninguem, olhando em roda, deixou-se cair de mangualde, massa inerte a que faltára o apoio.

Um pobresinho que por ali passou, descalço e trôpego, foi dizer ás Mêzas que na extrema da Barradinha com o Montinho, no sitio onde ha um grande pereiro bravo no meio duma carrasqueira, estava um homem estendido numa poça de sangue.

— Morto ou vivo ?

Lá quanto a isso, ele nada podia afirmar porque não lhe chegára ao pé, mas parecia-lhe que o homem não estava morto.

Logo meu pai mandou dois creados, o Corrêa e o Narciso, com um carro, para transportarem o homem

para o cemiterio ou para o hospital, consoante estivesse vivo ou morto.

Era o Clemente.

O tiro entrára-lhe por baixo dos queixos, rompendo-lhe o craneo na escama do occipito.

Quando o puzeram em cima do carro, estendido numa esteira de buinho, uma enxerga a servir-lhe de travesseiro, ainda tinha sinais de vida, mas não respondia ao que lhe perguntavam, nem sequer abria os olhos chamando-o pelo nome: — *O' sr. Clemente! Sr. Clemente!*

Ainda não tinham chegado ao barranco de Braz da Gama, a menos de meio caminho da vila, já o Narciso, tirando o chapéu, tinha dito para o Corrêa: — *Deus Nosso Senhor o ponha em descanso... Padre. Nosso que estaes nos ceus...*

Ao tempo que isto foi!

Mas ainda hoje, quando vou ao Monte, gosto de ver a terra onde foi a vinha do Clemente; pisar o chão em que se erguia a sua Cabana, e instintivamente me levam as pernas, indo adeante o pensamento, até junto de pequeno tufo de rosmaninho onde uma vez, em sexta-feira de Paixão, deitado a ouvir um burdo que gorgolejava ali perto, seguindo o vôo dum corvo que passava a grande altura, crucitando, a Maria me aparecera, alta e desempenada, bamboleando os quadris como numa dança lasciva, á moda oriental, os seus labios vermelhos e carnosos provocando fome de beijos, os seus olhos ramalhudos, de pestanas sedosas, prometendo gosos sem fim. Colho um pouco de rosmaninho seco, que esfrego nas mãos, e tristemente recorro a sua frase deliciosa, que seria uma *trouvaille* de artista — *cheira a endoenças.*

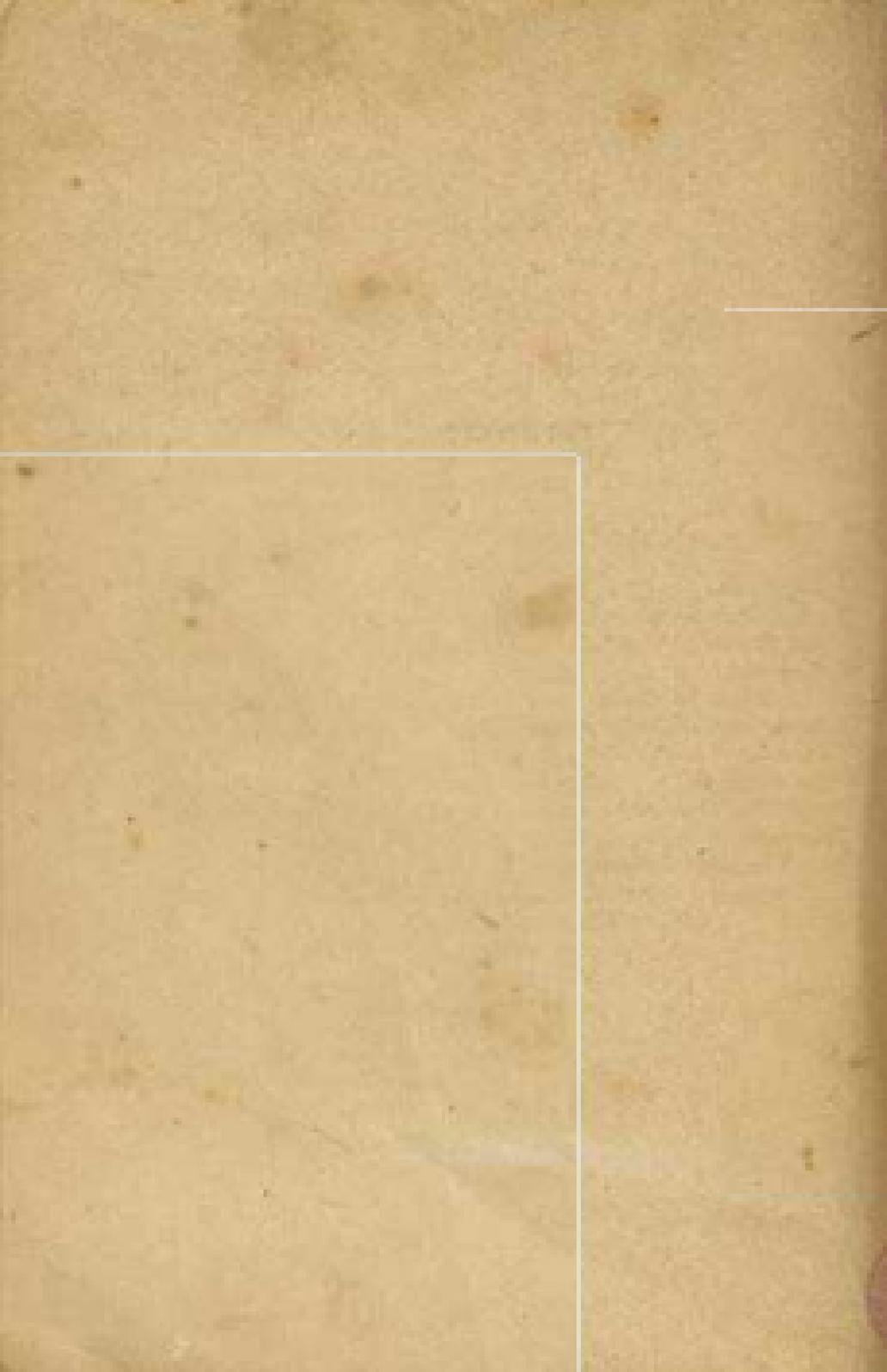
Ai de mim! — cheira-me a defunctos.

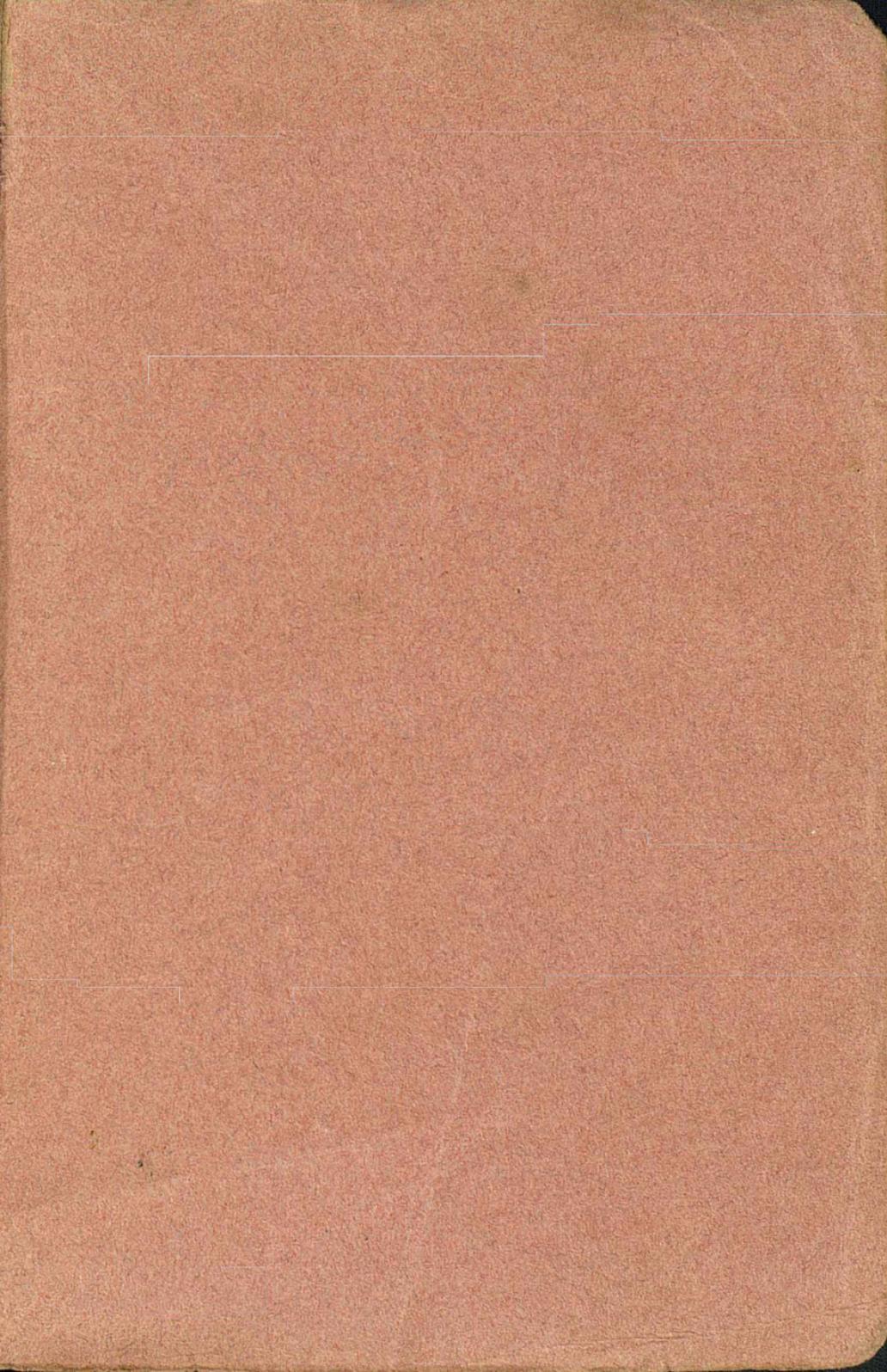
FIM

## INDICE

---

O Figueiras.....	5
O compadre Rabino.....	23
O Mil Homens.....	43
O Romana.....	57
A sr. <sup>a</sup> Maria do Cerro.....	89
O compadre João Catharino.....	103
O Janota.....	117
O tio Rosa.....	129
A comadre Narcisa.....	155
O Amorecos.....	169
O sr. Joaquim Pereira.....	191
O Clemente.....	205





# LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.<sup>A</sup>

68 - RUA DO MUNDO - 70

## OBRAS DE BRITO CAMACHO

<b>Ao de leve</b> .....	2\$00
<b>Impressões de Viagem</b> .....	2\$00
<b>Longe da Vista</b> .....	2\$00
<b>Por ahí fóra</b> .....	2\$00
<b>Nas horas calmas</b> .....	2\$00
<b>Gente rustica</b> .....	3\$00

## BONS LIVROS

<i>Cancioneiro Geral</i> , de Garcia de Resende, 5 vol. ....	15\$00	<i>Os Lusíadas</i> , de Camões, segundo o texto da 1. <sup>a</sup> ed., dirigida pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. ....	5\$00
<i>Cronica do Principe D. João</i> , por Damião de Goes. ....	2\$50	<i>Livros de Montaria</i> de D. João I, 1 vol. ....	6\$00
<i>Cronica da tomada de Ceuta</i> por El-Rei D. João I, 1 vol. ....	5\$00	<i>Decada 13.<sup>a</sup> da Historia da India</i> , por Antonio Bocarro, 2 v. ....	10\$00
<i>Cronica de D. João III</i> , por Francisco d'Andrade, 4 vol. ....	20\$00	<i>Vida e obras de Luiz de Camões</i> . Versão do original alemão e anotada por Carolina Michaelis de Vasconcellos. 1 vol. de 750 pag. ....	10\$00
<i>Cronica da ordem dos frades menores</i> , por José Joaquim Nunes 2 vol. ....	8\$00	<i>As Sabichonas</i> , de Molière. Versão de Castilho. ....	2\$50
<i>Cantos populares portugueses</i> por Thomaz Pires. 4 vol. ....	12\$00	<i>O Misanthropo</i> , de Molière. Versão de Castilho. ....	2\$50
<i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , (Esboço biografico) por Edgar Prestage, 1 vol. ....	5\$00	<i>O Medico á força</i> , de Molière. Versão de Castilho. ....	1\$50
<i>Memorias historico genealogicas dos duques portugueses no seculo XIX</i> . 1 vol. ....	10\$00	<i>O Eterno feminino</i> (realismos e evocações) por Fernandes Costa, 1 vol. em papel de linho, de 550 paginas, edição propria para brindes. ....	4\$00
<i>Medalhas portuguesas e estrangeiras</i> referentes a Portugal, por Antonio Lamas 1 vol. in-4. <sup>o</sup> de 570 pag. de texto e 107 de gravuras. ....	6\$00		

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES

<b>Sem pés nem cabeça</b> , 3. <sup>a</sup> edição, de André Brun. ....	2\$00
<b>Sem cura possivel</b> , 2. <sup>a</sup> » » » » .....	2\$00
<b>A Cidade</b> , de D. João da Camara — 2. <sup>a</sup> ed., papel de linho .....	1\$00
<b>Colvas minhas</b> , contos humoristicos, 2. <sup>a</sup> ed., de Chagas Roquette. ....	1\$50
<b>A Cathedral</b> , romance de Manuel Ribeiro .....	2\$00
<b>Os Barbaros</b> : 1. Antonio Nobre, 2. <sup>a</sup> ed. ampliada, de Albino Forjaz de Sampaio .....	1\$20
<b>Contos</b> , 2. <sup>a</sup> ed., de D. João da Camara. ....	1\$50

**Pelo correlo, acresee o porte**